

Diário de Lisboa

DIRECTOR — NORBERTO LOPES
DIRECTOR-ADJUNTO — MARIO NEVES

TELEF.: 320271 a 320273, 321154 e 321155
END. TEL.: D I B O A — TELEX.: 363

REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA

PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRAFICA
ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.º

EDITOR — J. CHRISÓSTOMO DE SA
NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO

Ao regressar a Lisboa o ministro dos Negócios Estrangeiros salientou a melhor compreensão dos problemas de Portugal nos meios oficiais norte-americanos

No regresso da sua viagem à América, chegou hoje a Lisboa, em avião procedente de Nova York, o sr. ministro dos Negócios Estrangeiros, que, acompanhado pelo seu secretário, sr. dr. Mário Lagoa, visitou, oficialmente, o Brasil, onde assistiu às comemorações do «Dia de Portugal» e depois os Estados Unidos e o Canadá, onde teve im-

portantes conversações com altas individualidades e também com o secretário-geral da O. N. U.

Falando à imprensa, no aeroporto, disse o sr. dr. Franco Nogueira: — Durante a longa e demorada viagem que acabo de efectuar foram numerosas as oportunidades que se me proporcionaram de fazer declarações à imprensa e a outros órgãos de informação, e julgo que, no essencial, foram reproduzidas na imprensa portuguesa. Foram assim oportunamente explicados os fins das visitas que fiz ao Brasil e aos Estados Unidos.

«De momento — prosseguiu —, nada tenho a acrescentar ao que então foi dito; e, por outro lado, não desejaria repetir-me. Mas na ocasião em que regresso a Lisboa, não quero deixar de, mais uma vez, renovar e sublinhar os meus profundos agradecimentos ao Governo e autoridades brasileiras pela forma inexcelentemente fidalga como quiseram receber um membro do Governo português. A minha gratidão vai, em especial, para o presidente da República do Brasil, senhor marechal Castelo Branco, a quem presto as minhas homenagens, que tão demoradamente se dignou escutar-me, e que quis, além disso, presidir à sessão comemorativa do dia 10 de Junho no Gabinete Português de Leitura. Também aos restantes membros do Governo brasileiro, assim como aos governadores da Guanabara e de São Paulo, dirijo o testemunho do meu muito reconhecimento. Mas quero destacar aqui, especialmente, o ministro do Exterior do Brasil, embaixador Vasco Leitão da Cunha, velho e fidalgo amigo de há anos, com quem pude conversar, da ma-

(Continua na página seguinte)

Pierre Harmel tenta formar um Governo belga de união nacional



PIERRE HARMEL

BRUXELAS, 29. — (R.). — Pierre Harmel, o primeiro-ministro social-cristão designado da Bélgica, afirmou, a noite passada, que tentava formar um Governo de união nacional, para pôr termo à crise política que se regista há cinco semanas no país.

Esse Governo representaria os três partidos principais — Social-Cristão (católico-romano), Socialista e o da Liberdade e Progresso. Harmel entregou ao rei Balduino um relatório sobre as conversações que travou durante uma semana com chefes políticos.

N. da R. — Pierre Harmel nasceu em Uccle (Bruxelas), em 1911. E

(Continua na 8.ª página)

A TRAVERS
LE MONDE

PAGE 14

WIDE
WORLD

PAGE 15

VISADO PELO CENSURA



O novo embaixador da Finlândia curva-se, em larga reverência, ao entregar as suas credenciais ao Chefe do Estado. (Ler notícia na página central)

Portugal e o Brasil devem seguir cada um os seus caminhos próprios em questões de ortografia

— opinião de Austregésilo de Athayde

RIO DE JANEIRO, 29. — (A. N. I.) — O presidente da Aca-

mia Brasileira de Letras, dr. Austregésilo de Athayde e o professor Matoso Camara são da opinião de que Portugal e o Brasil devem seguir os seus caminhos próprios em questões de ortografia.

Alegam que a sugestão do filólogo Nelson Vaz, para o Congresso Nacional deliberar sobre a questão, por ter o Brasil adoptado as normas provisórias de 1943 e Portugal o sistema de 1945, só servirá

(Continua na última página)

32 PÁGINAS
HOJE

J U V E N I L

Expulso da Argélia um correspondente especial do jornal «L'Humanité»

ARGEL, 29. — (F. P. e R.). — A agência noticiosa Algerian Press Service comunicou, hoje, que M. Lambotte, correspondente especial, nesta capital, do órgão do Partido Comunista francês «L'Humanité»,

(Continua na última página)

Nota do dia

FUGAS E FRAUDES

A fraude no ensino é de todos os tempos e raros serão os estudantes que não tenham recorrido a ela quando se vêem em apuros, ao prestar as provas escritas dos seus exames. Assim como há pessoas que não sobem um degrau na vida sem recorrer à carta de empenho, há estudantes que não conseguem resolver os problemas que lhes são postos sem pedir auxílio à cábula e sem usar de fraude.

Antigamente, chamavam-se ovelhas ronzosas os alunos que recorriam a esses processos para se tirar de dificuldades. A expressão, porém, caiu em desuso, porque hoje o mal, ou seja a ronha, estende-se, por assim dizer, a todo o rebanho. Recentemente, numa sala de aula de uma escola superior de Lisboa, um professor azeiteu-se de uma aluna de certa idade que prestava provas entre cento e vinte colegas mais jovens e pediu-lhe, delicadamente, que não copiasse tanto. O facto é sintomático e revela o conhecimento que os professores têm já da extensão do mal, que continuará a alastrar-se não se tomarem providências energéticas. No próprio seio das famílias, organizam-se conluios em que pais e irmãos mais velhos animam a fraude

dos jovens estudantes, encarregando-se das soluções de pontos que depois são comunicadas ao maior número possível de interessados. Ora, esta prática é manifestamente lesiva do ensino e atentatória da moral escolar, que deste modo se degrada lamentavelmente. E esclarece, até, com luz inquietante, a própria moralidade cívica. Os poderes públicos não podem ignorá-la e compete-lhes fazer tudo para lhe pôr cobro. Aceitá-la com um encolher de ombros, considerá-la até uma coisa natural e humana, corresponde a uma demissão, de graves consequências para a educação cívica e para a formação moral dos homens que hão-de segurar amanhã nas suas mãos mais ou menos puras o facho da continuidade.

De ontem para hoje

BOMBEIROS FERIDOS

Pouco antes da meia-noite houve alarme em Alvalade porque uma viatura dos bombeiros se voltou no cruzamento das Avenidas da Igreja e de Roma. Ia para um incêndio num quintal nas traseiras do prédio 189 do Campo Grande. O fogo não teve importância, pois tratava-se de ervas secas, e foi extinto com uma agulheta de nevoeiro. A viatura que se voltou era um auto-serviço do quartel de Alvalade. Ficou de rodas para o ar e, posteriormente, foi rebocada para as oficinas do quartel da Av. D. Carlos I. Feridos no desastre, ficaram os srs. An-

O CICLISTA

Ia da Pocariça para a Marinha Grande o sr. Herminio do Amaral, de 27 anos, operário vidreiro, casado. Ao passar na estrada de Picassinos, saltou-lhe a roda da frente e ele caiu de bordo e faturou o crânio. Socorrido na Marinha Grande, foi para o hospital de Leiria, onde morreu.

O COMBOIO O MATOU

A uns quatrocentos metros da estação ferroviária da Trofa foi encontrado o corpo mutilado de Serafim Salgado, de 19 anos, criado de servir no Padrao, freguesia de Santiago de Bougado. Bem perto do corpo mutilado, estava uma bicicleta que a vítima pertencia.

PALÁCIO DE BELÉM

O sr. Presidente da República recebeu ontem, em audiência, no Palácio Nacional de Belém, as srs. D. Luísa Isabel Bettencourt de Azevedo Mafra e D. Olívia Guerra e o contra-almirante Luís de Noronha Andrade. Recebeu ainda a direcção do Sindicato Nacional dos Regentes Agrícolas e a comissão executiva

OS ÚLTIMOS COPITOS

Era amigo do seu copito o sr. José Lopes Barata, de 84 anos, do Rosmanhal. Foi para um arraial e lá lhe «carregou», mais do que era costume. Juntou-se com uns amigos e todos decilitraram para além dos canones. Ora o sr. José Lopes Barata seguiu para casa, meio tonto. Subiu a escada da residência, mas caiu no patamar, indo bater com a região frontal nas pedras. Feriu-se tão profundamente que morreu. A mulher, sr. Maria Isabel Leitão, dura de ouvido, de nada deu conta. No dia seguinte é que foi encontrado o corpo.

O regresso do ministro dos Negócios Estrangeiros

(Continuação da página anterior)

neira mais franca e aberta, sobre assuntos do maior interesse no plano luso-brasileiro, julgando eu que as conversações terão sido muito úteis para as relações entre os dois países e para que doravante se verificasse uma melhor, mais ampla e efectiva execução do Tratado de Amizade e Consulta que os liga.

Disse depois o ministro: «A par dos contactos com o Governo brasileiro, pude, também, participar em algumas das manifestações brasileiras e portuguesas, relacionadas com o IV Centenário da Fundação do Rio de Janeiro, que se processou com grande elevação. Por último, e ainda quanto à estadia no Brasil, quero reter uma palavra de calorosa saudação e apreço às Comunidades portuguesas no Brasil, em particular as do Rio e a de São Paulo, e aos seus chefes; e acentuar que o patriotismo fervoroso dos portugueses que vivem no Brasil e a sua adesão veemente à defesa do Ultramar constituem altos padrões e exemplos de que podemos tirar legítimo orgulho».

As conversações nos Estados Unidos

Referiu-se, a seguir, o sr. dr. Franco Nogueira à sua ida aos Estados Unidos da América do Norte: «Quando aos Estados Unidos, foi inteiramente informal a minha visita. Tanto em Washington como em Nova York, pude avistar-me com algumas personalidades americanas, em especial os secretários de Estado e da Defesa, senhores Dean Rusk e McNamara; o subsecretário Georges Ball, e ainda outras entidades de relevo na vida americana, tanto no plano oficial, como no plano officioso. Não deixei, também, de ter contactos com os altos funcionários de Secretariado da O. N. U., designadamente com o secretário-geral, Uthant. Pude assim colher, directamente, informações sobre a forma como são encarados nos Estados Unidos alguns dos mais agudos problemas da actualidade, parecendo-me uma compreensão mais realista das forças em acção. E foi ainda viável trocar impressões, em especial no Departamento de Estado, sobre pontos essenciais das relações luso-americanas, sendo ícito afirmar que foram proveitosas as conversas, para melhor esclarecimento de muitos aspectos».

ENCERRAM-SE AMANHÃ as comemorações do 67.º aniversário da Sociedade Ordem e Progresso

No ginásio da Sociedade Ordem e Progresso, realiza-se amanhã, às 21 e 30, uma sessão para encerramento das comemorações do 67.º aniversário da sua fundação. Assistem diversas entidades oficiais, representantes de federações, associações regionais e de clubes congêneres, consoante do programa um desfile de atletas de todas as suas secções, distribuição de emblemas de 25 anos de actividade associativa e de prémios de várias provas desportivas; exibição de luta greco-romana e de várias classes de ginástica, e entrega à direcção dos prémios conquistados durante a época de 1964-65 pelas suas secções desportivas.

PASSA À REFORMA o director-geral de Fazenda do Ultramar

O sr. Mário Marques Pinto, que amanhã deixa o cargo de director-geral da Fazenda do Ultramar, por atingir o limite de idade para o exercício de funções públicas, teve, hoje, o seu último despacho com o sr. ministro do Ultramar, que aproveitou a oportunidade para, na presença dos dois subsecretários de Estado da pasta, lhe fazer a entrega das insígnias de grande oficial da Ordem do Infante D. Henrique, com que recentemente foi agraciado pelo Chefe do Estado.

TRIBUNAIS

Fez-se bruxo e espírita para resolver a murro problemas de namorados e burlar muitos incautos

António Marques Loureiro dos Santos, o «Melro de Xabregas», de 28 anos, casado, servente, natural da freguesia de Santa Engrácia, em Lisboa, e residente na Rua Afonso Domingues, no sentido de melhorar os seus proventos, dedicou-se à prática de espiritismo e de bruxaria, convencendo os incautos de que curava os seus padecimentos e «outras coisas mais». Por este artifício fraudulento apanhava importâncias elevadas aos seus clientes. Fez propaganda dos seus milagres, e um dia acabou por cair nas malhas da justiça. A Polícia Judiciária organizou o respectivo processo que foi apreciado pelo colectivo do 2.º juízo criminal da Boa Hora, sob a presidência do sr. corregedor Boraldo Soares. O Ministério Público descreve no despacho de pronúncia todos os factos considerados delituosos.

Em princípios de 1960, o bruxo foi procurado numa das suas consultas por António Gomes que se queixou de sofrer da cabeça sem que os médicos o aliviassem dessas dores. Sugestionado pelos dons de espírita que o réu dizia possuir, para efeito da sua almejada cura o doente entregou-lhe, por diversas vezes, dinheiro no total de 17 000\$00 e confiou-lhe vários objectos para a realização de numerário através do seu empenhamento, com cujo resgate o mesmo António Gomes ainda despendeu depois 18 500\$00.

O «Melro de Xabregas», logo na primeira consulta fingiu «concentrar-se» e recebeu um chá ao «cliente», ao mesmo tempo que recomendava novas consultas, nas quais, com a presença do Gomes, o bruxo fingia entrar em transe e comunicar com o «Além». Assistia a estas sessões a mulher do acusado, a isso forçada pelos maus tratos que o marido lhe infligia. O acusador público considerou, então, que o «Melro de Xabregas» praticara um crime de burla.

O Loureiro dos Santos, depois de ter consultado uma curandeira de Santar, dedicou-se mais afincadamente ao espiritismo e aos bruxos. A mulher daquele, Maria Fernanda, convenceu a ofendida, Maria Estrela Pinto Silvestre do Amaral, de que o réu «possuía um guia» — o espírito da Rainha Santa — por meio do qual curava doenças, e ela, já convencida dos poderes supostos do bruxo, consultou-o, por diversas vezes, na casa do seu avô, Nicolau Marques, em Carregal do Sal. Nessas sessões, o bruxo, que se encontrava em «transe», dava ordens e, sua mulher, a Maria Fernanda, por determinação do marido, lia essas «ordens» por ele escritas, impondo a cliente que as cumprisse rigorosamente. Com o falso pretexto de receberem esmolas para a Rainha Santa, conseguiu

ram que a vítima lhes entregasse, por diversas vezes, em Alcácer do Sal, importâncias no total de 10 000\$00, que gastaram em seu proveito.

Outras vigarices

No Carnaval de 1960, o Loureiro dos Santos chamou Crisía Maria dos Reis Silvestre, encontrando-se ambos na residência do Nicolau Marques. Ao mesmo tempo que afirmava a pobre rapariga ter recebido ordens da Rainha Santa para lhe bater por ter dois namorados, agrediu-a com um violento soco que lhe fracturou os ossos do nariz, causando-lhe doença e impossibilidade para o trabalho por quinze dias, além de uma deformidade embora pouco notável.

O Ministério Público salienta mais um facto de relevância criminal. Maria Odete da Conceição Cesto Gomes Lemos, por morte de seu pai, na República do Congo (ex-Congo belga), e do seu avô, no Brasil, supunha-se herdeira de avultados valores que, aqueles, segundo lhe constava, teriam deixado aos referidos países. Procedeu a diligências, no sentido de esclarecer, em concreto, a existência ou não de bens que, porventura, lhe pertencessem. Entretanto, em data indeterminada, do ano de 1959, por intermédio da declarante Maria Fernanda Correia dos Santos, conheceu o «Melro de Xabregas», como pessoa dada à prática de sessões de espiritismo, e foi convidada a assistir a uma delas. Talvez ele conseguisse resolver o caso das heranças. A Maria Odete, assim ludibriada e, a pedido do Loureiro dos Santos, entregou-lhe 84 000\$00, para a resolução dos problemas pendentes dos bens, autorizando um banco do Porto, em Novembro de 1959, no qual tinha dinheiro depositado, a entregar ao burlão a referida quantia. Mais tarde, exigiu ele ainda 80 000\$00, que recebeu, defraudando assim a senhora em 92 000\$00.

O «Melro de Xabregas», durante o interrogatório, fez uma confissão total, espontânea e profícua dos seus crimes. Depuseram dois declarantes e duas testemunhas de acusação. O seu patrono, sr. dr. Hernani Ramos, desempenhando-se da sua difícil missão, procurou atenuar a responsabilidade do seu constituinte, pois este, arrependido, abandonara a carreira de «medium», afirmando que jamais seria espírita e bruxo. Além disso, ele é um primário. O causidico pediu justiça.

O colectivo deu os crimes como provados, com as atenuantes invocadas pela defesa, usando do artigo 94.º do Código Penal. Assim, o António Marques Loureiro dos Santos foi condenado em dois anos de prisão correcional, duzentos e trinta e quatro dias de multa a 40\$00 por dia, e 2500\$00 de imposto de justiça, convertíveis em dias de prisão. O «Melro de Xabregas» recolheu, novamente, a cadeia para cumprir a pena imposta.

Plenário Criminal da Boa Hora

No Plenário Criminal da Boa Hora, sob a presidência do sr. desembargador António de Almeida Moura, e sendo delegado do Ministério Público o sr. dr. Lopes de Melo, prosseguiu esta tarde, em terceira sessão, o julgamento dos srs. Artur Manuel Ventura Figueira Gouveia, D. Bertília Rosa de Almeida e Silva, José Luís Pires de Carvalho D'Esney, José Francisco Rijo Ribeiro de Almeida, Henrique José de Figueiredo Garcia Pereira, António Manuel de Paula Saraiva, Joaquim José Bettencourt Andrade Sequeira, Luís Manuel Gravata Filipe, Manuel Vítor Sheppard de Azevedo Cruz, Artur Monteiro Figueira, António Guilherme Faria Lopes Alves, D. Maria Georgina Maia de Azevedo, inculcados por actividades subversivas.

Iniciou-se a inquirição das testemunhas de defesa. As instâncias serão formuladas pelos senhores drs. Mário Soares, Duarte Vidal, Lobo Vilela, Cunha Leal, José Saralva, Salgado Zenha, Luís Salas, Roque do Vale, Jorge Santos e Chandelier Duarte.

Em ALVERCA o «DIÁRIO DE LISBOA», encontra-se a venda na TABACARIA CAMPINAS, R. Joaquim Sabino Faria, 18-A.

NECROLOGIA

FUNERAIS

D. Maria Clara Nunes de Vasconcelos Marques

Faleceu a sr.ª D. Maria Clara Nunes de Vasconcelos Marques, de 87 anos, proprietária, natural de Grândola, filha do dr. José Jacinto Nunes, que foi constituinte da República e presidente da Câmara dos Deputados, e da sr.ª D. Maria da

Natividade Pais de Vasconcelos Nunes, e cunhada do antigo ministro da República dr. Brito Camacho.

A sr.ª D. Maria Clara Nunes de Vasconcelos Marques era mãe do sr. dr. António Jacinto Nunes de Vasconcelos Marques.

O funeral saiu esta tarde da Basílica da Estrela — onde o corpo esteve depositado e onde, às 11 horas, foi celebrada missa — para jazigo de família no cemitério dos Prazeres.

SUFRÁGIOS

Rev. dr. Gustavo de Almeida

O Comissariado Nacional da Mocidade Portuguesa Feminina manda celebrar amanhã, às 10 horas, na igreja de S. Nicolau, missa do 30.º dia por alma do rev. dr. Gustavo de Almeida, que foi assistente religioso e director dos Serviços de Formação Moral e Social da M.P.F.

Também amanhã, às 8 horas, será celebrada missa na igreja do Instituto de Odontologia, de que o rev. Gustavo de Almeida era capelão.

VEM A LISBOA o ministro do Trabalho do Equador

MADRID, 29. — (A. N. I.) — Parte, em avião, na quinta-feira para Lisboa, onde permanecerá dois dias, o ministro do Trabalho do Equador, Luis Jaramillo Perez, que ontem regressou à capital espanhola, procedente de Sevilha e Cordova, onde visitou instituições de trabalho.

Jaramillo Perez irá hoje ao Escorial e ao Vale dos Caídos, dando por terminada amanhã a sua visita de sete dias a Espanha.

MENINA COLHIDA por uma furgoneta

LEIRIA, 29. — Recolheu ao hospital desta cidade, onde ficou internada em estado de choque e com vários ferimentos, a menor de 7 anos Maria Celeste Ferreira Duarte, filha de José Baptista Duarte e de Julia Ferreira Rino, residentes em S. Mamede, Batalha, por ali ter sido colhida por uma furgoneta pertencente à Sociedade Armazenista de Vinhos, Ld.ª, de Leiria, conduzida por Abílio Marto de Sousa Ligeiro, de 38 anos, casado, residente no Casal das Brancas, naquela vila. A G. N. R. tomou conta da ocorrência.

Seis rapazes hospitalizados devido a um desastre com um automóvel

COVILHÃ, 29. — Após um festival que se realizou na vila de Teixoso, deste concelho, tomaram lugar num automóvel guiado pelo sr. José António Duarte, de Moscaide, Loures, Carlos Alberto da Silva Borralhinho, 18 anos, solteiro, tecelão mecânico; Francisco José do Nascimento Nogueira, 16 anos, operário; José Alberto Fernandes Baptista, 16 anos, serralheiro; José Alberto Curto do Nascimento, 18 anos, empregado de armazém; Carlos Manuel de Jesus Chistra, 18 anos, empregado de escritório; e Rui Lebre Barros, de 18 anos, aprendiz de tecelão, todos residentes no Bairro do Rodrigo, desta cidade. Na ponte que fica na descida da ladeira do Pisco-Teixoso, o veículo sofreu um acidente, e todos os ocupantes ficaram seriamente feridos, à excepção do condutor, que apenas sofreu leves escoriações.

Com fracturas de crânio, pernas, braços e outros ferimentos e escoriações diversas, todos os rapazes tiveram de ser internados no hospital da cidade.

A P. V. T. tomou conta da ocorrência.

VIDA SOCIAL

DAMASCENO COVÃO

Partiu para Luanda o sr. Damasceno Covão, que se demorará alguns dias naquela cidade, onde foi tratar de assuntos relacionados com a sua organização.

Ora, diga-nos...

— Na sua opinião, qual a marcha de Lisboa que merece o 1.º prémio.



● Em primeiro lugar interrogámos o sr. Artur José Godinho Paulo, empregado de mesa. Respondeu-nos:

— Eu dava o primeiro prémio à marcha de Santa Catarina, que, além de ser a do meu bairro, é, quanto a mim, a melhor, a mais alegre. Isto não quer dizer, no entanto, que eu tenha deixado de apreciar as marchas de Benfca e de Alfama, merecedoras, na minha opinião, do segundo e terceiro lugares, respectivamente. Gosto das marchas, que são uma iniciativa da nossa Lisboa!



● Por último, abordámos o sr. João Baptista dos Santos, empregado comercial. Afirmando-nos:

— Não concederia o primeiro prémio, porque o reservava para a Bica, que este ano não desfilou. Sabe, tenho família nesse bairro. Assisti ao desfile na Avenida. Causou-me boa impressão a de Santa Catarina. Infelizmente, não pude assistir a todo o desfile, porque estava a fazer-se tarde. Nunca deixo de ver as marchas, quer seja na Avenida ou no Pavilhão dos Desportos.

● Vendedeira de flores, a sr. D. Edite de Oliveira de Jesus, a quem formulámos a mesma pergunta depois, disse-nos:

— A Madragoa! Porquê? Bem, porque gostei muito da maneira como dançam, dos «virs» que fazem. Quanto a mim, a Mouraria merecia o segundo lugar e o Alto do Pina, o terceiro. Quando as marchas populares desfilaram, fui ver. Aliás, vou sempre, pois é das coisas que mais me agradam. Trata-se de uma tradição bonita.



Exposição de candeeiros de azeite

No conhecido restaurante «Lorde Bar», na Rua Vitor Cordon, está patente ao público uma interessante exposição de candeeiros de azeite, da maior colecção desta especialidade, existente em Portugal, senão no Mundo inteiro.

Durante cada quinzena, serão sucessivamente expostos os candeeiros mais invulgaes da referida colecção, peças únicas, verdadeiramente de museu, que importa conhecer e acautelar, como peças de arte do melhor artesanato português.

Sabemos que, há cerca de três anos a esta parte, vários americanos têm procurado adquirir esta famosa colecção. Mas sabemos, igualmente, que o respectivo possuidor sempre se tem negado, terminantemente, a vendê-la, antes a vem aumentando e valorizando quase diariamente, de tal modo que se encontra, neste momento, a caminho das setecentas peças.

VAI DISPUTAR-SE NA BÉLGICA

o «Europeu» de bridge

A Liga Europeia de Bridge de Competição marcou para Setembro, na cidade de Ostende, o campeonato da Europa de 1965, a que Portugal concorrerá pela primeira vez.

A direcção da Federação Portuguesa de Bridge, no intuito de permitir a participação de uma equipa portuguesa, efectuou já a respectiva inscrição, tendo incumbido o Conselho Técnico da preparação e constituição da nossa selecção.

Neste momento estão a decorrer os torneios de selecção que se realizam às terças e sextas-feiras, respectivamente no Círculo Português de Bridge e no Centro de Bridge de Lisboa, tendo sido escolhidos 8 dos pares julgados, actualmente, em melhores condições, três dos quais serão depois seleccionados para formarem a equipa representativa do nosso País, que se deslocará a Ostende.

A Federação Belga de Bridge, entidade a qual coube a organização desta importante competição internacional, já anunciou que se encontram inscritos 18 países, entre os quais, além de Portugal, figuram a Itália actual campeã mundial, a Inglaterra detentora do título europeu, e a França, Bélgica, Espanha, Áustria, Holanda, Polónia, Líbano e Alemanha.

O progresso da aviação comercial em Moçambique

Acentua-se o progresso dos serviços de aviação comercial em Moçambique, conforme se verifica dos números relativos a 1964. Aqueles serviços (Divisão de Exploração dos Transportes Aéreos — D. E. T. A.), mantiveram no ano passado as suas carreiras de serviço interno, prosseguiram na exploração das carreiras internacionais de Lourenço Marques para Joanesburgo e para Durban, e da Beira para Salisbury, e inauguraram em Agosto a nova carreira Beira-Blantyre. O número de viagens efectuadas foi de 985, contra 856 no ano anterior, tendo sido transportados 52 001 passageiros, mais 8 007 do que em 1963. Foram percorridos 2 415 173 quilómetros (2 189 036 no ano anterior) e registou-se novo acréscimo na carga transportada, que subiu para 906 toneladas (contra 793 em 1963).

Os prejuízos causados pelo «gafanhoto italiano» não têm significação na economia local

— declarou-nos o engenheiro Rosa Azevedo, chefe da repartição dos Serviços Fitopatológicos do Secretariado da Agricultura

Em certas zonas do Alentejo, nomeadamente nas regiões de Évora e Elvas, uma espécie de gafanhoto denominado «gafanhoto italiano» e também conhecido por «saltão» ou «saltanico», está a causar prejuízos nas culturas e a provocar, legitimamente, alarme nos lavradores ameaçados.

Dadas as versões contraditórias sobre a extensão do caso, provenientes das várias zonas afectadas, estivemos ontem no Secretariado da Agricultura, onde fomos informados de que aquele departamento de Estado iria tornar público um comunicado sobre a verdadeira extensão da ameaça dos gafanhotos e acerca das providências tomadas para limitar as devastações. Na realidade, estiveram naquela Secretaria de Estado, a conferenciar com o sr. prof. eng. Vitória Pires, o director geral dos Serviços Agrícolas e o chefe da repartição dos Serviços Fitopatológicos, o qual acaba de regressar de uma visita às zonas afectadas. Pinda a reunião, tivemos uma breve conversa com o sr. eng. Augusto Rosa Azevedo, que se prestou, amavelmente, a dar-nos conta do que se passa no País relativamente aos ataques dos gafanhotos.

A colaboração dos serviços oficiais

Aquele técnico começou por nos informar que o secretário de Estado da Agricultura, depois de devidamente informado, decidira publicar um comunicado em que se esclareceria a opinião pública acerca da chamada «praga de gafanhotos», e se anunciaria que os respectivos serviços oficiais vão intensificar, na medida do possível, a sua colaboração junto dos lavradores mais atingidos, no sentido de darem mais possibilidades de combate ao voraz insecto.

— Que espécie de colaboração? — perguntámos.

— Assistência técnica, fornecimento de atomizadores e, até, de insecticidas mais eficazes.

A seca e a falta de ataque preventivo estão na origem do mal

A nosso pedido, o sr. eng. Rosa Azevedo deu-nos um quadro da actual situação. O «gafanhoto italiano», ou «saltanico», existente em todo o continente português, não constitui uma «praga», pois não tem hábitos gregários, como a espécie maior, chamada «gafanhoto marrocano» ou «marroquino». Não forma, portanto, nuvens ou enxames, e, por isso, como se encontra por todo o País, é de mais difícil combate. A postura faz-se nos pousios e é aí que, com farelos embaidos em insecticida, se faz o ataque preventivo.

A enorme seca, que vem desde o ano passado, provocou directa e indirectamente o aparecimento de maior numero de saltões. A falta de chuvas salvou muitos ovos que, normalmente, são arrastados pelas águas e, por outro lado, a falta de pastos nos pousios secos e velhos leva os «saltanicos» a pro-

curar as zonas verdes. No Alentejo, a falta de braços disponíveis aumentou ainda a concentração dos saltões, por falta de um eficiente ataque preventivo.

No Algarve havia mais gafanhotos...

Continuando as suas explicações, o sr. eng. Augusto Rosa Azevedo disse-nos, a propósito, que no Algarve havia mais densidade de saltões do que no Alentejo. Mas a divisão da terra, e a presença de braços teve como consequência um eficiente ataque preventivo, de acordo com as instruções dos respectivos serviços oficiais. E deste modo não há notícia de prejuízos causados naquela provincia pelos pequenos gafanhotos indígenas.

Sem querer adiantar números, o nosso interlocutor disse-nos que os prejuízos sofridos nas regiões mais afectadas — Évora e Elvas — não chegam a ter significado para a economia local, e muito menos nacional.

— Certamente que os lavradores, que viram desaparecer algumas culturas, sentem-se prejudicados. Vinte, trinta ou cinquenta contos que sejam, são prejuízos que contam para um lavrador. Mas se considerarmos os prejuízos totais da ordem, por exemplo, dos mil ou mesmo dos mil e quinhentos contos, temos de convir que não podemos, na economia nacional, considerar isso uma tragédia.

A extinção do saltão é impossível

— Não se pensa em exterminar este insecto?

O sr. eng. Rosa Azevedo sorriu-se. E explicou-nos que esse objectivo não é possível de atingir. Em toda a parte há pousios e criação

A NOVA LISTA TELEFÓNICA DE LISBOA

Está em distribuição pelos assinantes da APT a nova Lista Telefónica de Lisboa, agora em formato normalizado, o que obrigou a sua recomposição total, tendo a empresa editora aproveitado a ocasião para utilizar um novo tipo de letra de maior legibilidade e para introduzir algumas alterações que a tornam menos volumosa e de mais fácil manuseio. Assim, foram abreviados alguns nomes próprios e outros de arruamentos, reduzidos a iniciais os nomes excessivamente longos, subordinados por aspas à indicação inicial apelidos muito frequentes, etc.

A Lista, mais racional e mais fácil de consultar, é apresentada com uma capa mais agradável e sugestiva que a anterior, além de que o formato reduzido permite uma maior comodidade no uso diário a que vai estar sujeita.

A CIDADE

PODIA VER AS «MARCHAS» E DEIXAR OS OUTROS VÊ-LAS PARA NÃO ARRANJAR SARILHOS...

O sr. Heleno Tomásio, servente de pedreiro, foi, no sábado, ao Pavilhão dos Desportos assistir ao desfile das «marchas» populares. A certa altura, levantou-se do seu lugar, mas, porque tirava a vista das pessoas sentadas nos bancos atrás dele, ergueram-se protestos e interveio a polícia. Intimado a sentar-se, obedeceu; e tudo indicava que a coisa ficaria por ali. Tal não sucedeu, porém, pois ele começou, depois, a protestar, dizendo que, afinal, quem não pagava bilhete é que queria estar à vontade. A nova intervenção da autoridade, o prevaricador, segundo parece, atirou-se

ao chão e feriu-se. Conduzido à próxima esquadra, disse ser soldado do Exército, o que depois se verificou não corresponder à verdade.

Foi presente ao Tribunal de Polícia e, ao ser interrogado sobre a origem dos ferimentos que apresentava, atribuiu-os a uma testemunha e ao captor.

O juiz, sr. dr. Nunes Correia, ditou para a acta um despacho para que fosse extraída certidão do auto de captura e do exame feito pelo médico do tribunal ao arguido, bem como da sentença que viesse a ser proferida, e tudo remetido ao comando da Polícia, com vista à apreciação das circunstâncias em que foram produzidos os ferimentos apresentados pelo arguido e das suas declarações.

Ouvidas as testemunhas, provou-se que aquele dirigiu ao captor, o qual estava no exercício das suas funções, as injúrias constantes do auto respectivo. A favor dele, porém, militava a circunstância de os factos terem ocorrido em ambiente de festa, o seu nível de educação e a ignorância do mal cometido.

Foi condenado em 30 dias de prisão correcional, igual tempo de multa a 10\$00 por dia e no imposto de justiça de 200\$00, pena suspensa por dois anos, desde que fosse pago imediatamente o imposto.

O vinho é para se beber com moderação

Homem pacato e caseiro, saindo, contudo, uma tarde destas, da sua norma habitual, andou em romaria por várias capelinhas. Copo aqui, outro além, às tantas da noite o sr. César perdeu o tino das coisas e ficou estendido nas Escadinhas das Olarias. Um guarda da P.S.P., que por ali passava, teve um sobressalto, julgando o homem morto. Abanou-o, tomou-lhe o pulso, debruçou-se a auscultar-lhe o coração — e intendeu-se do verdadeiro estado dele. Ajudou-o a levantar-se, mas o ébrio, cabaleante, a custo se sustinha nas pernas. Lá conseguiu levá-lo, contudo, até à esquadra.

No Tribunal de Polícia, o magistrado, sr. dr. Nunes Correia, interrogou o guarda, o qual confirmou que o arguido estava fortemente embriagado. Apanhou oito dias de prisão, remíveis a 10\$00 diários (levando em conta dois dias de prisão preventiva) e em 150\$00 de imposto de justiça.

As providências de Estado da Secretaria da Agricultura

Recebemos da Secretaria de Estado da Agricultura a seguinte comunicação:

Por motivo da excessiva secura da Primavera, os lavradores da faixa interior do País têm visto este ano as suas culturas ameaçadas ou atacadas por uma praga de gafanhotos que já provocou, a alguns, prejuízos importantes. O gafanhoto em causa é, como se tem dito, o *cliptamus italicus*, espécie que vive normalmente nos pousios com mais de dois anos na faixa continental do País e que, em Primavera, invulgarmente secas, como a deste ano, e na falta de pastagens dos pousios, procura as manchas verdes — praticamente as culturas regadas —, que destrói mais ou menos na medida em que não seja combatido.

Dada a extrema dispersão da praga e das culturas susceptíveis de serem atacadas, não é possível aos serviços oficiais procederem a uma prossecção minuciosa, nem a sua interferência directa pode evitar completamente os prejuízos. Cabe-lhes, no entanto, a missão de aconselhar o lavrador sobre as medidas a adoptar, tal qual o fazem em relação a outras pragas, e eventualmente proporcionarem-lhe facilidades que estejam ao seu alcance, no sentido de tornar mais efectivo o combate. Seguindo este critério, os organismos agrícolas regionais foram oportunamente instruídos so-

bre os conselhos técnicos a fornecer aos lavradores, e a Direcção-Geral dos Serviços Agrícolas providenciou a atribuição de contingentes extraordinários de sementes para iscos e a distribuição daqueles seus organismos do insecticida necessário para a respectiva preparação. Mediante tal acção, muitos foram os casos em que se tornou possível defender com êxito as culturas de ataques dos gafanhotos. A despeito dessas medidas, nalguns casos, a acção de combate ao gafanhoto não logrou, por motivos vários, todo o resultado pretendido.

A Secretaria de Estado da Agricultura, através da Direcção-Geral dos Serviços Agrícolas, vai intensificar ainda mais a sua colaboração com a lavoura nos trabalhos de luta contra o gafanhoto italiano promovendo imediatamente o empréstimo de atomizadores em maior numero e a cedência gratuita dos insecticidas destinados à defesa das culturas mais ameaçadas de destruição, por os acridios as terem já invadido. Há, no entanto, que considerar os graves riscos derivados da aplicação desses insecticidas, pois lá exige do agricultor as maiores cautelas, de modo a evitar que tanto as culturas como os pastos sejam consumidos antes de passado o período de tempo, variável com a natureza do produto venenoso utilizado, após o qual não existam perigos de intoxicação.

DIVERSÕES

TEATROS ★ CINEMAS

CIRCO ★ VARIEDADES ★ ÓPERA ★ BAILADO ★ TV ★ RÁDIO

No Teatro Vasco Santana

**«Ela, ele e os complexos»
um êxito que se prolonga**

Por nítida influência do clima, as pessoas esperam, durante o Verão, que as companhias teatrais lhes ofereçam espectáculos divertidos e ligeiros. Essa a razão por que a Companhia Teatro Estúdio de Lisboa decidiu iniciar a sua época estival com a engraçadíssima comédia de Jean-Bernard Luc «Ela, ele e os complexos». A sua decisão foi acertada, porquanto este espectáculo atingiu, simultaneamente, dois objectivos. O primeiro: divertir. O segundo: manter o elevado nível artístico que a companhia

impôs a si própria. Tal como a crítica salientou, trata-se de um excelente espectáculo que pelo facto de ser uma comédia não deixa, contudo, de constituir uma manifestação de bom Teatro. Para isso muito contribuíram a tradução acertada de Norberto Lopes e a interpretação excelente de Helena Félix, Carlos Duarte, Joaquim Rosa, Maria Laurent, Adelaide João, Glicínia Quartín, António Vilela, Idalina de Almeida e Julia Babo.

Não temos dúvidas de que «Ela, ele e os complexos», em cena no Teatro Vasco Santana, continuará a fazer rir, gostosamente, o público de Lisboa por muito tempo!

do e chocante que, nas capitais onde foi apresentado, tem levantado a mais viva polémica e o mais vivo interesse.

«O Comprador de Horas», autêntica obra-prima do teatro contemporâneo, traz-nos a reaparição de Laura Alves numa figura que fala

ao coração do povo e que mais uma vez põs à prova as suas qualidades de excepcional artista. «O Comprador de Horas» reúne também, no seu elenco, dois consagrados actores: Paulo Renato e Rui de Carva-

(Continua na 6.ª página)

AR CONDICIONADO

TEATRO VILLARET

Alegre comédia de PRESSLER

«BRAÇO DIREITO, PRECISA-SE!»

RAUL SOLNADO

e a sua alegre Companhia

CONCURSO QUADRAS & GARGALHADAS

Se pensas que penso em ti
Teu pensamento é errado
Eu só penso no que ri
Só de pensar, no Solnado

3.º mês
Bilhetes desde 15\$00

AR CONDICIONADO
HOJE

às 21 e às 23 h.

Concurso com o patrocínio IOGURTE LISBOA



NO VARIEDADES

«O Menino da Mamã»

No Teatro Variedades, prossegue, hoje, às 21 e 45 a carreira da comédia de Ibañez Serrador «O Menino da Mamã», um prodígio de comicidade, tratando de um assunto sério, mas a rir, e que constitui, de momento, a maior fonte de alegria e bom humor. Henrique Santana e Irene Isidro comandam um elenco em que se incluem ainda nomes como os de Maria Helena, Irene Cruz, Henrique Santos, João Lourenço, Luisa Durão, Lynne Motta. Trata-se, em suma, de um cartaz que se afirma há já três meses, como o grande triunfo teatral do momento: um saboroso espectáculo para maiores de 17 anos.

NO TEATRO VILLARET

Graça e frescura na alegre comédia

«Braço Direito, Precisa-se!»

No moderno e confortável Teatro Villaret, com ar condicionado, continua a êxito da comédia «Braço Direito, Precisa-se!», que Manuel F. Pressler escreveu especialmente para o grande cómico Raul Solnado. «Braço Direito, Precisa-se!» é uma comédia plena de graça que oferece ao público duas horas muito bem passadas e em boa companhia.

Hoje às 21 e às 23 horas, mais gargalhadas e palmas para Raul Solnado e para Maria Paula, Barroso Lopes, Isabel Ruth, Armando Cortez, Nicholson, Clara Rocha, Luís Pinhão e Isabel Ferreira. Óptimo espectáculo, fresco e alegre, no moderno teatro da Avenida Fontes Pereira de Melo.

NO MONUMENTAL

«O Comprador de Horas» o êxito em que reaparece Laura Alves

Lisboa recebeu com o mais vivo entusiasmo um espectáculo atrevi-

A ESTÂNCIA MUXITO

declarada de utilidade turística
VALE DE CATOS — AMORA
e a sua

«BOITE» AO AR LIVRE

oferecem todas as noites a nacionais e estrangeiros
no melhor ambiente
na mais famosa área de repouso

Um mundo de sonho que a própria
natureza lhe empresta

Magnífico conjunto privativo

Dance na «BOITE» MUXITO
mas... dance ao ar livre

MUXITO É TURISMO

Encerrada às 2.ª Feiras para descanso do pessoal

Espect. 15/anos

FESTEJE HOJE O DIA DE S. PEDRO
: : : : : NA : : : : :

FEIRA POPULAR de LISBOA

A FAVOR DA COLÓNIA BALNEAR INFANTIL DE «O SÉCULO»

AS FESTAS DOS SANTOS POPULARES TEM CONSTITUÍDO UM MOTIVO ESPECIAL PARA A DISTRACÇÃO DE TODOS É DE PREVER, PORTANTO, QUE, HOJE A FEIRA REGISTE UMA VERDADEIRA ENCHENTE DE PESSOAS DISPOSTAS A DIVERTIREM-SE NO AMBIENTE MAIS POPULAR DE LISBOA

— ABERTURA ÀS 19 HORAS —

HOJE: Sorteio de 60 cheques-brinde, no valor de 100 contos, oferta das Máquinas de Costura «ELNA»

***** NIGHT CLUB **NINA** *****

Maiores de 21 anos

AYLA HAN

Turca — em danças orientais

ANA BERTA

Costa-riquenha — em danças modernas

NO FIM DO MÊS NOVO PROGRAMA

Ar condicionado

«Matinées» todos os dias das 18.30 às 20.30 com atracções

5^a

SEMANA

E ÚLTIMA

MONUMENTAL

ÀS 15.15 E 21.30

ANTHONY QUINN
ALAN BATES · IRENE PAPAS

«ZORBA, O GREGO»

PRODUTOR E DIRECTOR MICHAEL CACOYANNIS

com LILA KEDROVA · GEORGE FOUNDAS

A PUBLICIDADE DESTA FILME ESTA
CONFIADA AO PÚBLICO

COLISEU

Emp. Ricardo Covões, Herds.
AMANHÃ, às 21.30
(Maiores de 12 anos)
Cinema a preços populares
A GRANDE EPOPEIA

A PONTE DO RIO KWAI

com o grande actor
ALEC GUINNESS
Geral a \$500

AGUARDENTE VELHA

Niepoort

a prova está na prova

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os
COMBOIOS ELÉCTRICOS

MOMENTO DESPORTIVO: «GOLF»

Caldwell, no seu romance «Motim em Julho», apresenta-nos um governador que, nos momentos de maior tensão racista, punha a cana ao ombro e ia para a pesca. O mesmo acontecia (dizem...) com um presidente dos Estados Unidos, quando a guerra fria começava a aquecer. Mas em vez de praticar a pesca — praticava o «golf»...

E' esta a primeira ideia que me ocorre ao ouvir o locutor do «Momento Desportivo» anunciar a entrevista com o professor Pedro Nolasco. Essa e a de um gordíssimo milionário americano a dar pancadinhas amáveis na pança dilatada: — Tenho barriga a mais. Preciso de «golf»...

Sim, sim. Parece que os milionários apreciam. E' preciso que a barriguinha não se torne escandalosa...

Ora espera! O desporto pode ser um bom isco para turismo. Então o «golf», estão a perceber... Milionários... Os buracinhos a enchem-se de bolas — e de dólares... Talvez, quem sabe, um campo de dezoito buracos dê mais rendimento do que um campo de dezoito alqueires de sementeira...

Parece que não me enganei nas minhas presunções. Passo a transcrever tão fielmente quanto possível, um passo da entrevista com algum interesse, a vários títulos.

DR. PEDRO NOLASCO — E' claro que o «golf» está a ter um grande desenvolvimento no nosso País. Perto de Lisboa, na Serra da Carregueira, há um campo de «golf» de nove buracos, que vai ser ampliado para dezoito. O campo de Pedras Salgadas deve ser inaugurado dentro de dias. No Algarve prevê-se a construção de três campos, um outro na Costa da Caparica e prevê-se um em Tróia, um campo espectacular porque é praticamente metido dentro de água.

FERNANDO PIRES — Certamente a Federação Portuguesa de Golfe, para realizar esta obra, deve ter contado com subsídios da Direcção-Geral de Desportos...

DR. PEDRO NOLASCO — Sim, teve alguns subsídios.

FERNANDO PIRES — O melhoramento das instalações deve-se à iniciativa dos dirigentes?

DR. PEDRO NOLASCO — E' que isso é uma faceta que está ligada ao turismo, ao grande surto de turismo que está a haver no nosso País. São as próprias empresas que interessam, porque é uma forma de prender o turista, o turista-desportista que quer praticar e, se não encontra, procurará outros locais onde terá campos.

As breves palavras do entrevistado levar-nos-iam a uma longa meditação sobre as vantagens e desvantagens do turismo. Sobre a melhor ou pior forma de atrair o turismo. E sobre a protecção devida aos desportos pobres e aos desportos para ricos. Uma meditação que...

MARINHA DE GUERRA

O sr. capitão-de-fragata Nuno Ximenes Teixeira de Aragão foi nomeado para exercer o cargo de professor do Instituto Superior Naval de Guerra.

O segundo-tenente José Deolindo Torres Sobral e o aspirante a oficial da reserva naval António de Almeida Correia de Sá foram designados comandantes das lanchas de fiscalização «Mercurio» e «Vénus», respectivamente.

Foi colocado na situação de reforma o comodoro de administração naval da reserva da Armada sr. Ilídio de Oliveira Barbosa.

UTILIDADE TURÍSTICA para um novo hotel

Por despacho do Presidente do Conselho, foi confirmada a declaração de utilidade turística concedida, a título prévio, ao Hotel da Baleeira, em Sagres.

pos levaria decerto muito longe... Acontece que estou fatigado e não preciso de perder barriga. Por enquanto.

Com a vida sedentária que a profissão me impõe, quem sabe se não terei ainda de pedir uma ajudinha ao «golf»... ou à Direcção-Geral dos Desportos...

POR UM MUNDO MELHOR

O conferencista pretende estabelecer diálogo. Com quem? Com todos os homens de boa vontade. E quais são os tais? São os que desejam colaborar na construção de um mundo diferente deste que nos coube viver. Se, realmente, leitor amigo, és desses, és contigo que o padre Vieira Pinto deseja entrar em diálogo. Como? Não o disse. Mas ainda faltam três palestras.

Para já, ficámos a saber que, segundo sua reverendíssima, há seis tipos sociais: a) saudosistas; b) conformistas; c) inconscientes; d) os optimistas; e) os revoltados; f) os construtores (de um mundo melhor, entenda-se).

Pode dizer-se que é uma classificação arbitrária, muito subjectiva, sem obediência a nenhuma base científica. Trata-se de uma demarcação cuja finalidade é introduzir-nos no fim que tem em vista.

Fim, aliás, muito obscuro. Ao longo da sua palestra, o Padre Vieira Pinto deu mostras de uma certa desorientação, que se não coaduna com o seu objectivo de orientar. E', por exemplo, da opinião de que «já não há nada por descobrir no mundo, que está tudo descoberto, que já conhecemos tudo (!!!)». Esta conclusão é de um simplismo tão evidente, que torna desnecessária qualquer demonstração.

Acha, por outro lado, que «a crise das relações humanas» (que tanto o preocupa, e muito justamente, aliás) tem uma das grandes causas na «explosão demográfica»: 250 milhões de pessoas no tempo em que Cristo andou pela Terra (como obteria o padre Vieira Pinto esta informação?), um bilião no século passado, quatro biliões agora, sete biliões no ano dois mil.

Abstraindo deste ultimo pormenor (realmente não se entende como os sete biliões do ano dois mil podem influir nas actuais relações humanas...) parece não estar a afirmação devidamente fundamentada. Seria necessário demonstrar que não foram criadas condições para alimentar e defender todo o pesoal em ritmo proporcional ao aumento dele. Sabe-se que não existe um problema de capacidade. Existe um problema de organização. Logo...

Aliás, na longa palestra do padre Vieira Pinto, nota-se uma profunda descrença na força do homem («o desequilíbrio entre o homem e a técnica...») «o homem fracassou...») um saudosismo, lembrança de uma Idade de Ouro («o homem hoje vive dominado pelo medo...»). Só hoje, Padre, uma visão errada dos fenómenos quando atribuiu ao desajuste entre o homem e a máquina, e a técnica, a causa da sua infelicidade e perdição. O desajuste é de relações sociais. A pobre máquina, coitada, não sabe o que faz...

Por outro lado, certas afirmações do padre Vieira Pinto são de molde a criar uma certa perplexidade: «Esta fome de autenticidade — diz-nos ele — significa hoje que há um conjunto de responsáveis de todas as categorias sociais, camada intelectual (e não intelectual), camada de trabalhadores, todas as camadas sociais, há uma minoria que deseja viver francamente a sério e deseja tomar a sério um cristianismo sério».

Sim. Perplexidade é a palavra

certa. Entretanto, esperemos que nas próximas palestras surja mais claro o pensamento do Padre Vieira Pinto.

A VIDA DE BING CROSBY

Certos nomes são muito «re-pousantes» em épocas de crise, de depressão, como era o de Bing Crosby durante os trágicos anos trinta. Ao menino, para dormir, põe-se-lhe a «chucha» nos lábios inquietos. Depois, quando o menino cresceu, quando já não precisa dela, tira-a fora, esquece-a. E inventa outra...

Por vezes, o destino da «chucha-que-não-serve» é bem trágico. São esses os que mais sinceramente, mais totalmente, se dão ao jogo. Os calculistas, os oportunistas, foram o ninho de uma bela penugem, prepararam o futuro, aí não, brincas!

Bing Crosby, cantor, actor, artista de cinema, de rádio, de televisão, empresário, diligente contabilista dos fabulosos lucros na venda dos discos, foi um dos que se não deixaram tentar pelo canto da sereia. Logo no início da carreira, a acreditar no que diz o Mensurado (em tradução por certo) Bing Crosby não deixou a Faculdade de Direito e abraçou a carreira de artista por imperativo de vocação ou por absoluta necessidade de se realizar. Não. Fez-se cançonetista quando verificou que isso dava mais dinheiro...

O filme da sua biografia teve um relativo interesse para os espectadores de mais de quarenta anos. Eles matavam saudades do sorriso luminoso de Ingrid Bergman. Elas, agora mais realistas, devem-se ter persignado três vezes ao verem como era afinal insignificante o namorado de celuloide da sua adolescência...

De qualquer modo, o filme foi relativamente curto, o que já é uma vantagem. E como a melancolia se aproximava a galope, os espectadores aproveitaram para ir cochilando, aos bocadinhos.

A palavra «Fim» vale às vezes, e bem, um suspiro de alívio. — M. C.

CAMINO E JÚLIO CONDE E NÚNCIO no primeiro grande cartaz das «Fabulosas de Verão»

A empresa do Campo Pequeno, a exemplo do que se passa nas grandes cidades taurinas do Mundo e dentro das limitações do nosso ambiente, vai promover uma série de dez corridas de touros nos meses de Julho e de Agosto, ou mais precisamente todas as quintas-feiras nesse lapso de tempo.

A grandeza do empreendimento e as figuras que nele tomam parte sugeriram para este conjunto o sugestivo nome de «Fabulosas Corridas de Verão».

A primeira corrida, depois de amanhã, pelas 22 horas, apresenta um cartaz de grande categoria. Escolhida a ganadaria de Oliveira (Irmãos), a que mais êxitos proporciona actualmente aos toureiros e que, por isso, é uma garantia da função em si, houve o cuidado de buscar elementos valiosos para integrar o cartel. Assim, teremos a cavalo Manuel Conde e José Barahona Nuncio. As pegs foram confiadas aos Forcados Amadores de Santarém, chefiados por Rodes Sérgio. A lide apeada foi confiada a duas figuras indiscutíveis: José Julio e Paco Camino.

É este o cartel, o sumptuoso cartel, que teremos na quinta-feira, no Campo Pequeno, para inauguração das «Fabulosas Corridas de Verão».



No dia em que os críticos americanos emitiam juízos sobre o seu último filme — «What's new, Pussy Cat?» — Peter O' Toole, em Londres, pisava o palco do Piccadilly Theatre, como intérprete principal da comédia «Ride a Cock Horse». Aqui o vemos contracenando com Sian Phillips, actriz que é sua mulher e que na peça, como já dissemos, desempenha o papel de sua amante

Uma artista (Laura Alves) e um encenador inexistente no Teatro Monumental

A não ser em casos muito especiais, em que tais requisitos surgem com aspectos ligeiramente alterados, uma obra teatral é, fundamentalmente, um texto interpretado do por um encenador e vivido no palco por um grupo de actores. Por outras palavras, uma obra teatral é o resultado da «interpretação» de um texto literário, o resultado da colaboração de um dramaturgo e dos que vão dar vida às suas ideias e palavras.

Basta que um destes elementos falhe para que a obra teatral não possa atingir a qualidade, o nível ou a significação inicialmente imaginados. Certo, se o texto do dramaturgo é rico de sugestões, pode permitir várias interpretações legítimas e válidas, muito embora, pelo menos em teoria, haja, fatalmente, uma que é a melhor.

Em todo o caso, um factor que muitas vezes destrói o teatro é a preocupação de fazer «espectáculo», isto é, a ideia dominante de impressionar o publico não pelo que o texto tem de essencial, mas por efeitos secundários e, quantas vezes, alheios ao espirito da obra.

Se estas ideias comezinhas se aplicarem, por exemplo, à peça actualmente em cena no Monumental — «O Comprador de Horas», de Jacques Deval, em que muitos querem ver uma nítida influência da «Chuva», de Somerset Maugham — pode verificar-se que, o que avulta é a falta de um encenador.

O texto de Jacques Deval, pelo menos na versão portuguesa apresentada (de Marina de Moraes), não será muito difícil nem permitirá, pelo menos à primeira vista, grandes opções. Em todo o caso, certa grosseria de factura, isto é, alguma falta de subtilidade e densidade psicológica das principais personagens, que possa pressentir-

se no texto; e, sobretudo, um demasiado preconcebimento no «golpe teatral» da conversão «Roland», poderiam ter sido, se não anulados, pelo menos amenizados por uma encenação que não fosse, somente, marcação e caracterização primária de figuras.

Um encenador, cuja completa falta se faz sentir, teria neste caso importância decisiva, porque, em muitos casos, um inteligente encenador pode valorizar, enriquecer e criar uma obra válida de teatro com um texto fraco.

Na sugestão daquele clima pungente do bairro de «Chorrillo», da cidade do Panamá, podia haver seres humanos e drama, e suor, e lágrimas e emoção, que não fosse apenas a presença de Laura Alves e, um pouco, a de Paulo Renato, Nicolau Breyner e Alma Flora.

Laura Alves, a grande vedeta do nosso teatro popular, andou, nitidamente, toda a peça, desperdiçando o seu inegável talento em busca de um encenador inexistente.

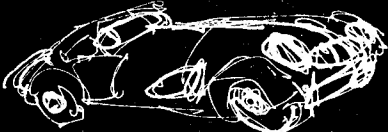
O tom gritado de quase todo o diálogo trouxe, como natural consequência, o agravamento dos defeitos da peça, a sua concepção grosseira e primária, mais de efeitos que de valores teatrais autênticos. Sendo assim, ficou Laura Alves numa criação de pura e impressionante habilidade, criando à sua própria custa uma personagem que pode estar certa no primeiro acto, mas nunca pode justificar o desenvolvimento do que se segue.

A sua exibição, entretanto, é um motivo de interesse, um «clow» do espectáculo. E', até, a base do êxito. Sem dúvida, e por isso Laura merece elogios e aplausos.

Mas, por outro lado, a peça ficou irremediavelmente comprome-

(Continua na 27.ª página)

20.000
quilómetros



Garantia

SACOR

oferecida pela CIDLA, distribuidora exclusiva dos ÓLEOS SACOR. Informações em qualquer estação de serviço SACOR



FILMES CASTELLO LOPES

apresenta um filme

MGM



Uma espectacular
aventura
da mais arrebatadora
actualidade!

Filmado
no coração
de África,
na região
de
Umbolzi!

Maiores
de 12 anos

SAFARI NO INFERNO

(RHINO!)

HARRY GUARDINO SHIRLEY EATON ROBERT CULP

Argum. de ART ARTHUR. ARTHUR WEISS. História de ART ARTHUR. Realiz. de IVAN TORK. Prod. de BEN CHAPMAN. em METROCOLOR

NÃO DEIXE DE VER

ESTE BELO E ESPECTACULAR FILME
DE AVENTURAS COM TODO O ESPLEN-
DOR E MISTÉRIO DA SELVA AFRICANA
EM

2 A

SEMANA

SAO LUIZ e ALVALADE

O «Diário de Lisboa» vende-se no Porto

O «Diário de Lisboa» encontra-se á venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30 e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto, em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

(Continuação da 4.ª página)

lho, á frente de uma extraordinária companhia de que fazem parte — por ordem de entrada em cena — Nicolau Breyner, Carlos Queiroz, Henrique Viana, Delfina Cruz, Isabel de Castro, Laura Alves, Carlos José Teixeira, Rolando Alves, Paulo Renato, Tomaz de Macedo, Alma Flora, Helena Vieira, Alda Pinto, Rita Nobre, Luís de Campos e Rui de Carvalho.

NO ROMã

«O jogo do assassino»
continua no cartaz

Está de parabéns o Roma pela

**AGORA
A PREÇOS
POPULARES**

A PARTIR
DE
AMANHã

NO
COLISEU

AS 21.30



MAIORES
DE 12 ANOS
*
PLATEIA 10\$00
GERAL 5\$00

**O MELHOR FILME
DE TODOS
OS TEMPOS!**

**CAMINHOS DE FERRO
ÉPOCA BALNEAR
RAMAL DE SINES**

Comunica-nos a C. P. que desde 20 de Junho até 30 de Setembro de 1965 e para assegurar o movimento de passageiros durante a época balnear são estabelecidas as seguintes circulações em automotoras:

S. do Cacém	p. 7-25	14-15	22-43
Ortiga	p. 7-30 (a)	14-20 (a)	22-48 (a)
Dalda	p. 7-37 (a)	14-27 (a)	22-55 (a)
Sines	c. 7-42	14-32	23-00
S. do Cacém	c. 7-20	14-00	22-40
Ortiga	p. 7-12 (a)	13-52 (a)	22-32 (a)
Dalda	p. 7-05 (a)	13-45 (a)	22-25 (a)
Sines	p. 7-00	13-40	22-20

(a) Só efectua paragem, quando haja passageiros para embarcar devendo neste caso, ser previamente prevenido o rev. sor.

**SINTRA ESPERA-O
NO DOMINGO**

Para a sua deslocação utilize os
COMBÓIOS ELÉCTRICOS

apresentação de um dos mais sugestivos e emocionantes filmes policiais da temporada: «O jogo do assassino». Realizado pelo mestre do cinema de «suspense», Helmuth Ashley, e interpretado por Magali Noel e Harry Neyn, «O jogo do assassino» é, por assim dizer, um jogo em que o publico também toma parte, embora desconheça qual será o seu desfecho... Obra de permanente expectativa e de intenso clima dramático, o actual cartaz da arejada e confortável sala do Roma põe em cheque a astúcia da plateia, através de uma história tão original como enigmática.

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

«Nasceu para seduzir»,
no Tivoli

«Nasceu para seduzir», que o cinema Tivoli ontem estreou com assinalado êxito, é uma interessante e desopilante comédia francesa, cheia de graça e humor, que provoca a hilaridade, faz sorrir, tece momentos de encanto — enfim, constitui um espectáculo leve, próprio para esta quadra estival.

Extraído de um romance de André Cousteau, intitulado «Un monsieur de compagnie», o filme tem por fulcro a figura de um homem que imagina todos os artificios e as astúcias mais inverosímeis para, sem trabalho, viver a vida que melhor entende e está de acordo com a sua maneira de ser.

A película, repleta de situações maliciosas, de estranhas aventuras e peripécias fantasiosas, foi dirigida com acerto por Philippe de Broca, com fotografia a cores do melhor efeito. Jean-Pierre Cassel tem uma interpretação muito boa, destacando-se a seu lado Irina Demick, Catherine Deneuve, Annie Firardot, Valerie Legrange e Sandra Milo.

O programa, bastante recomendado, é completado com vários documentários escolhidos. — Visor 62.

COLISEU

Quarta-feira, 30, a gigantesca epopeia do cinema, «A Ponte do Rio Kwai». Não falte na quarta-feira, 30, ao Coliseu onde, a preços populares, poderá ver a gigantesca epopeia do cinema, «A Ponte do Rio Kwai», numa genial e impressionante interpretação do grande actor Alec Guinness.

TEATRO DA TRINDADE

F. N. A. I.

TEMPORADA POPULAR DE ÓPERA

HOJE — ÚLTIMA RÉCITA

MADAME BUTTERFLY

de G. PUCCINI

Com Ana Lagoa, João Rosa, Helena Cláudio, Hugo Casaes, Rui Inglês, Zuleika Saque, Luís França, Álvaro Malta, Mário Oliveira e João Veloso.

Direcção: Maestro SILVA PEREIRA

Registas: ALVARO BENAMOR e CARLO PASQUALI

ORQUESTRA DE ÓPERA DA EMISSORA NACIONAL

CORO DO TEATRO NACIONAL DE S. CARLOS

PLATEIA — 15\$00

A bilheteira abre todos os dias ás 13 horas — Venda avulso para todas as récitas.

Maiores de 12 anos

Durante o decorrer do espectáculo não é permitida a entrada na sala



GIL — OCULISTA

CASA ESPECIALIZADA

138, R. da Prata, 140 — Tel. 322829-325881

DROGARIA

Quintans

TINTAS
PLÁSTICOS
PROD QUÍMICOS
ESPONJAS
MÉNAGE

RUA DA PRATA, 194 - 322020

CASA AGUIAR

RUA DO CARMO, 17

LãS PARA HOMEM E SENHORA.
SEDAS, ALGODÕES. NOVIDADES.
FATOS DE BANHO, etc.



**CUSTÓDIO CARDOSO
PEREIRA & C.ª SUC.**

— Instrumentos de música;
— Discos, Rádios e I.V.;
— Cursos línguas «ASSIMIL»

Rua do Carmo, 11 — Lisboa 2
Telefs. 324076 e 370647



**armazéns
da befesga**

PRAÇA DA FIGUEIRA, 15 - LISBOA

MALHAS — FATOS
DE BANHO — CON-
FECCÕES — CAMI-
SARIA — LINGERIE



A popular cançonetista inglesa Marianne Faithfull — uma graciosa jovem de 18 anos — casou-se duas vezes com este pitoresco John Dunbar, de 25 anos, cuja cabeleira é quase tão comprida como a dela. Marianne foi educada num convento e, por isso, depois do casamento civil, fez questão de casar-se de novo numa igreja católica. A cerimónia religiosa foi mantida em segredo, mas a saída do templo um fotógrafo indiscreto surpreendeu os noivos, que se prestaram ao instantâneo em atitude nada «académica» em tais circunstâncias...

SOCIEDADE DE REPRESENTAÇÕES

ARMANDO HALPERN, LDA.

comunica a transferência da sede e a centralização de todos os seus serviços de Lisboa para a

RUA ANTÓNIO PEDRO, 8

Telef. 59095 — 3 linhas e 553688

APARTADO 1342 — LISBOA 1

PORTO

AO APERITIVO

PORTO

PORTO



AR CONDICIONADO

CONSULTE:

CARRASQUEIRO & TEIXEIRA, Lda
175, avenida 5 de outubro, 185 - lisboa

Diário de Lisboa

COIMBRA

Deram-lhe por engano 25 contos por duas mil pesetas

Um indivíduo de nacionalidade espanhola, Delmiro Castro Alvarez, de 38 anos, residente em Orense, Espanha, que se faz acompanhar de sua esposa, apresentou-se num estabelecimento bancário desta cidade para trocar duas mil pesetas. O funcionário enganouse e entregou-lhe 25 contos que eram desti-

nados a outro cliente. O Delmiro Castro Alvarez, em vez de comunicar o engano, saiu do estabelecimento e desapareceu.

Avisada a Polícia Judiciária desta cidade, logo começaram as diligências necessárias, com a colaboração de todas as autoridades do País e da «Interpool», não tardando que, no Posto Fronteiriço de Valença, aquele indivíduo fosse detido pela P. I. D. E., sendo conduzido para esta cidade, onde confessou o seu delito. Vai ser enviado ao poder judicial.

Vai ser ampliado

o aeródromo

de Santa Cruz

TORRES VEDRAS, 29 — A Câmara Municipal deste concelho previa que, durante a gerência de 1964, fosse possível, mercê da colaboração do Aero-Clube de Torres Vedras, levar por diante a ampliação da pista do aeródromo municipal de Santa Cruz, em cuja conservação foram gastos 10 contos.

No entanto, aquela instituição não pôde concretizar a colaboração oferecida, em resultado da despesa urgente com que se viu a braços, e para a qual não estava suficientemente preparada.

Deste modo, foram somente adquiridos 12 650 m² de terreno, pela importância de 152 mil escudos, restando, apenas a aquisição de 4400 m², para se concluir a primeira fase de tão necessária ampliação.

HOMENAGEM

a um oficial
da G. N. R.

ÉVORA, 29 — Por motivo de deixar o lugar de 2.º comandante do Batalhão n.º 2 da G. N. R., foi homenageado o sr. major Camilo Delgado, que em breve vai partir para o Ultramar.

Foi no hotel Planície que decorreu a homenagem, presidida pelo sr. general Pereira de Castro, comandante-geral da G. N. R.

IMPRENSA

«Notícias do Cartaxo»

Entrou no 12.º ano de publicação o «Notícias do Cartaxo», quinzenário, vigoroso defensor dos interesses regionalistas, que tem como director e editor o sr. Nuno Rossini Rosado, a quem e aos seus colaboradores apresentamos as nossas felicitações.

FOGÕES E ESQUENTADORES



UMA
INDÚSTRIA NACIONAL

consulte as melhores
casas da especialidade

Nos liceus de Coimbra prestam provas do 2.º Ciclo 1741 alunos

Nos liceus desta cidade, começaram ontem as provas escritas dos exames do 2.º ciclo, tendo-se apresentado a exame, no Liceu D. João III, 841 alunos e no Liceu Infanta D. Maria 900, o que perfaz um total de 1741 alunos.

Jantar de homenagem ao sr. dr. Moura Relvas

Foi transferido para o próximo dia 6 de Julho, o jantar de homenagem ao sr. dr. Joaquim de Moura Relvas, pela sua recondução ao cargo de presidente de Município e que lhe é oferecida pelos vereadores e Chefes de Serviços da Câmara Municipal.

Espectáculos para hoje

AVENIDA — As 21 e 30 horas — «Tóto contra quatro» (17 anos).
TIVOLI — As 21 e 30 horas — «A porta de sete fechaduras» (17 anos).

Farmácias de serviço

Rodrigues da Silva — Rua Ferreira Borges (Tel. 22011).
Santa Cruz — Rua das Padeiras (Tel. 23569).
Correia — Rua de Visconde da Luz (Tel. 22834).
S. José — Arcos do Jardim (Tel. 24697).

Saudades de Coimbra — Junho

● 1865 — PRINCIPES DO BRASIL

Visitaram Coimbra a Princesa Imperial do Brasil e seu marido, o Conde de Eu, sendo aclamados pela Academia e por uma deputação de estudantes brasileiros formada por António Ribeiro Fomes, «Mata-Carochas», Correia de Melo e outros.

● 1875 — JANTAR DE FORMATURA

Magalhães Lima, académico distinto e orador fluente, convidou os seus amigos e muitos jornalistas para um jantar em que foi festejada a sua formatura em Direito.

● 1885 — «SENHOR DOUTOR»

O estudante Solano de Abreu, do V ano jurídico, estava a concluir um livro de memórias de Coimbra que se intitularia «Senhor Doutor».

● 1895 — INSIGNIAS DOUTORAIS

Com o tradicional cerimonial na Sala dos Capelos, foram impostas a Afonso Costa as insígnias de Doutor pela Faculdade de Direito.

● 1905 — QUINTO ANO MÉDICO

Para despedida da vida académica o curso do V ano médico reuniu-se num jantar de confraternização que teve lugar no Buçaco.

● 1915 — ELEIÇÕES AGITADAS

Depois de marcada para o primeiro domingo de Junho foi adiada a eleição dos novos corpos gerentes da A. A. Num domingo seguinte apresentaram-se quatro listas de concorrentes mas a eleição foi anulada por ter havido algumas irregularidades.

● 1925 — TUNA ACADÉMICA

Em preparação da próxima viagem ao Brasil, a Tuna Académica apresentou-se no Avenida sob a regência do dr. Câmara Leite, professor do Liceu.

Dias depois, deslocou-se a Lisboa, levando também a «Orrestra Pythagórica».

● 1935 — «FRASCARY CLUB»

Este grupo de «teóricos» e dedicados amigos da A. A. destacou-se no apoio prestado ao grupo de futebol, no decorrer dos vários campeonatos disputados.

● 1945 — CASA DO RIBATEJO

Estudantes ribatejanos impulsionados por Mateus de Sousa, de Medicina, propunham-se fundar em Coimbra uma «Casa do Ribatejo».

● 1955 — DESPORTO ACADÉMICO

Na final do campeonato de juniores, a equipa de futebol da A. A. perdeu com o Benfica. Porém, em basquetebol, o campeonato nacional foi conquistado pela equipa académica.



Nova saída «espacial» prevista no voo «Gêmeos» a realizar em Agosto

HOUSTON (Texas), 29. — (F. P.). — A N. A. S. A. prevê uma nova «saída» espacial por ocasião do próximo voo «Gêmeos», projectado entre os dias 9 e 17 de Agosto.

Este voo, de oito dias, segundo o dr. Kenneth Kleinecht, director-adjunto do programa «Gêmeos», permitirá a um dos dois pilotos — provavelmente o cosmonauta Charles Conrad, adjunto de Gordon Cooper,

comandante de bordo — sair da cabina «Gêmeos», antes do regresso à atmosfera, para levar para dentro do habitáculo dois aparelhos de medida, colados no exterior do veículo.

Um terá servido para medir as radiações cósmicas durante o voo; o outro, para registar os impactos de micrometeoritos durante esta tentativa.

«Gêmeos» participará numa tentativa de encontro com um satélite de 36 kg. largado da cabina e inscrito, praticamente, na mesma órbita. Este satélite, transportador de dois potentes «pisca-pisca», será recuperado não só com o auxílio da visibilidade mas também pelo radar com que a cabina será equipada.

Antes do lançamento do «Gêmeos-5», os técnicos de Cabo Kennedy procederão, igualmente, à contagem decrescente de um veículo «Agena», fictício desta vez, mas que, para a experiência «Gêmeos» servirá de alvo aos dois cosmonautas deste voo previsto para Outubro ou Novembro, numa tentativa de «encontro» que então efectuarão.

ADIADO O LANÇAMENTO DO «TIROS-10»

CABO KENNEDY, 29. — (R.). — O lançamento do satélite meteorológico «Tiros-10» foi adiado para quinta-feira, a fim de reparar deficiências na frequência do rádio do satélite que prejudicavam o «controlo» terrestre.

A princesa Beatriz e o seu noivo são hoje apresentados ao Parlamento holandês

HAIA, 29. — (A. N. I.). — A princesa Beatriz e o seu noivo, o diplomata alemão, Klaus von Amsberg, vão ser hoje apresentados oficialmente ao Parlamento da Holanda.

Deslocam-se a Haia para tomarem parte nas cerimónias de apresentação ao Senado e à Câmara Baixa, que devem decidir se a princesa manterá ou não o direito à coroa quando casar com von Amsberg, na próxima Primavera.

O presidente da Câmara Baixa abrirá a sessão lendo uma mensagem da rainha Juliana anunciando o noivado. Meia hora mais tarde, a mesma mensagem será lida no Senado.

Pierre Harmel

(Continuação da 1.ª página)

doutor em Direito, licenciado em Ciências Sociais e em Notariado. É professor na Universidade de Liège (Faculdade de Direito) e deputado desde 1946. Foi ministro da Instrução Pública de 1950 a 1954 e foi um dos responsáveis pelo pacto escolar belga.

Desde o ano passado, Pierre Harmel é presidente da ala valã do Partido Social-Cristão. É considerado um dos principais especialistas dos problemas linguísticos. É, nomeadamente, um dos fundadores do «Centro Harmel», que desde há anos estuda as soluções a oferecer aos problemas económicos, sociais e culturais das duas comunidades nacionais belgas.

Notícias de Espanha

PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS RESPONSÁVEIS PELOS INCIDENTES E STUDANTIS DA PRIMAVERA PASSADA

MADRID, 29. — (F. P.). — Cinco professores, tidos como responsáveis pelos incidentes estudantis da Primavera passada, poderiam ser expulsos da Universidade e julgados por atentado contra a segurança do Estado.

O prof. Luciano de la Calzada, juiz instructor académico, encarregado do assunto, recomendou a ex-

pulsão e comunicou as suas conclusões ao Tribunal Público.

Os professores afectados seriam: Mariano Aguilar Navarro, professor de Direito Internacional, José Luis Aranguren, professor de Ética, António García Calvo, professor de Latim, Santiago Montero Díaz, professor de História Antiga, todos da Universidade de Madrid, e, por fim, Enrique Tierno Galván, professor de Direito Político da Universidade de Salamanca.

EXPULSAO DE ESTUDANTES DA GUINÉ ESPANHOLA

MADRID, 29. — (F. P.). — As autoridades espanholas informaram os estudantes originários da Guiné Espanhola residentes no lar «Virgem Africana», em Madrid, que não continuarão a beneficiar das bolsas de estudo e que devem regressar ao seu país. Ignoram-se as razões desta decisão.

Precisa-se, nos meios universitários, que 17 estudantes da Guiné foram expulsos do lar «Virgem Africana» no fim de Maio último. Esta medida foi anulada depois da intervenção de Maximino Romero de Lema, bispo auxiliar de Madrid, e de altos funcionários.

«MISS INTERNACIONAL» VISITA A ESPANHA

MADRID, 29. — (A. N. I.). — Uma beladade filipina, de 22 anos, Gemma Cruz, «Miss Internacional», chegou a Madrid, vinda de Genebra, a fim de iniciar uma visita de treze dias à Espanha, incluída numa volta pela Europa, com a finalidade de aumentar o turismo para as Filipinas.



JOAQUIN BALAGUER

Joaquin Balaguer — antigo presidente da República Dominicana — chegou a S. Domingos

S. DOMINGOS, 29. — (F. P. e R.). — O antigo presidente Joaquin Balaguer chegou, a noite passada, a esta capital, para visitar sua mãe doente, e afirmou que, como dominicano, tinha «o direito e a necessidade de permanecer».

O professor Balaguer, que tem

Multiplicam-se os ataques dos guerrilheiros «vietcongs»

SAIGÃO, 29. — (R.). — Um informador militar americano anunciou hoje, nesta capital, que guerrilhas do Vietcong atacaram, a noite passada, com morteiros, posições governamentais importantes, aproximadamente a meio caminho entre Tou Morong e a capital provincial de Kontum.

Quatro soldados governamentais foram mortos e um numero não especificado ficou ferido durante ataques contra Dak Ta e Dak Sut, a 16 e a 32 quilómetros ao sul de Tou Morong, ocupada há quatro dias pelas forças do Vietcong.

Oficiais disseram em Saigão que os ataques poderão ser o prelúdio de uma marcha sobre Kontum.

Qualquer ideia de reconquistar Tou Morong foi abandonada, pelo menos temporariamente, e a força de socorro está agora concentrada em Kontum, a 440 quilómetros ao

norte de Saigão, para defrontar qualquer ameaça comunista contra a cidade.

MAIS OPERAÇÕES DE GUERRILHAS

Outras notícias militares divulgadas esta manhã incluíam uma comunicação atrasada de um encontro entre vietcongs e a milícia governamental, na província costeira de Phuyen, a 400 quilómetros ao norte de Saigão, em consequência do qual morreram 28 milicianos, nove ficaram feridos e 15 desapareceram. O comunicado acrescenta que foram contados guerrilheiros mortos no campo da batalha.

Em Song Be, a cerca de 110 quilómetros ao norte de Saigão, vietcongs fizeram ir pelos ares, esta manhã, uma ponte rodoviária.

Um informador americano anunciou, às últimas horas de ontem, em Saigão, que um avião de transporte «C-123», numa missão secreta, fora abatido pelo fogo da D.C.A. comunista, no domingo, a somente 21 quilómetros de Saigão. Anunciou-se oficialmente que dois americanos perderam a vida, mas outras notícias não confirmadas dizem que mais de uma dúzia de vietnamitas morreram, também, em consequência do desastre.

A empresa «Mannesman»

pode responsabilizar-se pelos títulos protestados — afirma um dos seus directores

RIO DE JANEIRO, 29. — (F. P.). — «As minhas actividades limitaram-se a investigar as irregularidades na empresa, garantindo, ao mesmo tempo, a continuação da produção em todos os sectores» — declarou aos jornais o eng. Paulo Lima Vieira, designado pelo governador de Minas Gerais para examinar o caso da companhia siderúrgica «Mannesman».

Por outro lado, Walter Eisenbau, membro da direcção da companhia «Mannesman», com sede em Dusseldorf, ao chegar a esta cidade, afirmou que a situação económica da empresa era excelente, e que a mesma podia assumir a responsabilidade pelos títulos protestados, cujo valor ascende a 27 milhões de cruzeiros.

A liberdade religiosa deve ser respeitada

— declarar-se-á na próxima sessão plenária do Concílio Ecuménico

A LIBERDADE RELIGIOSA

VATICANO, 29. — (R.). — O Papa Paulo VI anunciou, na noite passada, que a próxima sessão plenária do Concílio Ecuménico do Vaticano declararia que a liberdade religiosa deve ser respeitada e que ninguém deve ser impedido ou forçado em questões de fé religiosa.

O Santa Padre, numa audiência geral que concedeu a peregrinos, disse, ainda, que o Concílio «darnos-lhe ensinamentos preciosos» sobre o grande problema de liberdade religiosa que interpretaria o pensamento de Jesus Cristo.

A votação sobre uma minuta de declaração acerca da liberdade religiosa foi adiada na terceira sessão plenária do Concílio, no Outubro passado, após um grupo de prelados conservadores invocarem os regulamentos do Concílio com o

fundamento de que se tratava fundamentalmente de um novo documento que necessitava de estudo mais ponderado. Mais de 800 dos 2000 bispos do Concílio, chefiados pelo grupo americano, apelaram urgentemente para o Papa para uma votação imediata, mas Sua Santidade decidiu não intervir, embora, segundo se anunciou, apoie a declaração.

Sua Santidade disse ainda: «Existe uma responsabilidade suprema em face do problema religioso. No entanto, uma pessoa deve e pode reagir a ele somente de uma maneira: livremente. Isso significa com amor e não pela força. Cristianidade é amor».

A quarta e última sessão do Concílio inaugura-se em 14 de Setembro.

A doente não resistiu à técnica de «perfusão»

BOSTON, 29. — (R.). — Uma mulher, de 34 anos, que foi mantida viva desde 11 de Junho por meio da circulação do seu sangue através de figados de porco, faleceu a noite passada, vítima de uma hemorragia gastro-intestinal, no hospital municipal desta cidade.

O dr. William McDermott, que chefiou a equipa de médicos que utilizou a denominada técnica de «perfusão» na doente, não identificada, declarou que, a despeito da melhoria temporária no princípio do tratamento, «o próprio figado da paciente não conseguiu recomendar a funcionar suficientemente».

Os 17 dias que a mulher foi mantida viva foi o período mais longo para qualquer doente desde que o hospital utilizou pela primeira vez essa técnica.

As provas escritas dos exames liceais

2.º CICLO

(1.ª chamada)

Ensino Lical

PROVA ESCRITA DE PORTUGUÊS

«Contar-te longamente as perigosas
Cousas do mar, que os homens não
[entendem],
Súbitas trovoadas temerosas,
Relâmpagos que o ar em fogo acen-
[dem].
Negros chuvellos, noites tenebro-
[sas],
Bramidos de trovões que o mundo
[fendem],
Não é menos trabalho que grande
[ferro],
Ainda que tivesse a voz de ferro.

Os casos vi, que os rudos mariñhel-
[ros],
Que têm por mestra a longa expe-
[riência],
Contam por certos sempre e verda-
[deiros],
Julgando as cousas só pela aparên-
[cia],
E que os que têm juízos mais in-
[teiros],
Que só por puro engenho e por
[ciência]
Vem do mundo os segredos escondi-
[dos].

Vi, claramente visto, o lume vivo,
Que a marítima gente tem por
[santo],
Em tempo de tormenta e vento es-
[quivo],
De tempestade escura e triste pran-
[to].
Não menos foi a todos excessivo
Milagre, e cousa, certo, de alto es-
[panto].
Ver as nuvens do mar com largo
[cano]
Sorver as altas águas do Oceano.»

I

1 — Sabendo que estas estâncias
de *Os Lusíadas* fazem parte de um
longo discurso, diga:

- a) Em que canto do poema come-
ça esse discurso?
- b) Por quem é ele proferido e a
quem é dirigido?
- c) Para que incluiu Camões no
poema esse longo discurso?

2 — Na primeira estância faz-se
uma alusão rápida às «perigosas
cousas do mar», mas Camões con-
cebeu um episódio simbólico para
representar os perigos do Oceano:

- a) Que episódio é?
- b) Em que momento da acção se
localiza esse episódio?

3 — Na segunda estância estabe-
lece uma oposição:

- a) Entre quem?
- b) Em que consiste essa oposi-
ção?

4 — A que fenómenos se faz refe-
rência na terceira estância?

II

1 — Que figura de estilo nota na
frase *Vi, claramente visto, o lume
vivo*? Que efeito se pretendeu com
tal maneira de dizer?

2 — Explique a formação do advér-
bio *claramente*, dando a razão por
que o adjectivo tomou a forma fe-
minina e indicando o sentido prin-
cipal da expressão.

3 — Classifique morfologicamente
as palavras: *certos* (2.ª est., verso
3), *vem* (2.ª est., verso 7), *certo*
(3.ª est., verso 6).

4 — Classifique a última propo-
sição da primeira estância e diga
qual é o seu sujeito.

5 — Indique a função sintáctica
das seguintes expressões:

- a) *por mestra* (2.ª est., verso 2);
- b) *por puro engenho* (2.ª est.,
verso 6);
- c) *com largo cano* (3.ª est., ver-
so 7).

III

Redacção

Imagine-se numa nau portuguesa
dos Descobrimentos e, como se re-
gisasse um diário de bordo, escreva
sobre um dos temas sugeridos nas
alíneas seguintes:

- a) terra à vista;
- b) noite de luar a bordo;
- c) uma tempestade;
- d) um típico fenómeno marítimo.

Escolha apenas uma das alíneas.

SOLUÇÃO

I

1 — a) O longo discurso de que fa-
zem parte estas estâncias
começa no Canto III.

b) É proferido por Vasco da
Gama e dirigido ao Rei de
Melinde.

c) Para ter oportunidade de
contar a história de Portu-
gal que a simples narração

da descoberta do caminho
marítimo para a Índia nun-
ca possibilitaria.

2 — a) É o episódio do Adamastor.
b) Na ocasião em que os nave-
gadores portugueses atingem
o Cabo da Boa Esperança
(Canto V).

3 — a) A oposição estabelecida é
entre «os rudos marinhei-
ros» e «os que têm juízos
mais inteiros» e «vem do
mundo os segredos escondi-
dos».

b) Os marinheiros têm os co-
nhecimentos adquiridos atra-
vés da experiência e julgam
as coisas só pela aparência
enquanto que os homens de
ciência, graças aos seus es-
tudos, podem conhecer até
aquilo que está oculto e sa-
bem que os factos aparentes
são às vezes enganadores.

4 — Ao fogo de Santelmo e à trom-
ba marítima.

II

1 — Um pleonismo. Pretendeu-se
dar mais força e realce à acção
de «ver».

2 — Este advérbio é formado pela
forma feminina do adjectivo
«claro» e a forma «mente» que
não é mais do que o substan-
tivo latino mens, tis (acusati-
vo-mente) que significava in-
tensão, maneira. Este substan-
tivo era feminino e, por isso,
era natural que os adjectivos
que se lhe juntassem fossem
do género feminino. Em latim
havia uma locução adverbial
«bonamente» que significava
«com boa intenção» e essa lo-
cução influenciou todas as lín-
guas românicas na formação de
expressões que significassem
«de maneira...» ou «com inten-
ção...» e assim o sentido primi-
tivo da forma «claramente» se-
ria: «de maneira clara», o mes-
mo se passando com todos os
advérbios de modo de forma-
ção paralela a esta.

3 — Certos (2.ª est., verso 3) —
Adjectivo qualificativo
Vem (2.ª est., verso 7) — Verbo
Ver no presente do Indicativo
na 3.ª pessoa do plural
Certo (3.ª est., verso 6) —
Advérbio de modo

4 — Oração subordinada circunstancial
funcional concessiva.
Sujeito — Eu.

5 — a) Por mestra (2.ª est., verso
2) — Nome predicativo do
complemento directo.

b) Por puro engenho (2.ª est.,
verso 6) — Complemento cir-
cunstancial de causa.

c) Com largo cano (3.ª est.,
verso 7) — Complemento cir-
cunstancial de meio.

*
Nota crítica: É de lamentar que
a impressão do texto traga acentua-
das, na 2.ª estância, as duas formas
«tem» que não aparecem acentua-
das nos «Lusíadas». Essa grafia
moderna talvez tenha induzido os
alunos a errarem ao classificarem
a forma «vem», na mesma estância,
que, a modernizar-se a grafia, de-
veria vir escrita «vem». Isto afigu-
ra-se-nos muito grave.

3 — Como explica que, não pos-
suindo a ostra órgãos mastigado-
res, estes, na realidade, lhe não
fazem falta?

4 — Como explica a formação de
pérolas no corpo de certas ostras?

III

Dois tecidos de substância inter-
sticial líquida circulam no organis-
mo humano: o sangue e a linfa.

1 — Como se chama a substân-
cia intersticial destes tecidos?

2 — Indique o trajecto do sangue
na pequena circulação.

3 — Explique o papel dos leu-
cócitos na defesa do organismo.

Botânica

A batateira é uma Dicotiledónea
muito cultivada pelo valor alimen-
tar dos seus tubérculos, abundan-
tes em amido ou fécula.

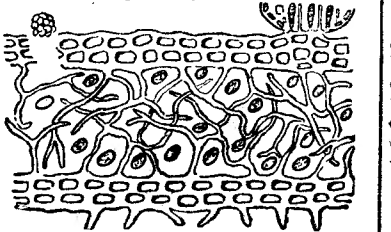
1 — Que importância tem para a
planta o amido acumulado nos
seus tubérculos?

2 — Diga que particularidade
possuem as flores da batateira, de
forma a permitir à planta uma po-
lização directa.

3 — Em que caracteres das fo-
lhas e da flor nos baseamos para
incluir a batateira na classe das
Dicotiledóneas?

II

Nos rochedos e troncos das árvo-
res desenvolvem-se, por vezes, plan-
tas rudimentares, a que damos o
nome de líquenes.



A figura 2 representa a estru-
tura de um exemplar que estudou:
a) *parmélia*.

1 — Exponha o que sabe sobre a
estrutura da *parmélia*.

2 — Dê uma ideia, o mais com-
pleta que souber, da reprodução
desta planta.

3 — Os líquenes são plantas sim-
bióticas. Que quer isto dizer?

III

As plantas superiores provêm
de uma única célula — o ovo — e
os seus órgãos são constituídos por
tecidos muito diversos.

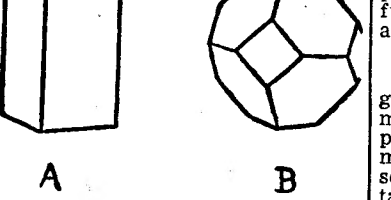
1 — Como explica que um ovo
possa originar grande número de
células?

2 — Explique, concretamente, a
razão por que se mostram diferen-
tes os tecidos das plantas superio-
res.

3 — Mencione os caracteres que
lhe permitem distinguir um colên-
quima de um esclerênquima.

Mineralogia e Geologia

I



A galenite cristaliza no sistema
cúbico e a figura 3 representa duas
formas cristalinas deste mineral:
uma simples (A) e outra compo-
sta (B).

1 — Como interpreta a forma
simples representada na figura?

2 — Que são formas compostas?

3 — Qual é a principal utiliza-
ção da galenite?

II

As argilas são rochas de larga
aplicação industrial.

1 — Cite duas propriedades que
lhe permitam reconhecer estas ro-
chas.

2 — Mencione duas variedades de
argila e refira-se à utilidade de
cada uma.

SOLUÇÃO

I

1 — O bico da águia tem a man-
díbula superior forte, recurvada,
terminada em ponta aguçada e den-
teada nos bordos, enquanto que o
bico do pombo não é muito forte,
pois é mole na base e córneo só-
mente na ponta.

a) A conformação do bico da
águia permite-lhe despedaçar as
presas vivas de que se alimenta.
No caso do pombo, serve apenas

para apanhar os grãos que engole.

2 — Permite a inserção dos for-
tes músculos motores das asas, fa-
cilitando-lhes o voo.

3 — Águia — um dedo para trás
e três dedos para diante — Ordem
das Aves de Rapina.

Pombo — dedo polegar inserido
aproximadamente ao nível dos ou-
tros dedos — Ordem das Columbi-
nas.

II

1 — Na foz dos rios há maior
quantidade de microrganismos e
partículas orgânicas necessários à
sua alimentação e o oxigénio é
mais abundante, pois são águas
constantemente agitadas por corren-
tes que o renovam.

2 — Devido à existência de um
músculo adutor que actua em sen-
tido contrário ao movimento do li-
gamento.

3 — Porque alimenta-se de micror-
ganismos e partículas orgânicas.

A — A Ostra, quando sente al-
gum corpo estranho, começa a pro-
duzir nácar que, em camadas con-
cêntricas o vai envolvendo forman-
do uma pérola.

III

1 — Plasma.

2 — O sangue venoso sai do ven-
trículo direito pela artéria pulmo-
nar, vai para os pulmões, onde se
dá a hematose e em seguida o san-
gue arterial vai através das veias
pulmonares para a aurícula esquer-
da.

3 — Os leucócitos têm tendência
a multiplicarem-se nos gânglios,
quando estejam presentes micró-
bios infecciosos trazidos, através
dos vasos linfáticos, de uma ferida
infectada. Os micróbios são então
destruídos pelos leucócitos que os
englobam na sua massa, digerindo-
os depois (fagocitose).

Botânica

I

1 — É utilizado no desenvolvi-
mento da nova planta.

2 — As flores são hermafroditas,
sendo o estigma mais longo do que
os estames, mas como as flores são
pendentes o pólen cai sobre o estig-
ma.

3 — Folhas com nervação penín-
vea e flor de tipo cinco.

II

1 — É constituída por um talo pre-
so ao substrato por meio de pêlos.
Este talo é formado por hifas de
um fungo, entrelaçadas, contendo
entre elas algas verdes unicelula-
res. Na época de reprodução apa-
rece, na face superior do talo, uns
órgãos em forma de taça — as apo-
tecas — onde se formam as células
reprodutoras.

2 — Algumas hifas do fungo des-
tacadas da planta, levando consigo
algas verdes unicelulares, são arras-
tadas pelo vento e em condições
favoráveis vão dar uma nova par-
mélia. Também se podem reprodu-
zir por apotecas ou apotecas que
são órgãos em forma de taça onde
se formam as células reprodutoras
do fungo.

3 — É uma associação de duas
plantas, neste caso uma alga e um
fungo, com vantagens mútuas para
ambos.

III

1 — Dá-se a divisão do núcleo, se-
guida da divisão do citoplasma e
membrana. Esta divisão na maior
parte das células vegetais é uma
mitose ou cariocinese, mas pode
ser uma amitose. As células resul-
tantes repetem por sua vez esta di-
visão e, assim sucessivamente por
multiplicações das células se origi-
nam um grande número de células.

2 — Numa planta superior as di-
versas funções têm de ser desem-
penhadas por grupos diferentes de
células, isto é, tem de haver uma
diferenciação celular que leva à
divisão de trabalho. Aparecem nela
órgãos especializados como o caule,
a folha, etc. onde se encontram
consequentemente tecidos com di-
versas funções.

3 — Um colênquima é constituído
por células vivas, isto é, com mem-
brana celulósica, núcleo e citoplas-
ma, e quando o um esclerênquima
é constituído por células mor-
tas, sem conteúdo celular e com
membrana lenhificada.

Mineralogia e Geologia

1 — Pertencendo ao sistema cúbico,
só pode ser um cubo, pois os
três eixos têm de ser homogêneos e
normais entre si.

2 — Formas compostas são cris-
tais constituídos por dois ou mais
conjuntos de faces homogêneas.

3 — Como minério de chumbo
para obtenção do metal chumbo.

tais constituídos por dois ou mais
conjuntos de faces homogêneas.

3 — Como minério de chumbo
para obtenção do metal chumbo.

II

1 — Bafejadas cheiram a barro e
riscam-se facilmente com a unha.

2 — As margas são utilizadas co-
mo matéria-prima do cimento e da
cal hidráulica.

As argilas plásticas são usadas
em cerâmica.

3.º CICLO

(2.ª chamada)

PROVA ESCRITA DE FILOSOFIA

Leia, com muita atenção, o texto
seguinte da autoria do psicologista
e filósofo norte-americano William
James (1842-1910):

«Colocá ante uma mesma experi-
ência um homem que não racio-
cina e outro que raciocina. O pri-
meiro, se não surgir qualquer asso-
ciação por contiguidade ou por se-
melhança que lhe forneça o meio
de escapar à brutalidade do dado
sensível, aceitará esse dado como
um bloco, e chocar-se-á violenta-
mente contra ele. O segundo que-
brará tal bloco, e dividi-lo-á em at-
ributos distintos, dos quais um ou
outro reterá a sua atenção e tornar-
se-á, a seus olhos, na parte essen-
cial do dado global. Esta parte apre-
senta propriedades e consequências
que o todo não revelava, mas que
ele necessariamente deve conter,
contendo a parte que as contém».

(Resumo de Psicologia)
Entendeu bem o que acabou de
ler? Responda então, com clareza,
às perguntas seguintes:

1) Como se caracteriza o acto de
raciocínio?

2) O texto refere-se a «associação
por contiguidade ou por semelhan-
ça». Ora:

Em que consiste o fenómeno
conhecido por associação de esta-
dos psíquicos?

3) Recordado de que as operações
da memória são a fixação e conser-
vação, a evocação, o reconhecimento
e a localização, pergunta-se:

A associação intervém também
no processo da memória? De que
modo?

II

O mesmo autor, citado na parte I
desta prova, ainda a propósito de
raciocínio, exprime-se por este mo-
do:

«Façamos da aptidão para tirar
partido de dados novos a diferença
específica do raciocínio. De facto,
isso basta para distingui-los das sim-
ples associações de ideias, e vai
permitir-nos imediatamente apro-
fundar o mecanismo essencial dele,
que é um mecanismo de análise e
de abstracção».

Pois bem: essa referência a aná-
lise e a abstracção lançam-nos em
problemas de metodologia. Ora, res-
ponda:

1) A análise e a síntese serão
operações independentes ou inter-
dependentes? Porquê?

Note bem: Responda apenas a 3
das 4 perguntas seguintes:

2) De raciocínio e de problemas
conexos temos tratado nesta prova.
Ora, não há raciocínio sem juízos
e sem ideias. A natureza das ideias,
porém, tem sido controversa pelos
gnoseologistas de fundamentação
realista e idealista:

Como se caracteriza a atitude
idealista?

3) Estudou, de certo, as morais
racionalis e, neste grupo, a moral
kantiana. Ora:

Em que consiste, segundo Kant,
o imperativo categórico?

4) Já que penetrámos no domínio
da moral, lembremos que a moral
cristã se fundamenta, além do mais,
numa dada concepção de Deus:

Como se caracteriza a concep-
ção teísta de Deus?

5) Considere a proposição: «O
teísmo é uma concepção acerca da
natureza de Deus». Qual é a sua
contrária? Classifique a proposição
obtida quanto à qualidade e à quan-
tidade.

(Continua na 20.ª página)

Há novos sistemas para a pesca do delicioso atum

Sob o ponto de vista comercial, o delicioso atum é o principal peixe do Mediterrâneo, onde todos os países ribeirinhos o pescam. A Turquia recolhe-o em maior quantidade, a qual ascendeu a 19 200 toneladas em 1963, último ano sobre o qual há estatísticas. A pesca na Itália foi de 3300 toneladas, em Israel, de 900 e na Jugoslávia de 300, no mesmo ano.

A França, o Marrocos e a Espanha fazem importantes pescarias de atum, mas principalmente no Atlântico, e por meio de barcos com apetrechamento moderno e por sistema muito diferente das nossas antigas e complicadas armações com redes lançadas ao largo da costa do Algarve.

UMA CENTRAL hidroelétrica de grandes proporções

Está em pleno funcionamento a nova e poderosa central hidroelétrica de Valdecañas, na província espanhola de Cáceres, a qual é alimentada pela água de um enorme lago artificial com 54 quilómetros de largura.

É a primeira central de bombeio instalada naquele país e a mais importante entre as do género na Europa Ocidental. O sistema de turbinas de que dispõe permite-lhe uma produção de mil milhões de quilowatts-hora por ano.

FRIGORÍFICOS

NOVA REMESSA
NOVOS MODELOS
A PREÇO EXCEPCIONAL
CASA CANCELA
Calçada do Combro, 23-1.
Lisboa — Tel. 361854

HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 29 de Junho de 1935 publicava:

«MOSCOVO, 29. — De Fachkent, Uzbequistão, informam que as escavações realizadas por conta do Museu Etnográfico levaram à descoberta de uma antiga cidade, fundada há cerca de 2400 anos, na margem direita do rio Tichit-chik. Descobriram-se escórias provenientes de um tratamento de ferro por processos primitivos».

OS ESTUDANTES

não cabiam

na Universidade

Para um total de seis mil estudantes a admitir na Universidade de Tóquio concorreram trinta e oito mil candidatos.

Houve demorados exames de admissão e trinta e duas mil reprovações...

EFEMÉRIDES Junho

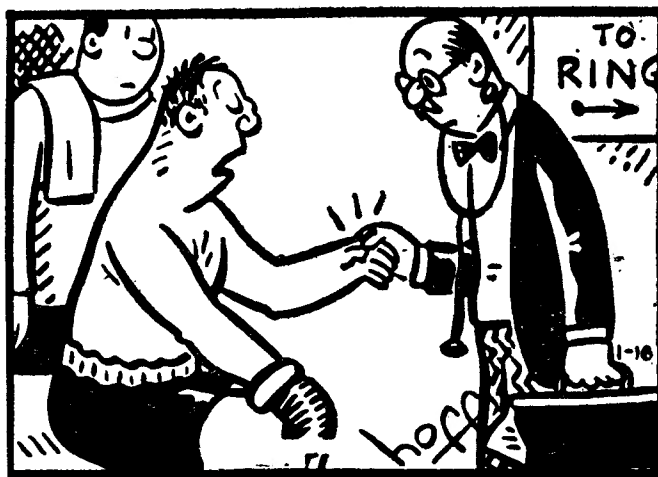
- 1911 — Dia 29 — Morre o pensador e idealista Azedo Gneco.
- 1913 — Sem declaração de guerra, a Bulgária ataca a Sérvia, a favor da qual se declararam a Roménia e a Turquia.

A LUTA

contra o cancro

Desenvolve-se por toda a parte, com animadoras perspectivas em face de sucessivos êxitos, a luta contra o cancro.

Está numa fase adiantada de construção, em Göttingen, o maior e mais moderno conjunto radiológico da Alemanha Ocidental, destinado ao tratamento pelos modernos processos, de pessoas atacadas de cancro.

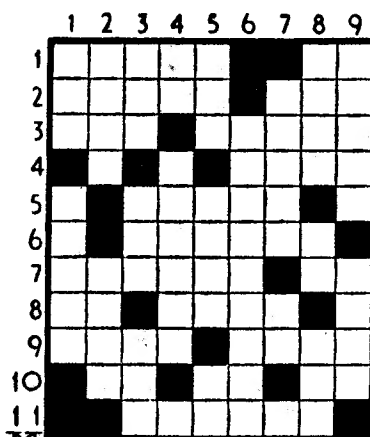


— E diga-me, doutor... poderei voltar a tocar violino?

PALAVRAS CRUZADAS

(COM PROVÉRBIOS)

Problema n.º 3789



HORIZONTAIS: 1 — Excede. Preposição. 2 — Retumbem. Cento e nove em romano. 3 — Pronome pessoal. Pedra preciosa. 4 — Mau. 5 — Pequeno barco. 6 — Entusiasmem. 7 — Sem residência fixa. Carta de jogar. 8 — Símbolo químico do cromo. Tecido. 9 — Azedo. Índio do Brasil. 10 — Gemido. A mim. Preposição e artigo. 11 — Prevenir.

VERTICAIS: 1 — Preposição que ENGODOS).

indica carência. Jamais. 2 — Lazer. Grande cetáceo dos mares do Norte. 3 — Agradável. Interjeição que designa estampido, choque ou queda. Braço de mar. 4 — Arguida. Assento com braços e recosto para duas ou mais pessoas. 5 — Patrão. Considerada. Nota de música. 6 — Que obrigam a urgência. 7 — Haste das plantas. Alternativa. 8 — Capital da nossa província de Timor. Imperfeita. Parelha. 9 — Análise. Parto.

Resolveu completamente este problema?

Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inserido.

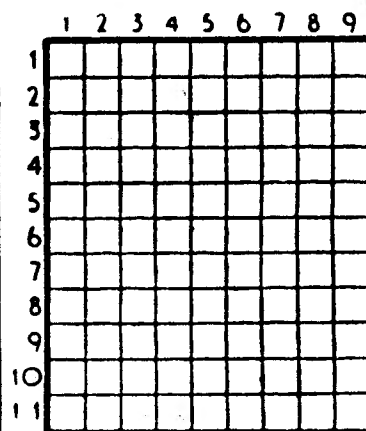
Solução do problema n.º 3788

HORIZONTAIS: 1 — Agravado. Vê. 2 — PROMESSAS. 3 — Teu. 4 — An. Alto. 5 — Em. Sentis. 6 — Nas. Nua. 7 — Rígidos. 8 — Acalorar. 9 — Dá. Ida. Gl. 10 — Oledo. SÃO. 11 — Somas. Roa. VERTICAIS: 1 — Aparentados. 2 — Gr. Má. Calo. 3 — Rota. Sra. Em. 4 — Amens. Ili. da. 5 — Vê. ENGODOS. 6 — Os. Anuira. 7 — Saltada. Sr. 8 — Vá. Ti. Orgão. 9 — Esposas. Loa.

(Provérbio: PROMESSAS SÃO

(NOVA MODALIDADE)

Problema n.º 7634



HORIZONTAIS: 1 — Cidade da antiga Fenícia, fundada pelos Sidónios. Mulher notável pela beleza, bondade ou graça. 2 — Da mesma maneira. 3 — Aqui. Fecha as asas para descer mais depressa. Cabelo branco. 4 — Avalia. Ecoar. 5 — Nome dum peixe. Magnete natural. 6 — Mediana. Pedra de altar. 7 — Figura que simboliza o povo americano. Amargo. 8 — Ave palmípeda espécie de pato. Pegas. 9 — Nota musical. Uma das Cíclades. Artigo definido. 10 — Freguesia do concelho de Guimarães. 11 — Cura. Clima.

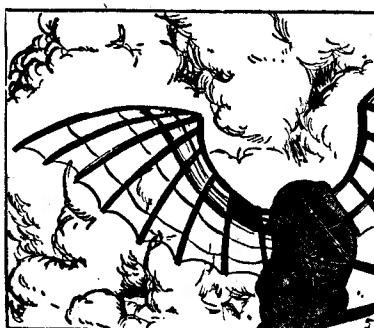
VERTICAIS: 1 — Buchas. Divisões de uma casa. 2 — Guarnecida de arames. 3 — Batráquio. Nata do leite. Atmosfera. 4 — Ossos dum cadáver. Olha atentamente. 5 — Nota musical. O sono das crianças. 6 — Vendas a crédito. Mistura. 7 — Antes do meio-dia. Entontecês. Viração. 8 — Antigo vaso de loiça. 9 — Avarenta. Restos mortais.

Solução do problema n.º 7633

HORIZONTAIS: 1 — Bona. Coas. 2 — Armas. 3 — It. Ois. Am. 4 — Nua. Atura. 5 — Capa. Irei. 6 — Alaga. 7 — Cru. Ano. 8 — Amago. Olá. 9 — IV. Até. Es. 10 — Arame. 11 — Ossa. Amua.

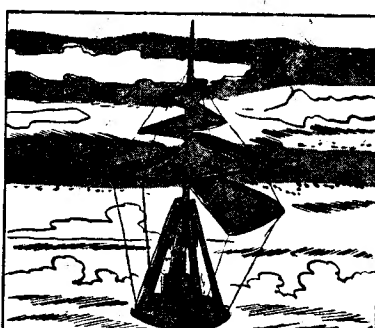
VERTICAIS: 1 — Brinca. Airó. 2 — Tua. CMV. 3 — Na. Apará. As. 4 — Aro. Alugara. 5 — Mia. Ota. 6 — Jastiga. Ema. 7 — Os. Urano. Em. 8 — Are. Olé. 9 — Somais. Asma.

FACTOS REAIS O helicóptero — revelação do mundo de amanhã



5 — Leonardo da Vinci, tal como o famoso Ícaro, pensou em fazer voar o homem, ideia que lhe surgiu ao observar o voo das aves. E não era homem para se contentar com sonhos. Começou por construir um aparelho voador, cujas asas eram movidas por engrenagens e batiam como remos. Não se tratava ainda de um helicóptero, mas...

6 — Algum tempo depois, o genial inventor, quando o Outono chegou, viu cair as folhas. Ao observar-lhes o voo e a queda, lembrou-se do hélice, que ele já pensara utilizar na propulsão dos barcos.



É verdadeiramente espantoso que os seus esboços de uma aeronave, tenham tomado, a forma de um helicóptero, há cinco séculos... E foi assim que em 1952, por ocasião das comemorações do 500.º aniversário do nascimento do grande artista, um capitão da Aviação italiana, tendo por base os seus desenhos, construiu algumas curiosas maquetas, que fez voar no céu de Roma.

7 — Entretanto, durante alguns séculos, ninguém pensou em continuar os trabalhos do genial pintor, nem em neles se inspirar, tentando fazer melhor. Sómente no século XVIII, depois das experiên-



cias dos irmãos Montgolfier, a atenção de alguns cientistas se voltou, de novo, para a navegação aérea. Algumas comunicações, respeitantes à nova ciência — a Aeronáutica — chegaram à Academia das Ciências de Paris e a outras instituições congêneres de diversos países. Mas a impossibilidade de descobrir, na época, uma força motriz adequada, impediu a fabricação de aeronaves movidas por hélices.

8 — Os chineses, entretanto, que tantas coisas inventaram, milhares de anos antes do Ocidente, resolveram o problema à sua maneira. Em certa medida, pode afir-



mar-se que inventaram o helicóptero. Na verdade, fabricaram um brinquedo, constituído por uma hélice ligada a uma roda metálica helicoidal, que lhe imprimia um movimento giratório. Comprimindo o hélice, este, uma vez em liberdade, fazia voar o aparelho. Trata-se, pois, do princípio de um «hélice horizontal», actualmente utilizado nos helicópteros.

(Continua)

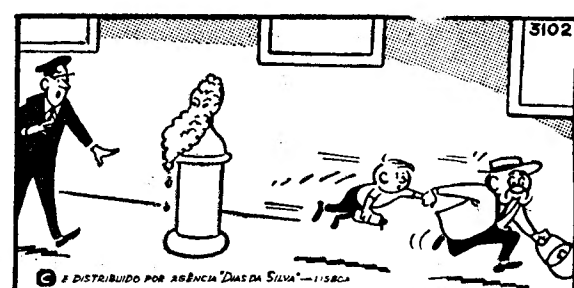
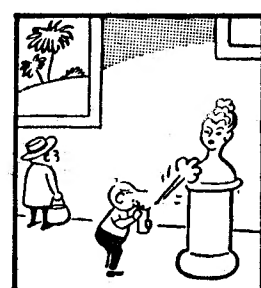
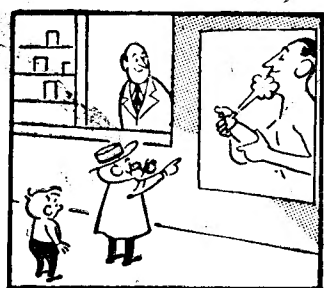
RAPIDEZ + EXACTIDÃO - AO MÁXIMO DE EFICÁCIA

QUEM DIZ
CÓPIAS E FOTOCÓPIAS
DIZ

BELLO SANTOS

RUA DE S. NICOLAU, N. 26, 4.
c/ elevador Telef. 36 90 50

AVENTURAS DO TIO CARLOS



OS MEUS PRIMEIROS PASSOS NO COSMOS

O dia 18 de Março de 1965 marca uma etapa na história da astronáutica. Nesse dia, pela primeira vez na história, um homem — Alexei Leonov — saiu de uma nave espacial e evoluiu no cosmos durante vinte minutos. O que sentiu ao sair da nave e o que viu, durante a sua extraordinária aventura, constitui o tema da nota que Leonov escreveu especialmente para «El Correo de la Unesco» e da qual extraímos algumas passagens.

«Unicamente os inesquecíveis minutos da partida e a recordação dos largos meses de treino me fizeram acreditar na realidade do quadro que se abriu ante os meus olhos ao ver como o «Voshkod-2» planava no espaço cósmico livre. A nave vogava solene, majestosamente. As suas antenas, como bigodes de um monstro aéreo, tacteavam o vazio do cosmos. As vigias pareciam enormes olhos que seguissem cada um dos meus movimentos. Olhavam-me também as objectivas das camaras de televisão e fotográfica. Ante mim tudo estava negro: um céu negro e estrelas luminosas que não cintilavam, mais parecendo estarem imobilizadas.

Tão pouco o sol apresentava o aspecto que tem quando visto da terra: a sua volta não havia nenhuma auréola, nenhuma coroa; parecia um enorme disco incandescente cravado no aveludado negro do céu cósmico. E o próprio cosmos parecia, por sua vez, um pouco sem fundo. O espaço oferecia um aspecto nunca visto da terra.

Sob mim movia-se o nosso planeta de cor azul-celeste. Visto do cosmos não parecia redondo mas completamente plano, como um gigantesco mapa em relevo. Sómente a curva do horizonte testemunhava que a terra é redonda.

Leonov comenta a rapidez com que a astronáutica avançou desde o primeiro voo espacial, feito por Yuri Gagarin, que apenas durara 108 minutos. Passados quatro anos é já possível um voo de vários dias, partilhado por dois homens e em que um flutua livremente no espaço. Depois acrescenta:

«Os cientistas estudam agora o problema da criação de estações-institutos orbitais permanentes. É evidente que o homem aterrará noutros planetas.

Mas, para levar a cabo tudo isso, é necessário aprender a montar di-

rectamente no cosmos pesadas embarcações, poder render a tripulação das estações-laboratórios e passar de uma embarcação aérea para outra, a fim de prestar socorros ou, simplesmente, para estabelecer relações com outros homens que se dedicam aos voos interplanetários. De tudo isto destaca-se uma nova necessidade: a de aprender a sair para o espaço cósmico abandonando a embarcação em que se viaja e encontrar para o fazer o processo mais cómodo. Mas será essa saída do homem para o espaço coisa viável? E, se o é, poderá o homem trabalhar no espaço aberto reali-

zando, por exemplo, as operações de montagem indispensáveis à união de duas naves aéreas?

Aqui está a resposta a estas perguntas que, em 1926, dava o cientista russo Constantin Tsiolkovsky: «É mais fácil realizar toda a espécie de trabalhos no espaço cósmico do que na terra. Em primeiro lugar porque não há limite das dimensões das obras que se empreendam e porque se podem empregar materiais mais leves com a certeza de que nem a pressão nem a gravidade os destruirão, visto no

(Continua na página seguinte)



Aristóteles (384-348 a.C.) estudou os fenómenos naturais, da biologia à física, mas o seu espírito de observação foi muitas vezes superficial



Copérnico (1473-1543) foi, pelo seu trabalho inovador no domínio da astronomia, um importante precursor do espírito científico moderno

INTRODUÇÃO À FÍSICA

Breve história da Física

As antigas civilizações pouco contribuíram para a evolução da Física. É certo que elas descobriram muitos fenómenos da natureza

Mas a verdade é que o seu estudo era feito por uma restrita classe de pessoas, e o seu ensinamento limitado. Além disso, não se pode esquecer que o estudo dos fenómenos era a mais das vezes só conjectural, quer por falta de instrumentos, que os não havia na época, quer por força de uma atitude especulativa perante o mundo.

A ideia de «átomo», corpo já tão pequeno que não se pode dividir, foi uma descoberta de sábios gregos. Com essa ideia simples desenvolveram teorias filosóficas complicadas, chegando a explicar a constituição de todos os corpos e o aparecimento do mundo. Aristóteles, (384-330 a. C.) famoso sábio grego, estudou variados fenómenos naturais, desde a meteorologia à acústica, mas porque tinha poucos instrumentos ao seu alcance, fez muitas observações incompletas de que tirou erradas conclusões. Uma grande figura da ciência antiga foi o siracusano Arquimedes (287-212 a. C.). Ao contrário de outros sábios gregos, ele preocupou-se muito em construir e em utilizar instrumentos nos seus estudos. Os seus trabalhos já não tinham só a inspiração especulativa, tinham também a comprovação e a utilidade prática. Ele disse, e esta frase era já bem uma profecia do poder da Fi-

(Continua na página seguinte)

Computador de «algibeira»

Há actualmente tendência para se recorrer cada vez mais ao cálculo electrónico, mesmo para se efectuarem operações simples, e para se usarem nele máquinas cada vez mais poderosas, cujo manejo tem de ser feito na maioria das calculadoras por um programador.

É o que se está a passar em França, onde o mercado está a ser invadido por técnicas e máquinas americanas, e daí a tentativa da indústria francesa para criar máquinas poderosas que rivalizem com as americanas.

É contra a utilização destas calculadoras complexas que se insere a calculadora EMD 8-48, lançada recentemente por Marcel Dassault.

Trata-se de uma máquina extraordinariamente simples, concebida propositadamente para poder ser utilizada directamente pelos cientistas sem terem de recorrer a um programador.

É uma máquina que ocupa pouco espaço, pesa apenas 36 quilogramas e é muito barata — 240 a 360 contos. Está munida de um teclado facilmente maneável, e as operações efectuadas são imediatamente registadas num rolo de papel, ficando-se assim com um rol das operações efectuadas.

A EMD 8-48 visa satisfazer uma necessidade: pôr à disposição de toda a gente uma máquina capaz de realizar as operações usuais e, por meio de um equipamento suplementar, resolver cálculos mais complicados.

Jornadas Técnicas de Paris

No quadro do Salão Internacional de Química, as Jornadas Técnicas de Paris reuniram 2500 especialistas, provenientes de muitos países, que abordaram os grandes problemas da química e as suas aplicações industriais.

O programa das Jornadas compreendeu 18 reuniões, consagradas aos mais importantes ramos das indústrias químicas e aos problemas que lhes estão ligados (poluição atmosférica e das águas, aços especiais, corrosão, técnicas nucleares, «contrôle» e regulação automática, etc.), assim como várias manifestações, entre as quais um colóquio entre os Centros Francês e Belga de Corrosão, que trataram das aplicações industriais do princípio de protecção catódica.

Salão Internacional de Aeronáutica e do Espaço

Realizou-se o XXVI Salão Internacional de Aeronáutica e do Espaço em Bourget (França), de 11 a 20 de Junho.

Cada dia foi dedicado a um domínio particular da aeronáutica e do espaço. Realizaram-se congressos, conferências e exposições de voo, destinados aos técnicos, às missões estrangeiras e à imprensa. Como é tradição, os dois últimos dias foram consagrados a demonstrações de voo. O número de exposições foi de 420, pertencentes a 15 nações, cobrindo uma área de 40 ha.



Liberto das leis da gravidade terrestre, Leonov flutua na silenciosa imensidade do cosmos. O seu escafandro protege-o do vazio mortal num meio em que não há parte superior e inferior, nem norte e sul

Um homem passeia no Cosmos

(Continuação da página anterior)

espaço não existir peso. Em segundo lugar, aí, o homem pode trabalhar na posição em que lhe aprou- ver sempre que os seus pés, ou qualquer outra parte do corpo, estejam fixos num local; não há planos verticais nem planos horizontais, não há parte superior nem inferior. Além disso, não se pode cair. Nenhum objecto, mesmo o mais pesado, pode ferir o homem que trabalha no espaço, visto esse objecto não cair em parte alguma, mesmo que não haja nada a fixá-lo. Nenhuma parte do corpo exerce pressão sobre outra. Independentemente da sua massa e dimensões, os objectos deslocam-se mal se lhes toque. Basta um impulso proporcional à massa e ao quadrado da sua velocidade para que os corpos entrem em movimento perpétuo.

As deduções teóricas de Tsiolkovsky, baseadas nas leis da mecânica, tinham o cunho da generalidade mas não estavam confirmadas por nenhuma experiência de ordem prática.

Como resultado do lançamento de satélites para o espaço os cientistas definiram teoricamente todos os problemas relacionados com a saída do homem no cosmos. Conheciam-se bem as condições do ambiente para além da atmosfera, a intensidade das radiações e o efeito da ausência de gravidade. Mas ninguém sabia exactamente de que modo reagiria o homem a essa ausência de gravidade no vazio do espaço cósmico.

A Pavel Belyayev — comandante do «Voshkod-2» — é a mim, coube a sorte de dar, em 18 de Março passado, as primeiras respostas a todas essas perguntas, verificando na prática as hipóteses e cálculos dos cientistas. Cremos ter resolvido esses problemas e, ao fazê-lo, justificado as esperanças que se haviam posto no nosso voo.

O que ocorreu foi o seguinte: dois minutos depois de a nave espacial entrar em órbita, começámos a preparar a minha saída para o espaço. A responsabilidade da nossa tarefa e do voo não nos permitia perder tempo a admirar as maravilhas e belezas da paisagem: para isso teria de esperar até que a nossa missão fosse cumprida.

Enquanto nos preparávamos para esse voo, experimentámos repetidas vezes os «contrôles» da câmara de saída e os sistemas que regulam as condições físicas do homem ao sair para o espaço, ensaiando a saída e o regresso à nave em condições que simulavam as que teríamos de confrontar com a realidade. Deste modo, quando a nossa nave acabava de descrever a sua primeira órbita, voltámos a ensaiar a operação do princípio ao fim.

Quando nos encontrávamos sobre a península de Ramchatka, o comandante Belyayev começou a fazer os preparativos práticos para a minha saída, ajudando-me a colocar nas costas o saco que continha a reserva de oxigénio. Verifiquei por

meu lado as ligações entre esse saco e o meu escafandro. Belyayev abriu a escotilha da câmara de saída. Os dois ajustámos ao escafandro o cordão umbilical que devia manter-me unido à nave aérea e dentro da qual ia o cabo telefónico que me permitiria estar em contacto tanto com o comandante como com a terra.

Soltei a correia que me prendia ao assento e comecei a flutuar na câmara de saída. Belyayev começou a extrair-lhe o ar para igualar a sua pressão com a existente fora da nossa embarcação, o que senti pela maneira como o meu escafandro ia inchando. De repente abriu-se a porta exterior da câmara. Um feixe de luz solar, que me cegava, invadiu a pequena câmara. A luz era tão forte e tão brilhante que parecia alguém que estivesse a soldar qualquer coisa com uma lâmpada de acetileno.

A «saída» para o espaço

Avancei para a saída e pus a cabeça de fora. Estávamos sobre o Mediterrâneo. Queria sair imediatamente para poder ver do espaço a Terra e a nossa nave aérea, mas o comandante não mo permitiu. Tinha de sujeitar-me ao programa e sair no momento anteriormente fixado, de modo que não tive outro remédio senão submeter-me.

Sobre Simferopol, Belyayev deu-me ordem para sair. Na minha impaciência por fazê-lo tomei demasiado impulso e saltei da nave como a rolha de uma garrafa. Precisamente sob mim estava Kertch. Vi o Mar Negro, a baía azul da baía próxima de Novorossiisk, as montanhas do Cáucaso cobertas de nuvens. A visibilidade era magnífica. Eu já voara muito em diversos aviões, mais de 550 horas, mas devo dizer que do espaço cósmico tudo se vê melhor e mais em relevo que de um avião. Por exemplo, vi claramente que nos arredores de Sochi, a famosa estância balnear, fazia um dia de sol radioso.

Encontrei-me em plena rotação e sem poder fazer nada para impedi-lo. Sabia que isso se ia passar assim pelas experiências que Belyayev e eu fizemos no avião-laboratório para aperfeiçoar a técnica de saída e de regresso à nave aérea em condições de ausência de gravidade. Por isso não fiz o menor esforço para impedi-lo, limitando-me a esperar que diminuísse a velocidade de rotação pela torção do cabo. E, com efeito, a velocidade angular foi decrescendo pouco a pouco. Todavia continuava a girar em redor de um eixo transversal imaginário, e podia ter suspenso o movimento agarrando-me ao cabo, mas preferi continuar a rodar porque isso me permitia ver muito melhor.

Sob mim passavam as majestosas cadeias verdes das montanhas do sul do nosso país. Reconheci o Volga; depois vi os Montes Urais e os dois poderosos rios da Sibéria, o Obi e o Yenisei.

Tirei então o obturador da câmara cinematográfica que devia filmar todos os meus movimentos no espaço cósmico, câmara que estava montada num suporte especial perto do bordo da escotilha. Um momento depois dei um puxão ao cabo para avançar e devo tê-lo feito com demasiada força porque, de repente, vi que a nave vinha para cima de mim e tive de me proteger com as mãos. Podia rasgar a minha capota hermética contra a nave e por isso, estendendo os braços, consegui amortizar o choque, o que demonstra que, uma vez adaptado às condições existentes no espaço cósmico, o homem pode mover-se de maneira coordenada e precisa.

Enquanto flutuava no espaço mantive-me em contacto telefónico permanente com Pavel Belyayev e com a Terra; comuniquéi, entre outros, com Yuri Gagarin que estava de serviço no posto de comando do cosmodromo. Também ouvi a Rádio Moscovo anunciar a saída da nossa nave espacial.

Quando nos encontrávamos sobre o Yenisei, o comandante deu-me ordem de voltar para a nave. Sentia-me ligeiramente na melhor das disposições e não queria deixar o cosmos tão depressa. Contudo, dei um novo impulso no bordo da escotilha, interessado como estava em

determinar o que produzia a velocidade angular imediatamente após esse empurrão inicial. Verifiquei que essa velocidade se deve a um deslocamento insignificante da direcção que tem a força impulsional em relação ao eixo da nave.

Em seguida executei a ordem do comandante Belyayev e comecei a avançar para a nave. No caminho tirei a câmara cinematográfica do suporte em que se encontrava sobre a escotilha. Queria entrar imediatamente, mas a coisa não foi tão fácil como pensava. O escafandro inchado limitava a liberdade dos meus movimentos. Tive de fazer sérios esforços físicos para entrar na escotilha mas não passou muito tempo sem que me visse de novo na cabina da nave junto ao meu amigo Pavel Belyayev.

Terminara a primeira experiência da saída de um homem, de uma nave lançada da Terra, para o espaço cósmico. Foram vinte os minutos que estive fora da cabina. Ao voltar a entrar na escotilha o «Voshkod-2» estava longe do Mediterrâneo; agora aproximávamo-nos do Oceano Pacífico.

Tivera medo? Perguntaram-me repetidas vezes se, ao sair da nave sentira medo, se temera pela minha vida. E, de todas elas, tive de responder sinceramente que não.

Leonov justifica a sua confiança nesta espantosa experiência dizendo mais adiante:

«Com Pavel Belyayev, por exemplo, tomara parte na elaboração dos planos da nossa própria nave, da escotilha, do sistema de comando desta, e do escafandro, assim como do aperfeiçoamento de todos os sistemas e de novos equipamentos agregados à nossa nave em comparação com o «Voshkod-1», tendo sido aprovados na nossa presença todos os planos correspondentes. Nós próprios experimentámos esse equipamento em lugar de confiar exclusivamente nos experimentadores profissionais e propusemos modificações que considerávamos essenciais. Nenhuma das indicações ou propostas que fizemos caiu em saco roto da parte dos construtores e dos engenheiros».

Alexei exemplifica mais uma das vantagens dos cosmonautas participarem directamente em toda a elaboração dos planos de voo acrescentando:

«O sistema da câmara de saída



Leonov teve a impressão de estar vivendo uma cena de um filme de «ficção científica». Na fotografia vê-se o seu regresso à nave. Vêmo-lo na câmara cuja escotilha exterior se vai fechar sobre a sua cabeça. Em seguida, logo que o comandante Belyayev tenha feito entrar ar na câmara, Leonov abrirá a escotilha que dá para a cabina da nave

foi submetido igualmente a uma grande prova durante o nosso voo. Eu creio que os cientistas encontraram o método mais satisfatório da saída do homem para o espaço cósmico. Haverá quem pergunte em que reside a superioridade deste método sobre o da deshermetização completa da nave, e a esses direi que o propósito final da saída para o espaço é o de permitir que os cosmonautas passem de uma nave para outra, que essas naves se encontrem e que nelas se possam fazer reparações enquanto estão em

órbita. Certamente, essa tarefa cairá sobre os pilotos-cosmonautas e não sobre os outros membros da tripulação espacial.

Nesse caso não seria lógico que todos os outros membros da tripulação tivessem de usar escafandros, como seria inevitavelmente o caso, se fosse deshermetizada a cabina. É preferível que o usem um ou dois cosmonautas — os que se ocupam dos trabalhos que descrevemos — e que esses saiam para a câmara do ar cuja porta interna terá de ficar herméticamente fechada».

BREVE HISTÓRIA DE FÍSICA

(Continuação da página anterior)

sica: «Dal-me um ponto fixo e eu levantarei o mundo».

Embora menos conhecidas, a antiga civilização chinesa e a civilização árabe, possuíram também notáveis sábios. Al Hassan, árabe que viveu no século X da era cristã, fez importantes descobertas no domínio da luz: descobriu o poder das lentes, constatou que a propagação da luz não é instantânea, além de ter estudado muitos outros fenómenos.

Na Idade Média e na Renascença, a ciência europeia teve uma evolução lenta. De Vinci (1452-1519), famoso renascentista, fez larga observação de fenómenos no campo da hidráulica, da aerodinâmica e do som, porém, descuidou a procura das leis gerais que explicassem esses fenómenos.

A eclosão do pensamento científico moderno começou a dar-se no início do século XVII. Esse pensamento caracteriza-se pela utilização sistemática da observação e da experimentação no decurso da progressão do raciocínio. Galileu em Itália, Gilbert em Inglaterra, Stevius na Holanda, pensavam e experimentavam nessa época usando já os mesmos métodos de pesquisa que hoje se usam. A eclosão simultânea dessa atitude de espírito por toda a Europa de então, revela bem quanto ela era uma necessidade do progresso do pensamento, e de modo algum uma descoberta de algum génio inspirado.

As descobertas científicas come-

caram então a fazer-se rapidamente. Newton (1642-1727) deu um enorme passo em frente ao relacionar entre si, numa só teoria, tanto o movimento dos planetas como a queda dos corpos. Esta foi a primeira vez que na história da Física se conseguiu relacionar entre si toda uma vasta categoria de fenómenos. Mas não se esqueça que essa teoria vem precedida e repousa sobre uma ampla recolha de observações feitas ao longo de 2 mil anos de história da astronomia.

Faraday (1831) estudou os fenómenos eléctricos e magnéticos. Maxwell (1865) resolveu o problema da natureza da luz. Carnot (1824) lançou as bases da ciência do calor. As descobertas seguiram-se em rápida sucessão e foram sendo aplicadas à técnica. Inventaram-se e difundiram-se os geradores de electricidade, os motores eléctricos, a máquina a vapor (1765), o motor de explosão (1862), a máquina frigorífica (1850), a telegrafia sem fios (1896), o telefone (1876), o fonógrafo (1877).

A partir do fim do século XIX novas investigações de grande importância desvendaram todo um novo mundo da Física. Os físicos começaram a dar-se conta de que os átomos não eram indivisíveis como se pensava. Assim foi retomado o problema da constituição íntima da matéria, abrindo-se o caminho para a Física atómica e nuclear.

Ao mesmo tempo fizeram-se importantes revelações sobre a natureza do espaço, do tempo, da energia, da massa e da gravidade.

Estas descobertas são extremamente importantes na Física moderna,



Newton (1642-1727) conseguiu explicar, com uma só teoria, as leis do movimento dos astros e as leis da queda dos graves

quer se estude o átomo, quer se estude o cosmos.

Hoje em dia qualquer rapazinho estudioso saberá muito mais dos fenómenos da natureza do que Arquimedes há 2 mil anos atrás. Mas os físicos dizem que há ainda muitas leis físicas por descobrir. A natureza tem muitas surpresas guardadas para nós.

RUI ROSA

O CONCELHO DE MAFRA DEVE FICAR

COMPLETAMENTE ELECTRIFICADO DENTRO DE TRÊS ANOS

MAFRA, 29 — A vereação da Câmara Municipal, acompanhada do seu presidente, sr. Adriano da Silva Figueiredo, e do director-delegado dos Serviços Municipalizados, sr. eng. António Esteves, fez uma demorada visita de estudo a algumas das quinze freguesias do concelho, a fim de apreciar os melhoramentos ultimamente concluídos e obras ainda em curso e, ao mesmo tempo, inteirar-se das mais prementes necessidades das populações.

Foram visitados numerosos melhoramentos prontos a inaugurar e outros prestes a concluir-se, no valor de alguns milhares de contos, nomeadamente obras rodoviárias que permitem o acesso a algumas povoações até aqui completamente isoladas, e muitas das quais foram construídas com o auxílio dos povos interessados, bem como o abastecimento de água a diversas localidades e trabalhos de electrificação, tendo o sr. Adriano da Silva Figueiredo anunciado aos vereadores que, dentro de três anos, o concelho deve estar todo electrificado.

Na vila de Mafra, a vereação observou a obra de construção do edifício destinado aos Serviços Municipalizados, cuja primeira fase importa em cerca de 1600 contos e é constituída por um pavilhão de oficinas, electricidade e complemento de uma nova linha de alta tensão, para alimentar o concelho. A segunda fase, projectada para breve, constará da construção de outro pavilhão, para os serviços administrativos, estando o seu custo orçado em mais de 1500 contos. Na zona nova da vila, em urbanização, foram apreciados os trabalhos de abertura de vários arruamentos, a construção de um edifício escolar com oito salas de aula e do quartel da G. N. R., com residência para o comandante, e um bloco residencial para funcionários públicos e praças daquela corporação.

Obras na freguesia de Mafra e urbanização da Malveira

Ainda na freguesia de Mafra, os vereadores observaram os caminhos de acesso a Gonçalves, Casas Novas, Monte Godel, Quintal, Murtais e Montesouros; o alcatroamento de uma extensa rua de Murgeira, que liga as duas estradas nacionais que passam pela povoação; e a construção e pavimentação do largo e ruas do lugar de Sobreiro, onde em breve se vai melhorar o abastecimento de água e construir um edifício para o lavadouro público.

Nas freguesias de Malveira e Igreja Nova, visitaram-se a construção dos caminhos da estrada nacional a Alcaínça Grande e a Simões; a ligação da estrada de Sintra à Boavista e a estrada municipal de Alcaínça Pequena, onde brevemente começam os trabalhos de construção do lavadouro e do fontanário; e o ramal de Lexim, onde se projecta edificar uma escola, com residência anexa para a professora. Na vila da Malveira, vão muito adiantados os arruamentos da Cova da Abelha e a construção de bancadas cobertas para a venda de peixe, começando em breve a urbanização do local onde se implantará a igreja e a execução dos cabos subterrâneos de alta tensão para novas indústrias e melhoria do abastecimento de energia a Venda do Pinheiro.

Na freguesia de Santo Estêvão das Galés procedeu-se à construção de um caminho de acesso a Montemuro e a Choutaria e vai abastecer-se de água o lugar do Rogel, estando também prevista uma estrada de Rogel a Cascaveiros e Montemuro, povoação esta que está a ser electrificada. A freguesia de Milharado também está a ser muito beneficiada, com a electrificação de Azeiteira Grande, um lavadouro em Calvos e instalações sanitárias e pavimentação de ruas em Póvoa da Galega, prevendo-se a ligação daquele lugar ao da Póvoa de Cima. Em Vila de Canas, Brejos de Roçada, Vale Canal, Castelo Picão e Casal Pedregulho estão projectados para breve fontanários e lavadouros e, para a última localidade, a electrificação.

O desenvolvimento da Ericeira

No lugar de Ervideira vão construir-se um fontanário e um lavadouro e no Gradil um edifício escolar. Começaram já os trabalhos de pavimentação e alcatroamento das estradas que servem o Seixal, Lapa da Serra, Fonte Boa da Brincoia e Foz da Carveira, e, em Sobral da Abelheira, está em curso a obra de abastecimento domiciliário de água, melhoramento este que importará em cerca de 700 contos. No lugar da Charneca também se procede à construção da obra de abastecimento de água ao domicílio e, nas proximidades da Ericeira, trabalha-se na conduta para abastecimento do precioso líquido àquela vila, a partir de Fonte Boa dos Nabos, e melhoria da captação exis-

tente na povoação e sua distribuição domiciliária.

Estão ainda em curso os trabalhos de ampliação da rede de águas para abastecimento ao Alto da Boavista e Bairro da Misericórdia da Ericeira, onde ainda se restaura o lavadouro e se procede ao calçamento de várias artérias, estando aberto, pela terceira vez, o curso para construção de instalações sanitárias naquela praia.

Os vereadores apreciaram, também, as obras das estradas de Monte Bom a Santo Isidoro e deste lugar a Junqueiros, onde vai construir-se um fontanário. Em Santo Isidoro procede-se igualmente ao calçamento de ruas e vai melhorar-se o abastecimento de água.

A produção de lacticínios na região de Aveiro continua prejudicada por graves defeitos estruturais

Pode dizer-se que de 1940 até hoje triplicou a produção de lacticínios na região de Aveiro, ao mes-

mo tempo que passou a ser oferecida ao mercado consumidor uma maior variedade de produtos lácteos e era melhorada a valorização do leite.

Expressando em números a evolução da produção de leite e lacticínios naquela região, verifica-se que o quantitativo de leite completo industrializado, que em 1940 foi de 38 milhões de litros, passou em 1950 a 42 milhões e meio, para subir em 1960 a mais de 75 milhões, praticamente o dobro do volume inicial. Em 1940, a indústria aproveitara sómente 4% do total de leite magro obtido, mas em 1950 já transformou mais de 30% deste subproduto, para industrializar em 1960 perto de 38%. A produção de queijo subiu em 1950 para mil toneladas anuais, contra 400 toneladas registadas em 1940, e alcançou em 1960 o quádruplo deste quantitativo, ou sejam duas mil toneladas. Em relação ao fabrico de leite em pó e produtos dietéticos, assistiu-se em 1950 a um aumento de 300 toneladas anuais, elevando-se em 1960 o volume de produção a cerca das 3700 toneladas, o que corresponde a 18 vezes mais do que a quantidade obtida em 1940.

A preparação de caseína industrial também duplicou de há vinte anos para cá, depois de ter chegado durante a guerra e no período que imediatamente se seguiu a um volume que ia além das 200 toneladas por ano.

Todavia, apesar de muito ter caminhado nestes últimos vinte anos, «a indústria de lacticínios da região de Aveiro — e talvez possa dizer-se a do País — está ainda bem longe de ter alcançado uma posição que lhe permita satisfazer as solicitações do consumo interno, na medida em que este se vá tornando mais exigente, e que lhe assegure um mínimo de robustez para actuar futuramente nos grandes espaços económicos que estão a ser criados», segundo afirma o dr. Nuno da Cunha Dias, delegado da Junta Nacional dos Produtos Pecuários em Aveiro, num trabalho agora publicado por aquele organismo. E acrescenta: «Há defeitos de estrutura, há falta de organização e o nível técnico é em muitos casos bastante baixo. A indústria de lacticínios carece de nova remodelação, de um sopro que vá arejar o que já cheira a bafio e lhe dê alento para outro arranque».

1140 postos para a recolha diária de 230 mil litros de leite

A indústria de lacticínios da região de Aveiro conta actualmente, conforme também refere aquele técnico, com uma quantidade de leite da ordem dos 230 mil litros diários, que recolhe desde as margens do Lis até para além do Douro. Apesar de quase todas as fábricas do distrito se encontrarem localizadas ao norte do rio Vouga, o movimento de expansão da área de recolha tem-se dado na direcção sul, entrando na orla litoral dos distritos de Coimbra e Leiria. Perto de 40% do caudal de matéria-prima provém das zonas de produção situadas a sul do Vouga, o que encareceu o custo do transporte do leite, tornando também mais demorada a recolha, com manifesto prejuízo da qualidade e do estado de conservação do produto.

Para obviar a estes últimos inconvenientes, a indústria teve de recorrer ao transporte do leite em tanques isotérmicos. Todavia, tal modalidade de recolha não se generalizou a toda a indústria, porque é diminuída em alguns casos a quantidade de leite a transportar e porque, noutros casos, não está ainda bem compreendida a importância da organização desse serviço.

A indústria utiliza mais de 1140 postos para a recolha do leite e os autoveículos ao seu serviço percorrem mais de 10 000 km por dia, o que dá um índice de 20 litros por km.

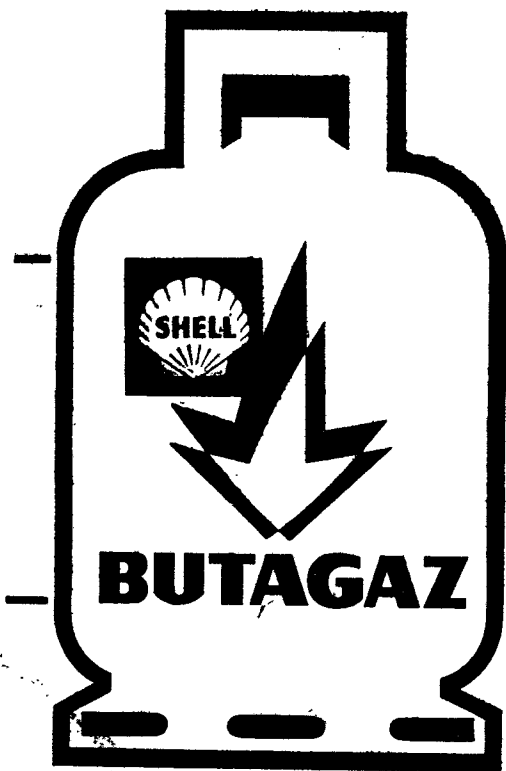
Má qualidade do leite

Como demonstraram os exames sumários e a prova da redução, a maior parte do leite oferecido aos estabelecimentos de lacticínios, assim como o que é lançado no consumo público, está longe de possuir aquelas características que o

(Continua na 16.ª página)

SE
DEITAR
UM BALÃO
BONITO

peça a S. Pedro
bom senso
longa vida
e um grãozinho de malícia...



O Santo é bom e vai dar-lhe alguma coisa, se Você ajudar. Mas desde já lhe cabem duas certezas nesta quadra de alegria:

a Shell Portuguesa oferece a quem assinar contratos de 10 de Junho a 10 de Julho

o conteúdo de uma garrafa de BUTAGAZ (13 Kgs.) e 10% de desconto no material de queima.

quem tem BUTAGAZ tem tudo

A TRAVERS LE MONDE

Nouvelles cour-
tes de l'étranger

● M. Balaguer est rentré
à St. Domingue

L'ancien Président de la Ré-
publique Dominicaine, M. Joa-
quín Balaguer, est arrivé, la nuit
dernière à St. Domingue pour se
rendre au chevet de sa mère,
qui est gravement malade.

M. Balaguer a déclaré ne pas
envisager de présenter sa can-
didature à la présidence de la
République avant l'annonce des
élections générales. Président de
la République pendant la dicta-
ture de Rafael Trujillo, M. Ba-
laguer vit en exil à New York.

● Le Papé et la liberté reli-
gieuse

Le Pape Paul VI a affirmé, la
nuit dernière, que le Concile
Œcuménique du Vatican établira
au cours de sa prochaine session
que la liberté religieuse doit être
respectée et que nul ne peut être
empêché ou forcé en matière de
foi religieuse.

● La crise gouvernementale
belge

M. Pierre Harmel, premier mi-
nistre social chrétien désigné a
déclaré à Bruxelles qu'il procé-
dera à la formation d'un Gou-
vernement d'union nationale,
susceptible de mettre un terme
à la crise politique belge qui dure
depuis 5 semaines.

● Mort du fameux trompette
Red Nichols

Le fameux trompettiste Red
Nichols, de la «vielle vague», est
décédé la nuit dernière, à l'âge
de 60 ans, victime d'une crise
cardiaque. Nichols a été un des
premiers blancs à atteindre la
notoriété dans la musique de
«jazz».

O prof. Guilherme Janz foi aprovado por unanimidade professor ordinário do Instituto de Medicina Tropical



Na aula magna
do Instituto de
Medicina Tropi-
cal, terminaram
hoje as provas do
sr. prof. Guil-
herme Jorge Janz,
na concorrên-
cia para profes-
sor ordinário da
3.ª cadeira (Epi-
demiologia e
Biotatística) da-
quele Instituto,
onde o candidato
exerce há anos
as funções de
professor auxi-
liar.

Esta manhã, o
sr. prof. Guilher-
me Jorge Janz
prestou a última
prova — uma li-
ção intitulada «A
utilidade dos
modelos teóricos
na interpretação
de fenômenos epidemiológicos» —
perante um júri presidido pelo sr.
prof. Francisco Cambournac, direc-
tor do Instituto de Medicina Tropi-
cal, e constituído pelos srs. profs.
Melgo Silvestre, Candido de Oli-
veira e Machado Vaz, das Faculda-
des de Medicina de Coimbra, Lis-
boa e Porto, respectivamente; e
Fraga de Azevedo, Salazar Leite,
Trinão, Cruz Ferreira e Manuel
Pinto, do Instituto de Medicina Tropi-
cal. Foi arguente o sr. prof. Me-
lgo Silvestre.

Terminada a prova, o júri reuniu-
se para deliberar, decidindo apro-
var o candidato por unanimidade.

A evolução dos processos de pesca e a situação económica da indústria criaram problemas aos armadores que eles não podem resolver sòzinhos

— diz-nos um dos vice-presidentes
da Corporação das Pescas e Conservas

Os estudos científicos das pescas
e a análise dos problemas econó-
micos que lhe estão relacionados
encontram-se hoje na ordem do
dia em todo o Mundo, pelo que nos
pareceu curioso e oportuno ouvir
um técnico português que pudesse
falar-nos da situação das pescas
em Portugal e da sua evolução.

Procurámos assim o sr. dr. An-
tónio Duarte Silva — um dos vice-
presidentes da Corporação das
Pescas e representante português
na Comissão das Pescas da O. C.
D. E., com sede em Paris, o qual
se prontificou a responder a uma
série de perguntas que nos pare-
ceu interessante formular-lhe:

— Penso que nos devemos orgu-
lhar muito justamente — começou
por nos dizer — quando um orga-
nismo com a categoria da Comis-
são Internacional das Pescarias do
Nordeste do Atlântico classifica de
modelares e como tais os aponta

aos restantes países, alguns aspec-
tos da nossa contribuição para os
trabalhos científicos a que se de-
dica e nos quais colaboram os téc-
nicos de maior reputação mundial.

— E falta-nos ainda um navio de
estudos de pesca... — atalhámos.

— É verdade, mas também o va-
mos possuir. Efectivamente, temos
sempre adoptado todos os reais
aperfeiçoamentos e progressos que
resultam destes trabalhos científicos,
para os quais esperamos, de
facto, poder dar uma contribuição
ainda maior logo que disponhamos
da Estação de Tecnologia Aplicada
às Pescas e do navio de estudos de
pesca, cuja construção foi já con-
siderada no Plano de Fomento.

E acrescentou:
— Essas carências, porém, não
significam atraso que impeça que
os delegados de Portugal tenham
sido eleitos para cargos de res-
ponsabilidade no «Comité» das
Pescas da O. C. D. E., no qual
ocupamos a vice-presidência (ten-
do Portugal sido já reeleito três
vezes) e na I. C. N. A. F., para ou-
tros, entre os quais os da presiden-
cia e vice-presidência deste orga-
nismo, que são, sem duvida, como
sabemos, dos mais representativos das
pescas mundiais.

● Justiça à pesca à linha

A conversa enveredou depois
para aspectos da pesca do bacal-
hao e perguntámos então ao sr.
dr. António Duarte Silva por que

razão diminuiu a captura dos cha-
mados «peixes grandes», tão do
agrado do consumidor.

— Essa produção — respondeu-
nos — diminuiu fundamentalmen-
te por duas razões: em primeiro
lugar a intensificação da pesca do
bacalhau não só pelos países que
tradicionalmente a exerciam, mas
também por outros que não a pra-
ticavam, como a Rússia e a Poló-
nia, teve como consequência que
o rendimento horário das capturas
baixou do número médio de 40 to-
neladas por dia de pesca para cer-
ca de 15, tendo sido sensivelmente
paralela a diminuição do tamanho
dos peixes. O outro motivo é que
a pesca à linha, tão criticada como
retrógrada, é afinal muito mais se-
lectiva e dá, no fim de contas, uma
percentagem mais elevada dos ta-
manhos grandes, ao passo que a
pesca com redes de arrasto ocasiona
uma percentagem muito
acentuada de tamanhos pequenos.

— Mas, sr. dr., como se com-
preende então que o bacalhau es-
trangeiro importado seja geral-
mente graúdo, quando lá fora só
se pesca com arrastões?

— Isso, virgula... O que acontece
é que certos países, como a Islân-
dia e a Noruega, alargaram as
águas reservadas à pesca em que
só os seus nacionais a podem exer-
cer. Criaram assim uma espécie de
coudadas em que o peixe cresce,

(Continua na 23.ª página)

O embaixador da Finlândia entregou hoje credenciais ao Chefe do Estado

Com o cerimonial da praxe, o pri-
meiro embaixador da Finlândia em
Portugal, sr. Ragnar Smedslund,
apresentou, hoje, as suas creden-
ciais ao sr. Presidente da Repu-
blica.

Aquele diplomata chegou, pelas
11 horas, ao Palácio Nacional de
Belém, acompanhado pelo chefe do
protocolo, sr. dr. Emílio Patrício.
A escolta era constituída por um
grupo de esquadrões de cavalaria
da G. N. R. em grande uniforme,
com estandarte e guião. A entrada
do palácio, uma companhia de in-
fantaria daquela corporação, com
bandeira e banda de música, pres-
tou honras ao novo embaixador.
Foram executados os hinos nacio-
nais da Finlândia e de Portugal.

Ná Sala dos Bicos, onde se perfi-
laram soldados da G. N. R., de es-
padas desembainhadas, aguardava o
sr. Ragnar Smedslund o ajudante
de campo do Chefe do Estado, sr.
comandante Guilherme Reis Thomaz.

A cerimónia decorreu na Sala
Dourada, onde o sr. Presidente da
República, que trajava casaca e
ostentava a banda das três Ordens,
estava acompanhado pelo ministro
dos Negócios Estrangeiros, pelos
secretários-gerais daquele departa-
mento de Estado e da Presidência
da República, e pelos srs. general
Humberto Pais, chefe da Casa Mi-
litar, e outros oficiais pertencen-
tes à mesma.

Após a entrega das credenciais,
houve breve troca de saudações,
findas as quais o embaixador pas-
sou à sala das reuniões do Conse-
lho do Estado, onde conversou du-
rante alguns minutos com o sr. al-
mirante Américo Thomaz e com
os srs. dr. Franco Nogueira e em-
baixador dr. Luís Archer.

O embaixador da Finlândia re-
tirou-se, depois, com as honras da
entrada.

Dezassete aviões procuram na Nova Guiné dois missionários perdidos nas montanhas

PORT MORESBY, 29 — (R.) —
Dezassete aviões procuram hoje
dois missionários católicos que se
perderam nas montanhas da Nova
Guiné, quando viajavam num pe-
queno avião.

Os sacerdotes são o padre Joseph
Walachy, de Trenton, Nova Jersey,
e o padre Joseph Bayer, alemão.

Os alunos cegos perante o júri São orientados pela primeira vez os exames dos invisuais que conseguem com êxito estudar e prestar provas

Embora não tenha sido ainda es-
tudoado em profundidade o proble-
ma dos exames prestados pelos
alunos invisuais e amblíopes, deu-
se um passo notável na nossa re-
gulação oficial, ao estabele-
cerem-se algumas normas orienta-
doras.

Anteriormente, por despacho do
subsecretário de Estado da Admi-
nistração Escolar, reconheceram-se
os esforços de alguns estabeleci-
mentos de ensino (Escola Técnica
Francisco de Arruda, Liceu Passos
Manuel, Escola Comercial Ferreira
Borges, Escola Industrial Fonseca
Benevides) e recomendou-se que,
em virtude dessa compreensão, os
alunos invisuais se deveriam con-
centrar em certas escolas. Há a sa-
liar nas normas superiores agora
estabelecidas o reconhecimento do
ponto de vista fundamental que
os estabelecimentos de ensino que
auxiliavam os referidos diminui-
dos físicos defendiam, isto é, que
os invisuais não carecem de qual-
quer autorização especial para se-
rem admitidos à prestação de pro-
vas de exames, tal e qual como ou-
tros diminuídos, os surdos, os trau-
matizados, etc. Só não se entende
muito bem por que razão se man-
dam afixar nos átrios dos estabele-
cimentos de ensino os avisos com
as condições relativas aos exames
dos cegos, quando o mais sensato
seria enviá-los para os estabeleci-
mentos que educam os invisuais.

● Como conseguem os cegos
estudar

A divulgação das referidas noti-
cias suscitou certa surpresa nos
que vêm, os quais gostam de sa-
ber como é que os alunos cegos po-
dem prosseguir nos estudos.

Nas escolas de cegos, os jovens
instruem-se em todos os níveis do
ensino mediante apoios especiais
que se lhes prestam. Considera-se
principalmente que os alunos invi-
suais são tecnicamente capazes de
prosseguir nos seus estudos
quando, tendo certa idade, se adap-
tam ao ensino secundário, liceal ou
técnico, nos estabelecimentos nor-
mais de ensino. Há mesmo crianças
que ingressaram mais novas, mas

estas são excepções. Elas são ba-
stante desbarbaçadas, sendo assim
mesmo auxiliadas, de tempos a
tempos, por professores especiali-
zados, alguns deles cegos.

A história, a geografia e a mate-
mática principalmente requerem
professores especiais, porque os
que vêm têm nos seus livros ma-
pas de geografia, esquemas e grá-
ficos. Na pedagogia moderna, faz-
se cada vez mais apelo às repre-
sentações visuais, o que, evidente-
mente, torna as coisas mais dificul-
tadas para o ensino dos cegos. Em
braille é difícil representar todos
estes esquemas. Pelo contrário,
existem séries de mapas de geo-
grafia em relevo, feitos de mate-
rial plástico. Estas cartas permitem
aos cegos estudarem as regiões.

Existem igualmente globos ter-
restres que são muito úteis, mas
tornar-se-ia necessário que cada
aluno tivesse o seu. Quando o pro-
fessor dá uma lição de geografia
que necessita de ver (tocar) um
globo, cada aluno serve-se do seu.
Por isso, cada aluno deve ter o
seu material, cada um o seu glo-
bo, o seu mapa de geografia.

● A história e as visitas
de estudo

Para o ensino de história não é
indispensável um professor cego
como repetidor, mas, na medida em
que a turma organiza visitas de
estudo aos museus, é bom que a
criança cega seja acompanhada por
alguém que a habitue a assuntos
pedagógicos que digam respeito
aos cegos. Algumas pessoas encon-
tram, imediatamente, por instinto,

(Continua na 17.ª página)

ZEBÚ

RESTAURANTE DE LUXO - MONTES CLAROS

Direcção de Ângelo Pereira — Telefone 63 65 66

Informamos os nossos Ex.ªs Clientes que a esplanada deste restau-
rante se encontra reservada amanhã quarta-feira dia 30 à tarde, para UM
SERVIÇO DE COCKTAIL.

A Direcção agradece a atenção a todos os Ex.ªs Clientes.



Presidido pelo eng.º Guimarães Lobato e pelos ministros da Alemanha, preside a primeira reunião dos Ministros Europeus dos Transportes

dos Ministros dos Transportes do trânsito urbano problemas de interesse geral

ra vez
Minis-
tristros
reside
as Co-
enhei-
o ini-
Foz,
da
e três
ministro
pelo
organi-
...
i
is

zação, sr. engenheiro Guimarães Lobato, pelos vice-presidentes, os ministros dos Transportes da Suíça, Willy Spühler, e da Alemanha, Hans-Christoph Seeböhm, e pelo secretário da Conferência, Michel Mange.

Nos outros lugares da mesa quadrada sentaram-se as representações dos 18 países membros da Conferência: Alemanha, Áustria (com o ministro Otto Probst e o secretário de Estado Vincenz Kotzina), Bélgica, Dinamarca (com o ministro Kai Lindberg), Espanha, França, Grécia, Irlanda (com o ministro Erskine Childers), Itália, Luxemburgo (com o ministro Albert Bousser), Noruega, Países Baixos (com o secretário de Estado M. Posthumus), Portugal, Reino Unido, Suécia, Suíça, Turquia e Jugoslávia.

Entre os assuntos principais cuja discussão o Conselho dos Ministros hoje iniciou — e que continuará na segunda reunião, marcada para amanhã às 9 horas — figuram o problema dos transportes urbanos e do trânsito nas cidades, bem como as questões relativas à economia dos transportes e funcionamento do sistema de transportes europeus. O Conselho ocupará-se também, nas duas sessões de trabalho, que são privadas, de outros importantes problemas de interesse internacional, como o da uniformização do material ferroviário, a luta contra os ruídos causados pelos transportes, e a definição da política geral de transportes.

Visita à região a sul do Tejo

Após o almoço, os delegados à Conferência seguiram, de autocarro, para uma visita à região a sul do Tejo, cujo programa inclui uma paragem em Sesimbra, onde serão servidos refrescos, e jantar num restaurante típico de Cacilhas.

Amanhã, finda a segunda sessão do Conselho dos Ministros, os membros da Conferência seguem para Belém, onde almoçam no Pavilhão dos Desportos Náuticos, visitando em seguida vários museus e monumentos. Às 19 horas, os ministros dos Transportes vão apresentar cumprimentos ao Chefe do Estado.

POR FAVOR NÃO ESQUEÇA NÃO CONFUNDA A GRANDE OURIVESARIA DA MODA é na RUA DA PRAÇA, 257, com mais de meio século de existência

NA SAPATARIA ZEBU

NÃO PAGA LUXO... PAGA SÓ QUALIDADE

RUA DA ASSUNÇÃO, 51

DISCUTIDA EM MESA-REDONDA A RECONSTRUÇÃO DO TEATRO NACIONAL D. MARIA II—1

- O incêndio e as disposições adoptadas
- A evolução do Rossio até à actualidade e antecedentes da utilização do local
- A necessidade da revitalização do centro da cidade

Na madrugada do dia 2 de Dezembro de 1964, um incêndio destruiu completamente o interior do Teatro Nacional D. Maria II, deixando sómente intactas as paredes exteriores. O edifício, cuja construção data de 1846, era projecto do arq. Fortunato Lody, com colaboração dos artistas Assis Rodrigues e António Manuel da Fonseca.

Dada a repercussão do acontecimento e suas consequências no centro da cidade, e ainda pelas directrizes definidas para a sua reconstrução, entendeu a revista «Arquitectura» promover uma reunião em que os citados aspectos fossem amplamente debatidos por profissionais de diferentes formações e aptos a contribuir para a justa apreciação do acontecimento.

Essa mesa-redonda, de que começamos hoje a oferecer o texto colhido da respectiva gravação, foi orientada pelos arquitectos Silva Dias e Vassalo Rosa, e nela participaram os actores e encenadores teatrais Fernando Gusmão, Jacinto Ramos e Rogério Paulo, e os arquitectos Augusto Sobral, Conceição Silva, Keil do Amaral, Rafael Botelho, Silva Dias e Vassalo Rosa.

Já depois da realização desta mesa-redonda, foi tornada pública a informação de que os arquitectos superiormente designados para a elaboração do projecto de reconstrução tinham apresentado o anteprojecto da respectiva

ponder ás modernas exigências funcionais de um teatro da categoria do Nacional. Entregue o projecto ao Ministério das Obras Públicas, foi por este enviado ao Ministério da Educação Nacional para apreciação. Neste último Ministério, o assunto foi estudado na Junta Nacional de Educação e na Direcção-Geral de Belas Artes. Os pareceres destes dois organismos mereceram aprovação do ministro Galvão Teles, e foram já transmi-



ARQUITECTO SILVA DIAS

Participantes na mesa-redonda:

Os actores e encenadores teatrais:

- Fernando Gusmão
- Jacinto Ramos
- Rogério Paulo

Os arquitectos:

- Augusto Sobral
- Conceição Silva
- Keil do Amaral
- Rafael Botelho
- Silva Dias
- Vassalo Rosa

obra, tendo-se o seu trabalho desenvolvido «dentro da preocupação de respeitar, tanto quanto possível, a traça primitiva da antiga sala, embora introduzindo nela as alterações indispensáveis para corres-



ARQUITECTO RAFAEL BOTELHO

tidos à Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais». De harmonia com as sugestões feitas, «estão agora em curso estudos ten-

A terra tremeu hoje em Lisboa

* Registou-se um abalo fraco com epicentro no mar

A terra tremeu, esta madrugada, na região de Lisboa. O sismo teve a intensidade III da escala internacional (abalo fraco) e o seu início foi registado na estação sísmográfica do Instituto Geofísico do Infante D. Luís às 4 h., 28 m. e 48 s. TMG (5 h., 28 m. e 48 s. de Lisboa).

Pelas informações actualmente disponíveis, o epicentro do sismo foi no mar, cerca de 300 quilómetros para oeste da capital.



dentos a conseguir-se, pelo aproveitamento dos espaços que as novas técnicas permitem, ampliar a lotação da sala de forma a ficar com capacidade não inferior a mil lugares; de se melhorarem as condições de visibilidade que, em relação a muitos lugares da antiga sala, eram deficientes e, de instalar, condignamente, o valioso arquivo-biblioteca. Mereceram especial atenção as instalações anexas ao palco e a instalação de um Teatro Experimental, na parte superior do edifício, mas com entradas independentes.

Conforme os nossos leitores terão oportunidade de verificar, esta notícia vem conferir ainda maior interesse e oportunidade à mesa-redonda que passamos a transcrever (os sublinhados e os sub-títulos são da nossa responsabilidade).

«Um dos casos que não deve passar em claro»

VASSALO ROSA — As mesas-redondas com a participação de profissionais de diferentes formações têm por finalidade reunir profissionais que de alguma forma estejam comprometidos ou responsabilizados em problemas a que se refere a sua actividade. Muitos casos têm ocorrido durante a nossa actuação profissional, aos quais, se não nos temos mantido totalmente alheios, pelo menos temos deixado evoluir sem exprimir publicamente uma posição.

As mesas-redondas não têm por objectivo tirar conclusões. Os objectivos destas mesas-redondas não são mais do que fazer um ponto a determinadas situações ou a determinados acontecimentos e proporcionar uma reflexão em que através do diálogo de diferentes profissionais igualmente empenhados se permita definir uma posição mais ou menos rigorosa e consciente em relação a esses problemas.

O incêndio do Teatro Nacional

(Continua na 24.ª página)

Autorizada a emissão das obrigações correspondentes aos empréstimos internos (trezentos mil contos) em Angola e Moçambique

Por portarias dos Ministérios das Finanças e do Ultramar foram autorizadas as Direcções Provinciais dos Serviços de Fazenda de Angola e Moçambique a emitir a obrigação geral correspondente às primeiras séries do empréstimo interno denominado «Obrigações do Tesouro de Angola — 5 por cento, 1965, Plano Intercalar de Fomento para 1965-1967», e «Obrigações do Tesouro de Moçambique — 5 por cento, 1965, Plano Intercalar de Fomento para 1965-1967» na importância respectivamente, de 200 000 000\$ e de 100 000 000\$00.

As obrigações destes empréstimos, do valor nominal de 1000\$00, vencem juro de 5 % ao ano e serão obrigatoriamente amortizadas ao par, por sorteio, nas datas previstas naqueles diplomas. Gozam também do aval do Estado que garante o integral pagamento do seu capital e juros e beneficiam da isenção de todos os impostos, salvo o de sucessões e doações, quando do devido, desde que os detentores dos títulos sejam residentes no continente, nas ilhas adjacentes ou nas províncias onde se faz a emissão do empréstimo.

Gozam ainda da impenhorabilidade, excepto quando voluntária-

WIDE WORLD

News in brief from abroad

● Balaguer returns to S. Domingos

The former President of the Dominican Republic, Joaquín Balaguer, arrived in S. Domingos last night to visit his mother who is seriously ill. He said he had no intention of standing for the Presidency of the Republic and would only do so when general elections were held. Balaguer, who was President of the Republic during Rafael Trujillo's dictatorship, has lived in exile in New York.

● The Pope and religious liberty

Pope Paul VI said last night that the next plenary session of the Ecumenical Council of the Vatican would declare that religious liberty must be respected and that no one should be impeded or forced in questions of religious faith.

● Belgian Government crisis

The designate Christian Social Prime Minister, Pierre Harmel, said in Brussels that he was trying to form a national union government to put an end to the five weeks political crisis in Belgium.

● The famous trumpet player Red Nichols, dies

Red Nichols, the famous trumpet player and one of the old guard died of a heart attack last night at the age of sixty. He was one of the first whites to achieve fame with jazz music.

Uma cabra fenomenal

MONTARGIL, 29 — Anda a população muito admirada com o estranho caso de uma cabra de três anos, pertencente ao sr. Manuel Marques Serrão, residente em Foros do Mocho, lugar desta freguesia, a qual está a presentear o dono com óptimo e saboroso leite — é ordenhada todos os dias, de manhã e à noite — sem que até aqui tivesse sido coberta, não tendo, portanto nenhuma cria.

FRIGORÍFICOS

**VISITE
A MAIOR
EXPOSIÇÃO
DAS MAIS
REPUTADAS
MARCAS
MUNDIAIS**

**VENDAS A PRONTO
A PREÇOS DE COMBATE
AS MAIORES FACILIDADES
DO MERCADO**

DA AMÉRICA:
**GENERAL ELECTRIC
NORGE
PHILCO
WESTINGHOUSE**

DA EUROPA:

**AUTOVOX
BOSCH
BRANDT
FIAT
FRIGECO
FRIMATIC
INDESIT
LINDE
PHILIPS
PONTIAC
SIEMENS**

Dardo

AV. DA LIBERDADE, 131 ■ RUA DE S. BENTO, 53 A 57 ■ AV. ALMIRANTE REIS, 124-B

A produção de lacticínios na região de Aveiro

(Continuação da 13.ª página)

possam definir como um produto são e genuíno», observa também o dr. Nuno da Cunha Dias, Densamente provada e com 44 % da população activa empregada na agricultura, a região de Aveiro é do tipo minifundiário, em que 53 % das explorações agrícolas não abrangem mais de um hectare de culturas arvenses. O número de estábulos com uma vaca leiteira constitui, por isso, 75 % da totalidade. Por esta razão, pelas diversas finalidades que visa a exploração de uma vaca leiteira e também por falta de numerário, subsiste o estábulo-nitreira «que, pelo primitivismo da sua construção e estado de limpeza, não destoa muito no meio em que se encontra. Ora num ambiente destes — acrescenta o citado técnico — há pouca receptividade para a prática dos mais elementares preceitos higiénicos. A melhoria da qualidade higiénica do leite representa, por isso, um problema difícil, cujas raízes se encontram ligadas à estrutura das empresas agrícolas, e que apenas tende a evoluir francamente com a subida do nível de vida das populações rurais».

Actuais condições da produção de lacticínios

Na actual fase da evolução da indústria, o fabrico de queijo, por se adaptar a qualquer capacidade de laboração e portanto às deficiências quantitativas no abastecimento da matéria-prima, e o de leite em pó e especialidades lácteas, por causa do valor que estes produtos alcançam no mercado, dominam a produção de lacticínios, sendo a produção de manteiga considerada uma operação subsidiária.

Quase todas as principais fábricas de lacticínios da região de Aveiro dispõem duma capacidade que está longe do grau máximo de ocupação. Calcula-se que o actual equipamento industrial comporta o trabalho de mais de 150 000 litros por dia, para além das disponibilidades de matéria-prima agora existentes. Assim, as dificuldades de ordem técnica resultantes da má qualidade do leite, há a juntar as dificuldades que decorrem da falta de matéria-prima, impedindo ambas, quer isoladas, quer conjuntamente, que o trabalho da indústria se realize em condições económicas mais favoráveis.

«Deve dizer-se, porém, sublinha o dr. Nuno da Cunha Dias, que a indústria nem sempre tem procurado desanuviar esta situação, antes a tem agravado em muitos casos, não dando o melhor caminho ao capital investido, nem seguindo uma política criteriosa para baixar o custo dos meios de produção. Um ponto que tem sido descurado na prioridade de investimentos é o da instalação de espaços frigoríficos para armazenagem dos produtos. No que toca à manteiga, há a registar um recente avanço, dispondo-se já de espaço para mais de 500 toneladas, mas em relação ao queijo verifica-se ainda uma limitação das possibilidades industriais, quando a produção é excessiva.

Uma outra dificuldade diz res-

peito ao mercado interno que, pela sua pequena dimensão e pobreza, não favorece também as condições de trabalho da indústria. Pedindo «um pouco de tudo», não permite uma laboração maciça, em larga escala, antes leva as entidades transformadoras a alterar a cada passo os esquemas de fabrico; e, por outro lado, mostrando-se pouco sensível à qualidade, não estimula a fixação de padrões comerciais que obriguem a indústria a um esforço sério no sentido de melhorar e uniformizar as características dos produtos. Por sua vez, a projecção comercial da maior parte das empresas apresenta-se demasiadamente ténue para influir no gosto e preferência do consumidor».

Linha de SINTRA

Cinemas

AMADORA — *Recreios Desportivos* — As 21 e 15: «Aventura em Junho» (17 anos).

QUELUZ — *Queluz-cine* — As 21 e 15: «O cavaleiro do Rei Artur» (12 anos).

MEM MARTINS — *Cine-Chaby* — As 21 e 30: «007 ordem para matar» (17 anos).

Farmácias de serviço

AMADORA — *Cavaca* — R. Elias Garvia, 209 (Tel. 930019); *Flama* — R. Elias Garcia, 78-B (Tel. 932485); *Confiança* — Av. Nuno Álvares Pereira, 15-A (Tel. 931149).

QUELUZ — *Gil* — Av. Miguel Bombarda, 28 (Tel. 950117); *Simões Lopes* — Av. Elias Garcia, 51 (Tel. 950123).

CACÉM — *Central* — R. Elias Garcia, 55 (Tel. 2940034).

MEM MARTINS — *Químia* — Est. Mem Martins, 285 (Tel. 2910012).

S. PEDRO DE SINTRA — *Valentim* (Tel. 980456).

SINTRA — *Simões* — R. Helder Salgado, 26 — Estefânia (Tel. 980832).

VENDA NOVA — *Nova* — R. Elias Garcia, 10 (Tel. 933920).

COLARES — *Colares* — Abreja (Tel. 299088).

PENHORES

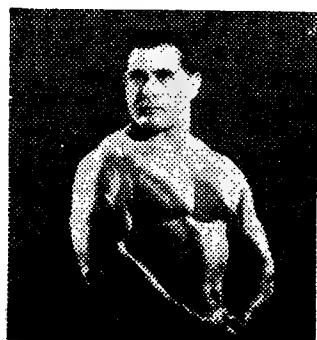
AMADORA

P. da Igreja, 13-A

ORÇADO

**em 19500 contos
o hotel em construção
na Ilha das Flores**

PONTA DELGADA, 29 — (L.) — Importará em cerca de 19500 contos o novo hotel em construção na Ilha das Flores. Com 65 metros de fachada e dois pisos, o novo e importante hotel encontra-se em adiantado estado de construção.



LANDRO

O lutador-estrangulador!

LUTA LIVRE AMERICANA

HOJE, às 21.45 h., no PAVILHÃO DOS DESPORTOS

GRANDE FINAL DO CAMPEONATO DA EUROPA

com o combate «TARZAN» TABORDA-LANDRO

Está-se a poucas horas do grande «match»! E o Pavilhão dos Desportos vai ser pequeno para albergar todos quantos desejem assistir a esta extraordinária luta entre os dois colossos do ring! Este será mais um combate de polémica, porque nele tudo pode acontecer! Até o impossível! E nada custa acreditar que assim venha a suceder, pois «TARZAN» TABORDA é um «atcheur» que revolucionou toda a arte de lutar dos tempos modernos!

Depois do que se passou na última sessão, em que «TARZAN» TABORDA aniquilou José Luís, tudo agora há a esperar do fenómeno português, do autêntico lutador fora-de-série.

AO PÚBLICO — Os poucos bilhetes que ainda restam, encontram-se à venda na Agência dos Restauradores e a partir das 20 horas nas bilheteiras do Pavilhão.

A luta entre «TARZAN» TABORDA e LANDRO, só por si, esgotará o Pavilhão. Mas, a sessão inclui mais 3 grandes combates.

**Chausson contra Jaimeri
Pattino contra Gallarzz
Galá contra Rudo**

AVISO — Esta sessão, a exemplo das anteriores, não será TELEVISIONADA.

Suspensas rigorosamente as entradas de favor.

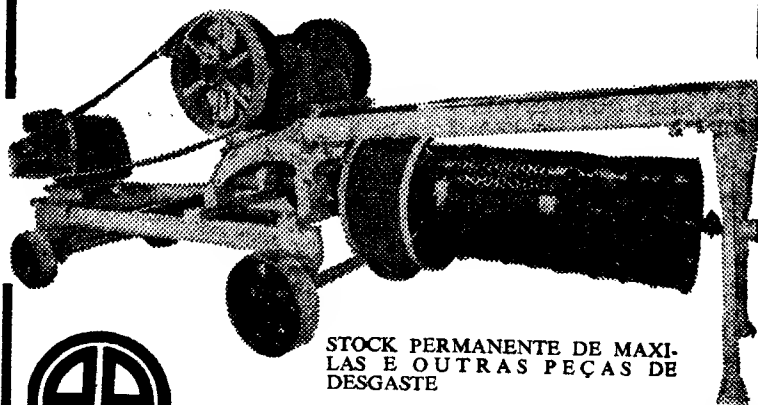
Quem conquistará o título Europeu?

O novo ídolo dos portugueses, ou o luxemburguês, mais conhecido pelo homem do braço de ferro?

«TARZAN» TABORDA?
LANDRO?

(Maiores de 17 anos)

BRITADEIRAS • GRANULADORAS



STOCK PERMANENTE DE MAXILAS E OUTRAS PEÇAS DE DESGASTE

COMETNA

COMPANHIA METALÚRGICA NACIONAL, S. A. R. L.

SUCESSORA DE «ALFREDO ALVES & CA. (FILHOS)»

SEDE — R. da Academia das Ciências, n.º 5 — Telef. 34331/5 — LISBOA
FILIAL — Praça D. João I, n.º 25 — Telef. 24771 — PORTO

GUIA TURÍSTICO

PARA NACIONAIS
E ESTRANGEIROS

ALEMANHA

—fonte económica
e turística
de primeira grandeza



A porta de Brandenburg, em Berlim

Participando pelo sexto ano consecutivo na Feira Internacional de Lisboa, há dias encerrada, a Alemanha mais uma vez quis contribuir para a expansão do intercâmbio europeu, e procurando estreitar ainda mais os laços de amizade que a ligam a Portugal, novamente deu a sua inteira participação, com um «stand» oficial que teve a seu cargo uma interessante propaganda económica e turística.

Actualmente é do conhecimento de todos que a Alemanha, país onde a técnica moderna vive intimamente ligada com a tradição antiga, continua a atrair cada vez maior número de visitantes; da mesma maneira, desde o primeiro ano em que se realiza aquele magnífico certame, se pode verificar que tem aumentado consideravelmente o interesse dos portugueses que visitam o «stand» alemão: simples turistas que fazem da Alemanha o seu local de férias ou que buscam nas estâncias de cura um repouso salutar, comerciantes que visitam as grandes Feiras e Exposições Internacionais; estudantes e técnicos que frequentam as escolas e universidades alemãs; trabalhadores que procuram na Alemanha a especialização dos seus ofícios e artistas que estagiam nas academias e escolas de música, teatro e artes plásticas. Este movimento ascensional é prova de que

a Alemanha volta a ser considerada, nos tempos modernos, e muito especialmente em Portugal, uma nação de elevado nível cultural e um país turístico por excelência.

Como se pôde verificar pelo interessante material de propaganda turística em exposição no «stand» e muito particularmente oferecido aos visitantes pela secção reservada ao Turismo Alemão (Delegação Oficial em Portugal, com a sua sede na Rua do Salitre, 5-1.º), e ainda pelos documentários cinematográficos que periodicamente foram exibidos no cinema da F. I. L., a Alemanha é um país extremamente interessante, sobretudo pela variedade de paisagens que oferece e pelos valiosos tesouros de arte que encerra. Com efeito, belas paisagens, documentos culturais de muitos anos de história, confortáveis estabelecimentos hoteleiros, magníficas vias de comunicação e exemplos de arquitectura moderna e de vida altamente industrializada encontram-se por toda a parte, desde as costas do Mar do Norte até às montanhas dos Alpes.

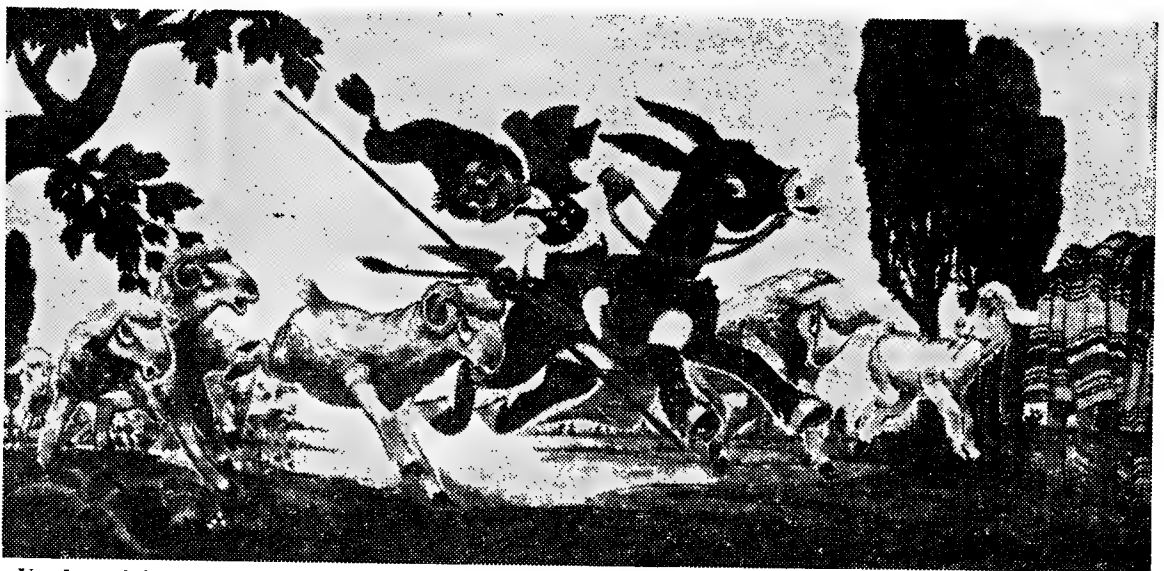
É talvez devido a estes factores que tem aumentado tanto o número de turistas estrangeiros que visitam a Alemanha, considerando-a na vanguarda do turismo internacional.

MARIA DOLORES MENDES

O «Diário de Lisboa» e o arquipélago da Madeira

Com palavras muito amáveis para o «Diário de Lisboa», o «Diário de Notícias», do Funchal, referiu-se às páginas que consagramos nesta secção ao turismo da Madeira e de Porto Santo. A rematar as suas considerações sobre a nossa iniciativa, aquele matutino acentua: «Trata-se pois de magnífico serviço que o «Diário de Lisboa» acaba de prestar á Madeira e ao seu turismo».

O traçado do maravilhoso circuito turístico (de três dias) Lisboa a Vila Viçosa, passando por Tomar, Abrantes, Elvas, Évora e Setúbal, entre outras importantes localidades



Um dos artísticos postais de propaganda criados pelo Serviço de Turismo BP em Portugal, e que se devem ao génio criador do conhecido artista (e nosso prezado colaborador) Fernando Bento

As empresas do Grupo BP

ao serviço dos turistas
de todo o Mundo

O Serviço de Turismo BP, que tanta popularidade alcançou entre todos os automobilistas europeus, iniciou mais um ano de actividade.

Numa época em que o turismo português se encontra numa fase de extraordinário desenvolvimento, o Serviço BP revestiu-se de particular interesse para a propaganda do nosso País no estrangeiro, pois, através das suas associadas europeias, a BP colabora activamente em 16 países europeus, distribuindo mapas de Portugal, folhetos e informações turísticas sobre o nosso País.

De Portugal á Suécia ou á Turquia, o automobilista encontrará o mesmo serviço, o mesmo acolhimento, as mesmas atenções. Com o Serviço BP o turismo não fica abandonado a si próprio; tem quem o esclareça, aconselhe e ajude a resolver os seus problemas de férias.

A nova pasta de férias

Tem sido preocupação constante da referida empresa petroléira melhorar continuamente o seu Serviço de Turismo, utilizando a experiência adquirida nos anos anteriores.

Por este motivo, foram editados novos mapas, devidamente actualizados e estudados de forma a permitirem uma mais fácil consulta durante as viagens.

Em Portugal, foi criada uma nova pasta de férias — que pode ser adquirida em qualquer estação que ostente o símbolo de Turismo BP — e que, além de uma maior elegância, contém valioso e útil material de consulta, indispensável para planear os itinerários de férias, tor-

nando-se, assim, um guia seguro através de 16 países europeus.

Além disso, a pasta de férias oferece a possibilidade de participar no grande Concurso de Turismo BP.

O Concurso do Serviço de Turismo BP

Dentro de cada pasta de férias encontra-se o regulamento desta iniciativa, que habilita o concor-

Trata-se de um original concurso fotográfico, destinado a pôr à prova o espírito de observação dos participantes.

Organizado em bases muito simples, esta promoção, além do prémio tentador que oferece, proporciona ao concorrente um interessante passatempo.

Recordações regionais para os turistas

Todas as pastas de férias vendidas em Portugal, assim como os mapas de Portugal distribuídos pelas associadas europeias da BP, são acompanhados de quatro talões que dão direito a receber, gratuitamente, quatro sacos de plástico com utilíssimo material de turismo regional e um brinde diferente para cada zona.

Os brindes incluídos nos sacos-zonas são interessantes recordações do artesanato ou amostras dos principais produtos da região.

Com esta iniciativa, a BP pretende dar ao turista um melhor conhe-

(Continua na página seguinte)

24 Centros de Informação Turística BP encontram-se espalhados por sete países europeus.

rente a uma viagem de avião (para duas pessoas) e sete dias de estada na ilha da Madeira.

Durante três dias (num agradável fim de semana) pode visitar três províncias

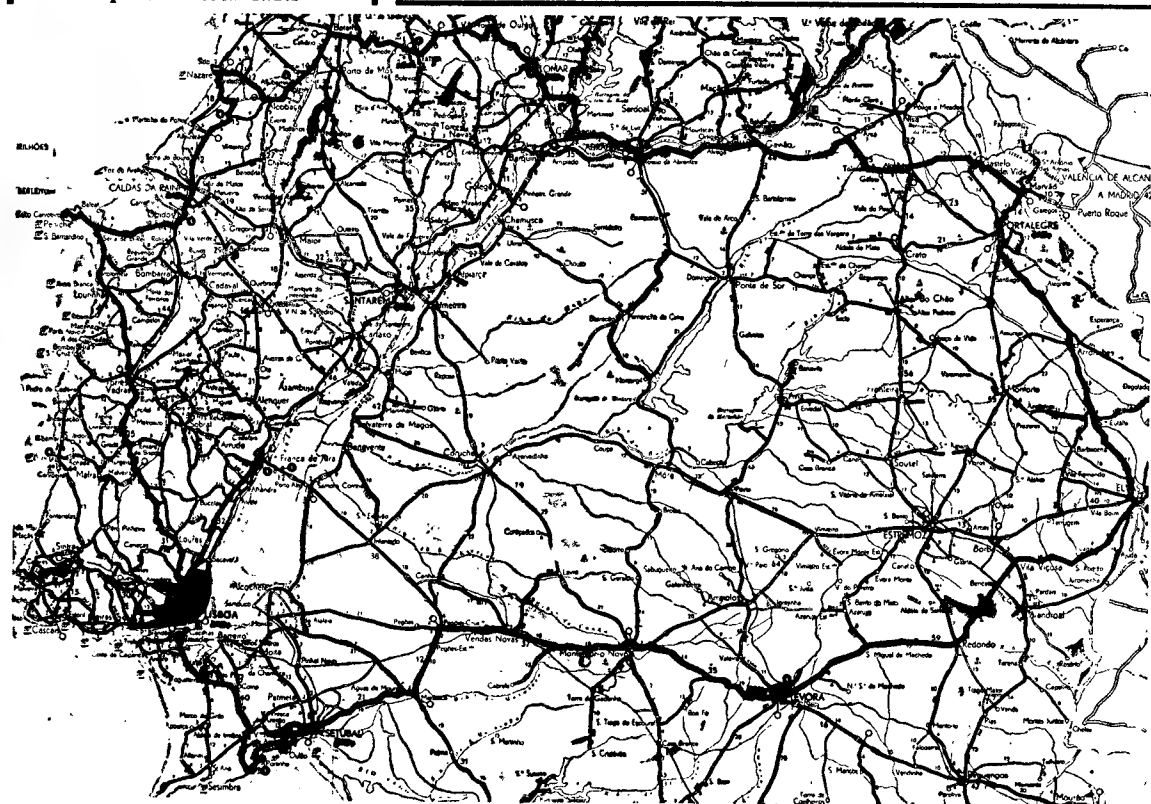
A promoção de circuitos turísticos afigura-se da maior vantagem para o desenvolvimento regular de uma actividade económica de especial interesse para o País, não só por se dirigirem, quase sempre, aos visitantes estrangeiros, mas também por se revestirem de excepcional atracção para os veraneantes portugueses. As diversas empresas que se dedicam a este prestante labor — e nele investiram importante numerário — prestam, assim, um duplo serviço, pois, se por um lado, possibilitam a entrada de preciosas divisas cambiais, por outro, talvez evitem a saída de vultuosos capitais portugueses para o exterior, á medida que nos formos convencendo de que Portugal é o melhor país de que dispomos para umas férias agradáveis — e sem grandes despesas...

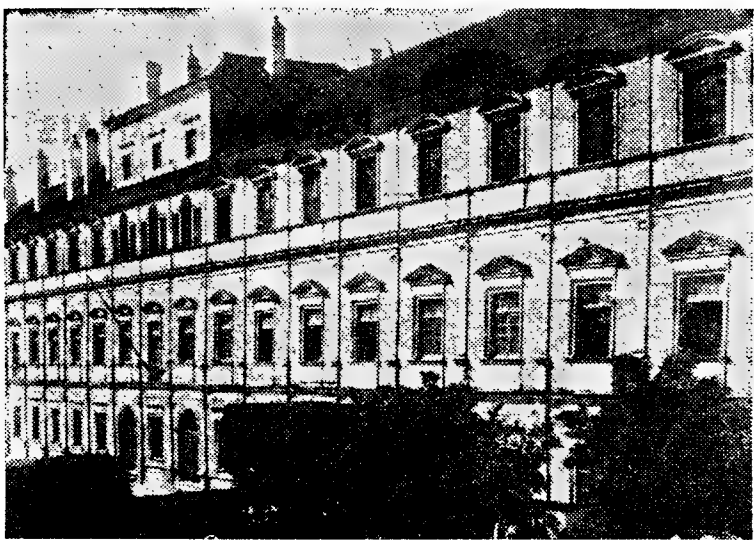
Com efeito, torna-se cada vez mais dispendioso passar férias no estrangeiro — e mesmo em Espanha, o português já não goza das habituais vantagens cambiais. Um escudo ainda vale efectivamente duas pesetas e picos, mas são necessários muitos milhares de pesetas para se poder desfrutar um bom período de férias no país vizinho, aonde o custo de vida tem subido — e continua a subir... perante a avalanche de turistas de moeda forte. Por isso, aperfeiçoadas as nossas inegáveis possibilidades

turísticas — e tantas são —, o pacato cidadão português (aquele que ainda pode dispor de uns escudos para gastar em férias...) encontra na sua casa (a preço muito mais acessível) tudo aquilo que procura lá fora — e tantas vezes não consegue: paisagens campestres e praias de sol, repouso e tranquilidade, boa alimentação e distrações.

Há, portanto, de insistir com entusiasmo na campanha de dar

(Continua na página seguinte)





O majestoso edifício do paço ducal de Vila Viçosa, cartaz maior de um dos mais formosos recantos do Alto Alentejo. O notável palácio dispõe de rico recheio — e foi convertido em museu-biblioteca.

UM AGRADÁVEL FIM DE SEMANA

(Continuação da página anterior)

a conhecer Portugal aos portugueses, proporcionando-lhes estada agradável nas mais diferentes regiões metropolitanas e ultramarinas, hotéis acessíveis à classe média, circuitos turísticos que desvendem as nossas belezas inigualáveis. De apoiar, então, todas as iniciativas tendentes à concretização de tal objectivo, entre as quais — repita-se — avultam as que respeitam às agências de viagens e empresas rodoviárias com secções de turismo.

● Uma sugestão para o seu fim de semana

Entre as diversas excursões oficializadas que se promovem no País — com maior ou menor duração de tempo — recomendamos esta semana a seguinte: Lisboa-Tomar-Abrantes-Elvas-Vila Viçosa. Percorrendo, durante três dias, algumas das principais localidades de três províncias (Estremadura, Ribatejo e Alto Alentejo). Este passeio, organizado pela empresa Claras-Turismo, efectua-se todas as sextas-feiras, de 1 de Março a 31 de Outubro. Taxa praticada: 1390 escudos, com o suplemento de sessenta escudos para quarto individual.

1. — itinerários a cumprir: 1.º dia — Lisboa, Peniche, Óbidos (paragem), Caldas da Rainha, Naza-

ré (paragem), Alcobaça (visita ao mosteiro), Fátima (visita ao Santuário), Tomar (visita ao Convento de Cristo) e Abrantes. 2.º dia — Abrantes, Castelo de Vide, Marvão (paisagem de montanha), Portalegre e Elvas. 3.º dia — Elvas, Vila Viçosa (visita ao palácio ducal), Évora, Setúbal e Arrábida.

A partida deste circuito, está marcada para as 8 horas, às sextas-feiras, da Praça dos Restauradores, junto ao Palácio Póz, onde funcionam o S. N. I. e o Comissariado do Turismo. Durante a viagem, um guia-intérprete atenderá não só os turistas, mas também os excursionistas portugueses, prestando a todos a melhor atenção e proporcionando completas explicações dos locais a visitar. Deste modo, a excursão, além de constituir um passeio alucinante por regiões de beleza inconfundível, com paisagens e costumes diferenciados que se estendem do litoral até às terras interiores, constitui também uma lição de arte e de história, de etnografia regional.

Esta mesma viagem pode ser recomendada aos leitores que possuem transporte próprio — e até aqueles que pretendam utilizar as carreiras rodoviárias ou ferroviárias. Trata-se de um percurso fácil, dispondo de excelentes comunicações, além de existir uma regular rede hoteleira. A utilização do circuito apontado oferece, porém, a maior comodidade, além de representar uma economia apreciável de tempo e de dinheiro.

A NE PAS MANQUER...

TOMAR: (Ribatejo, a 45 km de Leiria) — Véritable ville-musée d'une richesse extraordinaire en chefs-d'œuvre de l'architecture. Tomar est le haut-lieu du style manuelin. A voir: Château des Templiers-Couvent du Christ (fenêtre célèbre, salle des Chapitres) — Eglise de S. João Baptista (XV s.) — Eglise Sta. Maria do Oíval — Eglise N. D. da Conceição — Synagogue — Musée.

ABRANTES: Petite ville située à 35 km de Tomar, dans la province de Ribatejo. Ses rues fleuries dominent la vallée du Tage. Chasse, pêche, concours hippiques. A voir: Château médiéval (XIV s.) — Eglise de Santa Maria do Castelo (XV s.). A quelques kilomètres: le vieux château de Almourol construit sur un îlot du Tage.

ELVAS: (Alto Alentejo, à 88 km d'Évora) — Admirable cité médiévale toute blanche, remarquablement conservée et ceinte de fortifications. A voir: Château romano-mauresque et fortifications (XIII s.) — Aqueduc d'Amoreira (7 km de longueur, 800 arches) — Cathédrale en style manuelin (XVI s.).

VILA VIÇOSA: (Alto Alentejo, à 17,5 km de Estremoz) — Berceau des ducs de Bragança. Superbe cité seigneuriale et ensoleillée, aux places grandioses, dont les façades blanches (certaines en marbre blanc veiné de rose) tranchent harmonieusement sur une végétation luxuriante et de nombreux parterres de fleurs. Dans Vila Viçosa, ville au passé prestigieux sur laquelle flotte un parfum d'orangers, presque chaque pierre ranime un souvenir historique.



GRILL FLÓRIDA

COZINHA PORTUGUESA E INTERNACIONAL

ALMOÇOS — JANTARES — BANQUETES

(MÚSICA DE DANÇA SUSPENSIVA DURANTE A ÉPOCA ESTIVAL, ATÉ OUTUBRO)

HOTEL FLÓRIDA

TELEF. 54171

FÊTES POPULAIRES

JULIET

5 — GUIMARAES — Pèlerinage de Saint-Torcat, qui a lieu à 7 km. de Guimarães. Foire, feux d'artifice et danses populaires.

5 e 6 — VILA FRANCA DE XIRA — Célèbre fête du «Gilet Rouge» avec défilé des «campinos» (gardians), des courses de taureaux dans les rues de la ville. Grand dîner régional agrémenté de danses folkloriques exécutées par des groupes de «campinos» et de pêcheurs du Ribatejo. Ces fêtes commencent toujours un samedi.

POPULAR FESTIVALS

JULY

5 — GUIMARAES — Second annual pilgrimage to «St. Torcat». Religious solemnities, procession, folk dances, fireworks displays, etc.

5 e 6 — VILA FRANCA DE XIRA — The typical and traditional festivities of the «Colete Encarnado» (Red Waistcoat). Very colorful festival attracting many visitors, who can watch in complete safety from windows and then chased through the streets by the «Campinos», and other events are: bull-fights, folk dances by the «Campinos» and local fishermen, fanfare, etc.

Turismo BP

(Continuação da página anterior)

cimento do País e das actividades económicas, chamando a sua atenção para algumas das principais produções nacionais.

Os centros de informação

Em Vilar Formoso, continuará a funcionar o Centro de Informação BP, que tão bons serviços prestou ao turismo nacional na época anterior e onde o visitante pode obter as mais pormenorizadas informações sobre Portugal.

Este núcleo faz parte de uma cadeia internacional de 24 Centros de Informação Turística BP, espalhados pela Espanha, França, Itália, Austria, Suíça, Grécia e Turquia, e que se encontram situados nos pontos-chaves das grandes correntes turísticas.

Nestes centros, o turista encontrará recepcionistas, devidamente treinados, falando francês, inglês e alemão, além da língua nacional, e habilitados a prestar as mais variadas informações sobre o País onde se encontra o núcleo: alfândega, câmbios, alojamentos, preços de hotéis, parques de campismo, itinerários, cozinha regional, artesanato, museus e monumentos, festas e romarias, etc.; enfim, um grupo de recepcionistas em condições de auxiliar o turista a resolver os seus problemas de férias, prestando-lhe um serviço de assistência eficaz e inteiramente gratuito, que, embora criado para o automobilista, pode ser utilizado por qualquer turista.

Para aproveitar o serviço destes Centros de Informação, o turista não precisa de ser cliente da referida empresa, não precisa de comprar gasolina ou qualquer outro produto, não precisa sequer de ser automobilista.

É um serviço inteiramente gratuito, um serviço de hospitalidade e amizade, um Serviço BP.

REPARO JUSTO

De um nosso leitor, recebemos uma carta na qual se insurge contra o facto de não existir no Palácio da Pena, em Sintra, um guia-intérprete, que possa atender convenientemente os turistas. Relata-nos que, no dia 10 deste mês, ele e outros portugueses puderam observar o espectáculo deprimente de um dos empregados que ali prestam serviço na qualidade de guia, não conseguir esclarecer alguns estrangeiros, por não saber falar inglês. Conclui assim as suas considerações: «Num momento em que tanto se apeia para o desenvolvimento turístico do nosso País, cenas como estas têm, forçosamente, que se evitar».

La mer toujours présente

La mer, au Portugal, est toujours présente. L'eau des fleuves est salée loin en amont de leur estuaire. Le vent marin pénètre profondément ce pays étroit, qui semble la dalle d'un quai, posé à l'extrême bout de l'Europe.

Vous ne manquerez pas de faire la connaissance de cette mer, très diverse, bien que la côte semble à peu près rectiligne. Grain à grain elle a formé de longues plages d'alluvions, bien rincées par les marées, chargées de l'ode des algues nombreuses, très ensoleillées, toujours balayées de brise marine.

Des régions plus spécialement poissonneuses ont fait naître des bourgades de pêcheurs, dont certaines ont conservés des costumes, des mœurs, un coloris très particuliers. Non seulement Nazaré, justement fameuse par son site et son pittoresque viril, sa sauvagerie et hautaine rudesse, Póvoa de Varzim, Buarcos, Peniche, Ericeira, Sesimbra, Caparica, Albufeira, pour ne citer que ceux-ci entre cent, retiendront le chasseur d'images, l'amateur de folklore authentique et significatif.

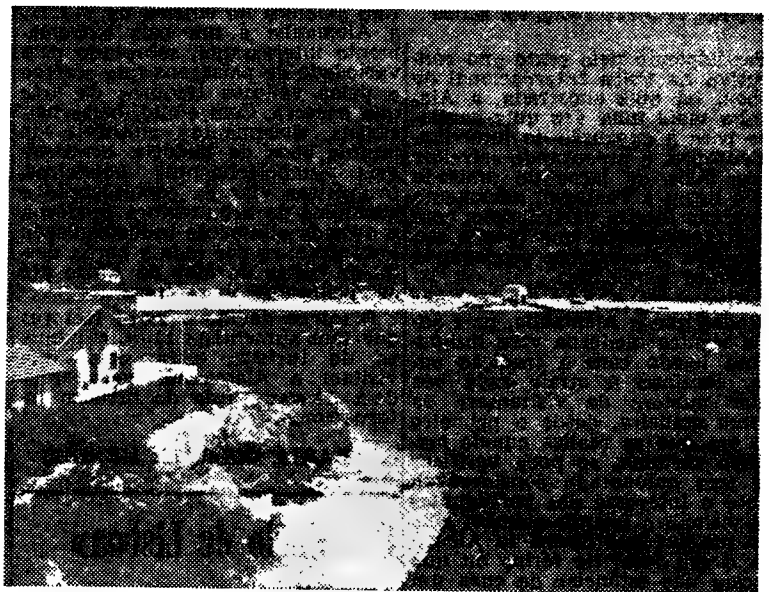
La fureur des lames se brisant sur les rochers du Cap Carvoeiro, le vent soufflant sur le Cap da Roca (le plus occidental d'Europe), les hautes marées du Guincho, le gouffre écumant de la Boca do Inferno, à Cascais, les grottes irisées de Berlengas ou d'Arrábida, la pointe désolée, si lourde d'histoire glorieuse, de Sagres, où vécut

et mourut l'Infant Navigateur, les falaises de porphyre multicolores d'Algarve et leurs rochers découpés en formes singulières, laissent des souvenirs très vifs: violence ou mystère, tumulte et paix, accords plus profonds, notes plus hautes de cette grande symphonie maritime qui s'orchestre du nord au sud du littoral portugais.

A Aveiro, la lagune aux eaux de cristal, s'étend, transparent et paresseuse comme une méduse, derrière l'étroite langue sableuse de la Costa Nova, où les chantiers navals calfatent les morutiers de la campagne d'Island et de la Terra Nova. Et l'ont peut, à loisir, se baigner tantôt dans la vague ruée de l'océan, tantôt dans la quiétude plus tiède de la Ria.

Arrábida, à pic sur une mer cou leur d'encre bleue, blottit son petit port au creux d'une rade douce comme un sein, le vent du nord coupé par un maquis embaumé de genévriers, de nopals, cystes et de lentilles.

Sur la côte de l'Algarve, c'est déjà l'Afrique qui jette son haleine par-delà le détroit. Les figuiers de Barbarie descendent jusque sur la plage, et entre les colossales silhouettes de roc qu'on appelle la Sentinelle ou l'Ours ou le Soulier de la Princesse; les piscines naturelles que la vague a creusées dans le sable sont chauffées de tant de soleil qu'on peut encore s'y baigner à minuit.



A quietude e a transparência das águas do Portinho da Arrábida são duas das características que fazem daquela zona edénica o paraíso dos turistas. A amenidade do clima, a espantosa luminosidade do local, juntam-se ainda as maravilhosas panorâmicas que podem ser admiradas do alto da serra — refugio de poetas e de místicos



estância **MUXITO**
VALE DE GATOS — PORTUGAL

(RECONHECIDA DE UTILIDADE TURISTICA)

Localizada a 8 km de Lisboa. Numa área de 44 ha de parque. Repouso e silêncio absolutos. Bungalows privativos. Hotel. Restaurant. Quartos sobre uma Piscina Olímpica. Tennis. Boite. Boite ao ar livre. Telefones 2210137 - 2210164 - 2210177

PENSÃO CLUB E
1.ª CLASSE
NAZARÉ
TELEF. 46122

PENSÃO RESTAURANTE «PINTO BESSA»
1.ª CLASSE
Rua da Estação, 56
Porto - CAMPANHA
Apartamentos e aquecimento central «Chauffage». Diárias completas ou só dormidas.

HOTEL DAS TERMAS DO VIMEIRO

100 quartos maioria com banho privativo
Piscina abastecida com água mineral corrente a 27 graus
Bainheiros com tratamentos modernos
Praias do Atlântico a 2 km com transportes privativos
Marcações e informações
Telefs.: 680568 - 651445 e Termas A-dos-Cunhados 3 e 6



Em ESTREMOZ o «DIÁRIO DE LISBOA» é distribuído pela Firma REINALDO LUNA & IRMÃO ROSSIO, 4

TERÇA-FEIRA, 29 DE JUNHO DE 1965

O HOMEM DA GABARDINA

por CATHERINE ROY

RESUMO — Na noite de 14 de Julho, Jacques Duvernois, que tem a mulher em Vichy, a fazer uma cura de águas, vai jantar a um pequeno restaurante do «Quartier Latin». Ao sair, repara que trocou o impermeável, mas o proprietário já abandonou o restaurante. No bolso do impermeável, encontra uma carta da mulher do dono e outra da amante do mesmo. A primeira pede-lhe para ir buscar à estação do caminho de ferro, nessa mesma noite; a outra marca-lhe um encontro na «Nation».

5 — Tinha a noite livre. Podia ir até à «Nation», apenas para ver. Sempre manifestara grande curiosidade pelas reacções dos outros. Tomou um «táxi», porque chovia demasiado. Havia pouca gente nas ruas. Na «Nation», Jacques tomou um café e foi sentar-se no terraço. Era a hora do encontro marcado na carta. O estabelecimento estava cheio. Ao longe, apercebiam-se as luzes da festa. Jacques escutava distraidamente, procurando com os olhos quem poderia ser Teresa. Havia apenas três mulheres sózinhas: a primeira era uma velha, com um cão. Uma outra, de idade madura, demasiado arranjada, com os cabelos pintados e uma boca vulgar... Talvez fosse ela... Mas um homem, que acabava de descer de um «táxi», dirigiu-se para a mesa, dizendo: «Boa-noite, Margot... Estás á muito tempo á minha espera?... Atrasei-me...» Beijaram-se e partiram juntos. Não era, portanto, Teresa. Jacques resolveu inspecionar, então, a jovem que se encontrava numa outra mesa. Devia ter cerca de vinte anos. Envergava um impermeável de plástico transparente, que deixava ver um corpo bem modelado. Tinha um olhar triste e olhava a chuva. Jacques tentou, mentalmente, situar a sua posição social de acordo com a ortografia da carta. Viu duas mãos vermelhas e sapadas... «Deve tratar-se de uma criada» — pensou. Passou-se um quarto de hora. A rapariga continuava imóvel. Parecia aguardar a chegada de um automóvel. Depois, chamaram a menina Teresa Seybirou ao telefone. Ela levantou-se. Quando voltou, cinco minutos mais tarde, tinha um ar desconfiado, que fez sorrir Jacques.



7 — Jacques sentou-se junto de Teresa, que não lhe recusou a companhia. «Possivelmente, estou a ser indiscreto, mas creio que lhe pregaram uma partida... Como também estou sózinho, pois a pessoa que eu esperava não apareceu...» — afirmou. Em parte, era verdade. A mulher que ele desejava, nunca chegara. Na sua vida, apenas houvera Annie e sempre Annie, uma doente uma nervosa, que não pudera suportar a sua profissão de aviador. Resolveu não pensar mais na mulher, durante aquela noite. Olhou para Teresa. Ela parecia estar, á vontade, ao dizer: «Também lhe pregaram uma partida? Sim, talvez não fosse má ideia passarmos a noite juntos... Bem sei que o tempo está péssimo, mas... você podia levar-me á festa». Ficou espantado, pois não esperava semelhante proposta. Via agora que se tratava de uma rapariga muito jovem, com mentalidade de criança. Embora contrariado, cedeu. Rápidamente, ela sentiu-se no seu elemento, rindo e empurrando-o. Ao passar por uma cigana, quis ouvir a sua sina. «Tens uma linha da vida muito curta, minha menina, tens de ter cuidado... Vejo que estás numa situação muito embaraçosa... mesmo muito embaraçosa...» — afirmou a «vidente».



8 — A jovem abanou a cabeça, convencida. A cigana olhou, então, para Jacques e perguntou: «Queres saber o teu futuro?» — «Não!» Retiraram-se. A cigana seguiu-os com o olhar. Teresa encostava-se ao braço do rapaz. «Sabe», — disse ela, á dada altura — «há uma hora que procuro lembrar-me onde o encontrei...» Ele interrompeu-a, com certa maldade: «Pois eu nunca a vi em parte alguma. Foi apenas uma maneira de a abandonar... Não me queira mal por isso...» Apetecia-lhe fugir. «Esqueci-me dos cigarros no «café»...» — disse, de repente. «Vou á tabacaria mais próxima!» — «Bem, ficarei á sua espera, neste mesmo local!» — replicou a jovem. Jacques esgueirou-se por entre as pessoas, e chegou rapidamente a uma rua silenciosa. Á dada altura, voltou-se para trás, pois teve a impressão de que era seguido. Mas não havia ninguém. Resolveu tomar um «táxi». Teresa esperou mais de uma hora. Começou a ter frio. Depois, pareceu compreender que ele não voltaria. Encolheu os ombros. Resolveu retirar-se por entre as diversas «roulottes» dos feirantes. Duas horas mais tarde, depois de todas as luzes apagadas, um dos feirantes apercebeu-a. Parecia dormir, debaixo de uma das viaturas, com os braços cruzados sobre o peito... Mas estava morta...

(Continua)

Diário

da Outra Banda

Cinemas

ALMADA — *Incrível* — As 21 e 15: «De sábado a segunda» (17 anos).
BARREIRO — *Ginásio* — As 21 e 30: «O mar das tormentas» (12 anos).

Farmácias de serviço

ALCOCHETE — *Nunes* — L. Coronel Ramos da Costa, 10 (Tel. 234137).

ALHOS VEDROS — *Portugal* — Av. da Bela Rosa, 8 (Tel. 224250).

ALMADA — *Nuno Alvares* — Av. Nuno Alvares Pereira, 39-C (Tel. 270504).

BAIXA DA BANHEIRA — *Nova Fátima* — Estrada Nacional, 221-B (Tel. 224141).

BARREIRO — *Normal* — Av. Alfredo da Silva, 116 (Tel. 2273035).

COVA DA PIEDADE — *Rainha Santa* — E. das Barrocas, 50-A (Tel. 275182).

MOITA — *União Moitense* — Av. Dr. Teófilo Braga (Tel. 239025).

MONTIJO — *Higiene* — R. José Joaquim Marques, 142 (T. 230370).

SESIMBRA — *Lopes* — R. Candido dos Reis, 67 (Tel. 229028).

SETÚBAL — *Higiene* — R. Frei Agostinho da Cruz (Tel. 22408).

PORTUGAL — R. Camilo Castelo Branco (Tel. 23211).

SEIXAL — *Soromenho* — R. Palva Coelho, 38 (Tel. 2218560).

BILHETE TURÍSTICO «ESTADIA NO ALGARVE»

745500
Viagem de 5 dias com todas as despesas incluídas

PARTIDAS TODOS OS DOMINGOS
Bilhetes á venda até 10 dias antes do de início da viagem, nas estações de caminhos de ferro de Lisboa (Rossio) e de Lisboa (Terreiro do Paço), nos Despachos Centrais do Caminho de Ferro e nas Agências de Viagens autorizadas

PARA A SUA VIAGEM A FRANÇA

O COMBOIO LHE FARÁ GANHAR TEMPO

DE DIA Pode ir tratar um negócio a 600 kms. de distância
Partindo de manhã de Paris, á tarde estará de volta

DE TARDE Pode deixar Paris ao fim da tarde e depois de ter jantado no vagon-restaurante chegar nessa noite á Bélgica, Holanda, Alemanha ou Suíça.

DE NOITE Fará 1.200 kms. confortavelmente instalado na «couchette» ou em carruagens-camas, e chegará sem fadiga ao centro da cidade.

O COMBOIO LHE FARÁ GANHAR TEMPO

Bilhetes turísticos e de grupo têm uma redução de 20 a 40 %
Pagamento em Escudos nas Agências de Viagens.

Informações

CHEMINS DE FER FRANÇAIS

AV. JOSÉ ANTÓNIO, 57 - MADRID - TELEFONE 247 20 20
TOURISME FRANÇAIS - 234, RUA AUREA, 242 - LISBOA

Grelhadores
SEM CHEIRO SEM FUMO

A SUA MESA...O SABOR
E PROPRIEDADES
DE UM ASSADO
NAS BRASAS

VENDAS SO ATRAVES PEDIDOS DE OLAVO CRUZ, L. DA
DOS AGENTES OFICIAIS CATALOGOS RUA DAS FLORES 59 LISBOA

As provas escritas dos exames liceais

(Continuação da 9.ª página)

III

Desenvolva, com clareza e método, um — um só — dos dois temas seguintes, cingindo-se, quanto possível, às respectivas alíneas:

1.º Tema

A razão e os seus princípios lógicos.
A) Noção de razão.
B) Os princípios lógicos.
C) As posições do empirismo e do racionalismo ante o problema da origem dos princípios lógicos.

2.º Tema

A consciência moral: sua natureza e origem.
A) Noção de consciência moral.
B) Teorias acerca da sua origem.
C) Qual dessas teorias se lhe afigura mais adequada e porquê?

PROVA ESCRITA DE ORGANIZAÇÃO POLITICA E ADMINISTRATIVA DA NAÇÃO

Responda, com exactidão e clareza, às seguintes 8 perguntas:

1) Dê a noção de norma jurídica e diga em que difere da norma moral.

2) O Estado português assenta em doutrina liberal, socialista ou ética? Porquê?

3) A constituição política de 1933 é de tipo rígido, flexível ou semirígido? Porquê?

4) Como se perde a qualidade de cidadão português?

5) Quais são as principais atribuições do Governador Civil?

6) O imposto complementar é pessoal e progressivo. Explique estas duas características.

7) Quais são os órgãos de administração da freguesia?

8) Como se dividem, administrativamente, as províncias ultramarinas?

II

Desenvolva um — um só — dos dois temas seguintes:

1.º Tema

Caracterização do Estado liberal.

2.º Tema

A feitura das leis: função da Assembleia Nacional e competência legislativa do Governo.

1.º CICLO

(2.ª chamada)

PROVA ESCRITA DE LINGUA E HISTÓRIA PÁTRIA

Texto

Estava muito doente a Choca e ia talvez morrer! E, todavia, ela fora toda a sua vida muito prestativa, para merecer à sorte um sofrimento daqueles; e esse mesmo nome de Choca, muito parecido, afinal, com uma alcunha, vinha-lhe das muitas ninhadas que havia chocado, cada uma das quais — e não tinham conta! — lhe havia custado uma doença. Febre que era mesmo lume, nessas três semanas do choco, tantas vezes repetidas; e depois, esses mil cuidados com os seus pequeninos, para os alimentar, para os guardar, para os ensinar...

Episódios, alguns tinha a sua biografia, e certos deles muito heróicos; e aflições, então, não tinha conta!

Afagara-se-lhe um filho, de uma vez. Fora beber à pia e lá ficara; e ela, entretida com os mais, quando deu pela falta e o procurou e o achou morto, ia endoidecendo com a aflição!

Querelas com as vizinhas eram toda a hora, se concorriam ao que esgaravata para ela e para os seus; e agora, prestes talvez a expirar, pesava-lhe na memória uma grande culpa: essa bicada feroz com que matara um pintainho estranho, de uma vez que o pobrezinho, que tinha a mãe também doente, viera, humilde, debicar-lhe no peito à cata de um grão, ali guardado, como num celeiro, para os que eram dela!

De resto, cumprira na sua vida todos os seus deveres, e muitas vezes, muitas, deixara de comer, para que os seus não tivessem fome.

Chuvadas que no campo havia apanhado, dir-se-ia, até, que lhe sabiam bem, com os seus pintainhos abrigados debaixo das asas.

Em suma, para defender os seus filhinhos, nunca fugira, nem mesmo do homem, e a alguns se atirara com bico e unhas; e, pelo que tocava às raposas, muitas a haviam conhecido, mas de longe...

I

1 — O trecho fala-nos de um animal: a) De que animal se trata? Como o sabe?

b) Porque lhe foi posto o nome de Choca?

2 — Como as pessoas, também a Choca teve sofrimentos e aflições: a) Que sofrimento teve ela, repetidas vezes?

b) Que é que, uma vez, lhe causou grande aflição?

3 — A Choca cometeu uma acção má: a) Qual foi?

b) Estará ela arrependida? Justifique a resposta.

4 — Parece-lhe que a Choca foi boa mãe? Diga porquê.

II

1 — Escreva um sinónimo de cada um dos seguintes termos do texto: *prestante, querelas, expirar*.

2 — Observe as palavras *bicada* e *debicar*: a) De que elementos são elas formadas? Como os denomina?

b) Classifique estas palavras, quanto à formação.

III

1 — Faça a classificação morfológica de: *muito doente, talvez, quando, ia endoidecendo*.

2 — Dê outra colocação aos pronomes pessoais nas expressões: a) *para os alimentar*;

b) *muitas a haviam conhecido*.

3 — Redija na voz passiva a frase: *muitas a haviam conhecido*.

4 — Sem alterar a colocação do sujeito, escreva a frase *Afagara-se-lhe um filho*, empregando o verbo: a) no futuro imperfeito do indicativo;

b) no presente do conjuntivo.

IV

Querelas com as vizinhas eram toda a hora, se concorriam ao que esgaravata para ela e para os seus...

1 — Divida e classifique as proposições da parte do texto acabada de transcrever.

2 — Faça a análise sintáctica da última destas proposições.

V

Redacção

Vai escrever uma carta. Será a carta de um filho (ou filha) para a mãe. Nela se não de exprimir as saudades, a recordação dos cuidados e sacrifícios maternos, e os sentimentos de amor e gratidão do filho (ou filha).

PROVA ESCRITA DE FRANCÊS

Vous allez lire attentivement l'histoire d'une petite fille qui cueillait des fleurs pour son école... mais qui a oublié quelque chose...

LE BOUQUET

Bridinette est dans le pré fleuri, entourée de marguerites, de longues herbes et de boutons d'or.

Elle cueille beaucoup de fleurs et le bouquet grossit dans sa main, puis sur son bras. D'un geste de sa petite main, elle chasse une cochenille installée sur une fleur:

— Va-t'en, ma belle, reste dans le pré. Tu y seras mieux qu'à l'école. Elle s'arrête pour regarder de près un petit papillon bleu et elle cherche la bête qui fait ce «cri-cri-cri-cri», près d'elle. Mais le chant cesse quand elle approche.

— Mon bouquet est assez gros, dit-elle, et il doit être bientôt l'heure d'entrer en classe. Encore cette

marquerite, c'est la plus belle! Et celle-là! Et celle qui dépasse toutes les autres, là-bas!... Oh! ces drôles de mouches!

Lorsque Bridinette arrive à l'école, tout le monde est en classe. Elle s'y précipite, son énorme bouquet sous le bras, un peu inquiète.

— Ah! te voilà, lui dit Mme. Renaudin, tandis que toute la classe éclate de rire. J'ai appris par Suzanne que tu étais partie me faire un bouquet.

— Oui, Madame, s'écrie l'enfant, le voici, c'est pour vous.

— Il est magnifique, déclare Mme. Renaudin, mais je ne peux pas l'accepter. Sais-tu quelle heure il est? Regarde la pendule.

Bridinette regarde, effarée: il est deux heures dix! Il y a plus d'une heure que la classe est commencée. Dans le silence qui s'est fait, la petite fille commence à pleurer.

— Allons, donne-moi ton bouquet, lui dit doucement Mme. Renaudin. Nous le mettrons dans l'eau tout à l'heure et il restera en classe.

I

Répondez par des phrases complètes aux questions suivantes:

a) Quel était l'aspect du pré, lorsque Bridinette y est entrée?

b) Pourquoi a-t-elle chassé la cochenille?

c) A-t-elle pu voir la bête qui faisait ce «cri-cri-cri-cri»? Pourquoi?

d) Pourquoi la petite fille était-elle inquiète, en entrant dans la salle de classe?

e) Expliquez les éclats de rire des élèves.

f) Comment Mme. Renaudin savait-elle que Bridinette était allée dans le pré?

g) Pourquoi la petite fille a-t-elle commencé à pleurer?

h) Pourquoi la maîtresse ne pouvait-elle pas accepter le bouquet?

i) Aimez-vous des fleurs dans la salle de classe? Justifiez votre réponse.

II

Rendez en français: a) Quando esta menina saiu de casa, decidiu ir a um prado colher flores, queria dá-las à professora.

b) A ideia seria muito boa, se Bridinette não fosse distraída: demorou-se de mais e só chegou à escola depois das duas horas.

c) Felizmente a Sr.ª Renaudin compreendeu o que lhe tinha acontecido e não se zangou nem se riu. Mas os outros alunos não foram tão bondosos como a professora.

III

Rédigez maintenant un petit dialogue, où vous ferez parler Bridinette et Mme. Renaudin, après la classe.

(La petite fille explique à sa maîtresse ce qui s'est passé: la beauté du pré, les fleurs, la cochenille, le «cri-cri-cri-cri», les mouches... Mme. Renaudin la remercie de son idée, lui donne de bons conseils et lui montre qu'il faut toujours être ponctuel.)

EXAMES PARA AMANHÃ

ENSINO LICEAL

(30 de Junho — Quarta-feira)

1.º ciclo — 2.ª chamada

Ciências Geográfico-Naturais — 15 horas (90 minutos)

Desenho Geométrico — 17 horas (120 minutos)

Obs. — Ler as nossas informações insertas no dia 21

2.º ciclo — 1.ª chamada

História — 9 horas (90 minutos)

Inglês — 11 horas (90 minutos)

(Não é permitido o uso do dicionário)

3.º ciclo — 2.ª chamada

Inglês, Ciências Físico-Químicas e Grego — 15 horas (90 minutos cada)

Português — 17 horas (90 minutos)

Desenho — 17 horas (120 minutos)

Obs. — Em Inglês é permitido o uso do dicionário

DIÁRIO escolar INFORMAÇÕES COMENTÁRIOS

OS EXAMES E OS SEUS EFEITOS NA EDUCAÇÃO—1

A equivalência dos padrões

Não existe no Mundo sistema educacional que não aplique alguma forma de avaliação do aproveitamento dos alunos e da eficácia do ensino. A maioria deles utiliza, para isso, exclusivamente, os exames orais e escritos. Na verdade, é quase inconcebível para muitos professores e pais que tais testes ou exames deixem de existir, pelo menos no fim do curso secundário, e sempre que se julgue necessário alcançarem os alunos um padrão determinado. Muitos seriam até capazes de insinuar que, sem algum tipo de exame, os alunos e mesmo os professores não teriam motivos para trabalhar com seriedade. Em consequência disso, alguns sistemas adoptam, não somente o exame anual ou final, mas ainda testes semanais ou quinzenais, aos quais se atribui grande importância.

Os exames têm sido alvo periódico de severas críticas, pelo facto de representarem o único meio de avaliação do aproveitamento do aluno. Pesquisas feitas pelo International Examinations Inquiry, em 1930 e ainda posteriormente, têm mostrado que, mesmo quando adoptadas precauções muito especiais, o tipo tradicional de exames (baseado em provas fornecidas previamente e consistindo em número relativamente pequeno de perguntas, que exigem respostas longas) dá ensejo a objecções de considerável importância. Sabemos, por exemplo, que experimentados examinadores revelam apreciável variação nos julgamentos que realizam em épocas diferentes, sobre um mesmo trabalho e que os julgamentos efectuados por diversos examinadores em relação ao mesmo trabalho não apresentam homogeneidade entre si. Sabemos ainda que nos testes de múltipla escolha pode não se verificar, afinal, uma escolha, visto serem pouquíssimas as crianças que ousam abordar certas perguntas. Além disso, quando o mesmo grupo de crianças é novamente submetido a exame, as respostas são, às vezes, diferentes, alterando, em consequência, as notas finais e a classificação no grupo.

Os resultados de um exame ou teste — se é que significam alguma coisa — representam a medida de preparo, da aptidão ou de alguma outra qualidade. A essência da mensuração está na sua fidedignidade, na possibilidade de obter sempre o mesmo resultado nas mesmas circunstâncias. Precisamos de ter a certeza que o aluno que conseguiu 80 por cento num exame de história obterá também 80 por cento ou quase isso, se fizesse amanhã um exame similar com o mesmo roteiro. Cumpre ficar então estabelecido, para fins práticos, que dois alunos, alcançando, respectivamente 80 e 75 por cento, apresentam, realmente, uma diferença de 5 por cento em suas capacidades. Finalmente, num grupo de quatro alunos, o primeiro

com 80 por cento, o segundo com 75, o terceiro com 50 e o quarto com 45 por cento, subentende-se que o intervalo entre os dois primeiros (5 %) tem de ser, de facto, equivalente ao intervalo entre os dois seguintes (5 %).

Medidas obtidas em exames feitos por professores, ou até mesmo as que são apuradas, oficialmente, nos moldes mais tradicionais, apresentam, entretanto, falhas e dificuldades se adaptam a qualquer critério fidedigno. Não podemos, certamente, assegurar que 5 por cento da contagem total dos pontos constituam, na maioria dos casos, uma diferença real; nem podemos afirmar que pela repetição da mesma medida, ou de outra similar, se obtenha resultado semelhante.

Existe outro problema que, embora disfarçado, é, em muitos casos, igualmente importante. Na maior parte dos sistemas educacionais, realiza-se alguma forma de exame publico no fim dos ciclos secundários. Da aprovação obtida nesses exames, em conjunto de matérias, depende a «chance» de o aluno continuar a sua educação na Universidade ou a possibilidade de ser admitido nos cursos para certas profissões liberais. Em cada ano apresenta-se um novo grupo de candidatos; certa proporção desse grupo será «aprovada» e a restante, «reprovada». Naturalmente, sendo diferentes os exames de ano para ano e por serem, também, variáveis os programas, n's quais se baseiam, surge, em cada vez, o problema da equivalência entre as notas de aprovação e reprovação de um ano para outro, nas diferentes matérias e (se acontecer como no Reino Unido da Grã-Bretanha, onde há várias comissões examinadoras ou exames considerados «equivalentes») para as diversas comissões examinadoras. Estudando cuidadosamente o índice de aprovações e reprovações de alunos em exames como o English School Leaving Certificate, de bacharelato, de terceiro ciclo, de maturidade, de conclusão do curso secundário, notamos que, de ano para ano, a percentagem de aprovações permanece a mesma. Considerando o seu valor aparente, poderia parecer que o nível não varia. De facto, na maioria dessas provas, os examinadores são instruídos no sentido de que apenas determinado numero de candidatos poderá passar ou, então, depois de atribuídas as notas por um processo de «normalização», que a média mínima permaneça mais ou menos constante e a proporção actual dela, sempre a mesma. A equivalência aproximada quanto à dificuldade é então conseguida presumindo que, de ano para ano, não

existirá diferença apreciável na qualidade dos examinandos ou na eficiência do ensino.

• Diferenças de oportunidade educacional

A hipótese referida merece comentário. Se admitirmos, como parece provável, que a capacidade geral de aprendizagem é, pelo menos em parte, uma característica herdada e que, como outros traços genéricos, é distribuída na população atendendo à curva de probabilidade normal, teremos então que presumir que todo o grupo de jovens compreendido entre 17 e 18 anos teria, em 1965, o mesmo nível e distribuição de capacidade básica que o grupo total da mesma idade, no ano anterior, ou no ano seguinte. Seremos levados, além disso, a acreditar que qualquer diferença de oportunidade educacional, dentro e fora da escola, terá expressão ocasional para todos os três grupos sucessivos, de modo que eles possam, em traços gerais, ser consignados equivalentes, quanto à educação.

Convém agora verificar até onde essas hipóteses deixam de corresponder à verdade, em relação aos grupos que se apresentam para a maioria dos exames publicos. Primeiramente, os alunos que frequentam escolas de tipo clássico representam um subgrupo da população total das idades citadas (17-18 anos) e, em seu conjunto, um subgrupo seleccionado, de capacidade maior do que a média. Em segundo lugar, onde há possibilidade de escolha de matérias, factores selectivos mais complexos estarão em jogo, separando, por exemplo, quanto ao nível geral de aptidão o grupo que escolhe diversas línguas do grupo que prefere as ciências e a matemática. Em terceiro lugar, embora a proporção

(Continua na 24.ª página)

Externato D Duarte

Preparação para exames de Setembro-Outubro.
As aulas do próximo ano lectivo iniciarão em 1 de Setembro em regime especial; em 1 de Outubro em regime normal.
Inform. pelo Telef. 68 71 29

CURSOS INTENSIVOS DE VERÃO

A começar em 5 de Julho
Av. Alvaro, Cabral, 312, 2.ª.
Dir. (ao Rato).

O EXAME DE ALUNOS CEGOS

(Continuação da página central)

correspondência com os que vêem, com a sua família por exemplo.

● As construções geométricas

Para os alunos mais adiantados, o *braille* é bem conhecido e igualmente, a notação matemática (ela é especial); e temos, neste nível, para as matemáticas, habituado as crianças a fazerem construções para se apresentarem as figuras dos problemas. É, aliás, uma técnica bastante longa de aprender. Há métodos diferentes. Podem-se fazer figuras, quando se trata de planos, com recortes de papel. Podem-se, também, fazer figuras com elásticos e *percevejos* que se fixam num tabuleiro de cortiça, os elásticos representam as rectas e os *percevejos*, os diversos pontos da figura. Pode-se ainda desenhar num tabuleiro de borracha sobre o qual se fixa uma folha de celofane. Este é um sistema americano. Desenha-se apoiando sobre a folha de celofane com uma esferográfica e o relevo «aparece» imediatamente aos dedos. É preciso, evidentemente, ensinar os alunos a servirem-se destes instrumentos e, igualmente, a servirem-se, por exemplo, de um duplo decímetro sobre o qual pôs furos em *braille*, de um compasso de duas pontas duras, de um transferidor graduado com pontos e fendas para que os alunos possam medir os ângulos. A construção das figuras já não é tão precisa como a dos que vêem, bem entendido, mas é necessário obrigar os cegos a construírem figuras para terem uma representação mais precisa. Alguns alunos fazem figuras simplesmente com papéis mata-borrão, servindo-se de um estilete para traçar os seus desenhos em relevo. Os alemães utilizam uma espécie de cartão hidráulico, cujos riscos feitos por um estilete são como sulcos facilmente contactados pelos dedos dos alunos. Quanto à geometria, a arte de fazer raciocínios justos sobre figuras falsas, isso não incomoda absolutamente nada. Quanto mais não seja desenvolvem o tacto e a destreza das crianças cegas que têm necessidade das mãos, por isso esses exercícios são muito bons.

● Os cegos e a vida

Após certo grau de ensino, por meio de todas as técnicas já descritas, as crianças sabem utilizar um mapa geográfico ou um globo. Pode esperar-se que saibam, também, conduzir-se um pouco sós: têm idade, em todo o caso para começar esta aprendizagem. Pensa-se, então, que é preciso enviá-las aos liceus e escolas técnicas.

Nos primeiros tempos, conduzem uma pessoa da casa; em seguida, acontece, muitas vezes, que os camaradas que moram na mesma zona

na os levam e, ao fim de um ou dois anos, os alunos cegos deslocam-se sózinhos aos estabelecimentos de ensino. Qual a vantagem? A vantagem é que arranjam amizades com os que vêem. Os cegos estão destinados a viver no mundo normal. É preciso, pois, prepará-los para isso. O contacto dos cegos entre si nem sempre os favorece. É bom que tenham professores que não sejam cegos, os quais possam trazer-lhes muitas coisas novas para eles, e igualmente camaradas visuais que os auxiliarão e lhes ensinam, também, a vida normal, de todos os dias.

● O aproveitamento dos cegos depende dos professores

Os alunos têm uma linguagem suficiente, e fazem os seus exercícios nos estabelecimentos de ensino. O que inferioriza o invisível é o que pode inferiorizar o visível, isto é: não dispor de suficiente capacidade intelectual. Aliás, os exercícios nos liceus e nas escolas técnicas dependem muito dos professores, pois não há regra absoluta. Alguns professores fazem os alunos escrever em *braille*, e, com as cópias também em *braille*, enviam-nas ao professor especializado que lhe dá provas dactilografadas. Outros professores pedem aos alunos cegos que escrevam directamente nas máquinas vulgares de escrever. Isto é possível em certas matérias, ainda que, evidentemente, o cego não se possa reter. Será de pensar que, se fizer um plano sério em *braille*, pode, em seguida, escrever à máquina o seu trabalho. Ali onde há grandes dificuldades é para os exercícios de matemática, porque transcrever matemática à máquina é muito difícil. De qualquer maneira, seria preciso dar um maior período de tempo ao cego que compõe a máquina, para escrever, porque é preciso que reflita muito, e também porque se se encontra perdido ou distraído no seu trabalho, não sabe onde está, e se faz um erro não o pode corrigir. Por isso, as normas oficiais para os exames dão para os invisíveis uma tolerância de 45 minutos, podendo ser de 60 para as provas de matemática.

● O acesso dos cegos a todos os exames

É preciso, todavia, dizer, em primeiro lugar, como os cegos trabalham quando estão nos liceus e escolas técnicas. Até ao nível do primeiro ciclo liceal ou ciclo preparatório do ensino técnico, os livros são em *braille*; a partir do segundo ciclo, as dificuldades começam, porque os estabelecimentos de ensino têm livros diferentes e as tipografias *braille* não abundam e, que há não podem corresponder aos pedidos, além de que nem sempre

pre existem os recursos materiais suficientes para os traduzir.

Porque não é, evidentemente, rentável imprimir somente duas, três, ou mesmo dez obras, tanto mais que, se há, em cada ano, certo número de alunos inscritos, haverá, talvez, neste número, um pedido para alguns manuais diferentes para cada matéria. Aí está a dificuldade.

Desde há alguns anos, o ensino superior abriu caminho para os cegos no ensino das letras, das línguas, da filosofia, etc. Para a música, também. O que há, talvez, de mais espantoso, é que havia já desde há muito tempo, cegos com caminho aberto para ensinarem nas faculdades, mas não há praticamente (tem-se negado!) cegos que ensinem no ensino secundário. Há quem baseie os seus argumentos na base disciplinar dos alunos! É evidente que para a Física é muito difícil aos cegos, por causa da utilização dos instrumentos e das máquinas, serem úteis, mas, por exemplo, nas artes do som, da acústica, já isso não sucede. Podem existir engenheiros de som cegos, do mesmo modo que no campo das matemáticas há casos notáveis.

● Os ouvidos são muito úteis aos cegos

Ao visitar uma aula ouviu-se dizer a um cego: — «Ah!, diz lá Pedro, o que estás a fazer?». Ou então: — «João porque é que não estás no teu lugar?».

Certamente isto é devido a que os cegos têm ouvidos, e isso é muito útil. O modo como se fala indica a posição do corpo e pode-se, em certa medida, dar conta do lugar onde se encontram os alunos e, sobretudo, da posição do seu corpo. Contudo, numa aula de cegos, considera-se que quinze alunos é o máximo conveniente, por ser o ensino aí muito individualizado, enquanto que numa turma de alunos visuais, há quarenta (liceus) ou trinta e seis (escolas técnicas), e isso torna as coisas muito mais difíceis.

As matérias literárias são, evidentemente, as que mais atraem em especial os cegos e que lhes apresentam menos dificuldades práticas. Já temos mesmo cegos licenciados em Letras.

● As horas de Desenho

Nas normas oficiais agora aplicadas aos invisíveis dispensam-se as provas de desenho. Isto parece, de certo modo, muito discutível e foi mesmo precipitadamente estabelecido.

Nos exames de admissão, os ce-

Terminou hoje a reunião sobre normalização

Terminou hoje a 13.ª reunião do STACO (Comissão Permanente para o Estudo dos Princípios da Normalização) que se efectuou em Lisboa.

Os pontos principais discutidos foram o título da comissão e as suas atribuições, escolha do código a aplicar na identificação por assuntos das normas nacionais e das recomendações ISO, quando actualmente essa classificação é feita por intermédio do C. D. U.; aplicação geral das unidades SI, particularmente do Newton, pedindo-se que os organismos nacionais de normalização intervenham junto das suas organizações educacionais para a sua adopção.

A comissão ocupou-se ainda do vocabulário das definições, nomeadamente no que respeita aos termos designação, identificação e codificação.

Tratou-se ainda das vantagens económicas trazidas pelas recomendações ISO, ficando este assunto adiado para uma próxima reunião.



A mão é o mais seguro e o mais rápido socorro (La Fontaine). As crianças cegas têm absoluta necessidade de utilizar as suas mãos

gos podem desenhar, e têm-no feito, (a prova é de desenho livre) com estiletes, sobre material ductil ou podem desenhar com pias («crayons») de matéria plástica, pois esta fica com o relevo suficiente para os cegos — mediante os dedos que *vêem* (tocam) — dominarem o desenho. Há, ainda, o recurso à plasticina, pois a modelação é um *desenho*, e por meio das três dimensões o cego domina os temas.

No exame do primeiro ciclo do liceu, há sérias dificuldades para a prova de desenho geométrico, mas que não são insuperáveis. A maior dificuldade reside na prova de composição decorativa mas (à excepção da cor que pode ser compensada pela textura) também se pode resolver o caso fornecendo o ponto em material adesivo e facultando elementos no mesmo material para serem dispostos ou recortados.

Nos exames de desenho do ciclo preparatório (externos), o desenho à vista (como no 2.º ciclo liceal) pode muito bem ser substituído por modelação, em plasticina, do objecto ou objectos que constituem os modelos. Já vimos provas resolvidas assim, e absolutamente invulgares.

Quanto ao desenho cotado, pode-se proceder do mesmo modo, desde que a prova constitua na reprodução à escala de um modelo dado.

É evidente que são soluções diferentes, mas não deixam de ser provas de desenho, já que os exames têm de ser diferentes também.

● Os cegos têm medo?

É certo que a cegueira não impede o medo nos exames e ante as dificuldades correntes. Os cegos não gostam, aliás, de serem tratados ou com excesso de protecção ou com injustiça; eles querem sim ser tratados como todos os outros, isto é, os visíveis.

Nas provas orais, os membros do júri são sempre tentados, senão a serem muito indulgentes, pelo menos a serem um pouco favoráveis. Não podem, por exemplo, executar

NOVO CONSELHEIRO do Supremo Tribunal de Justiça

O sr. dr. Fernando Bernardes de Miranda, juiz desembargador da Relação de Coimbra, foi nomeado juiz conselheiro do Supremo Tribunal de Justiça.

trabalhos no quadro preto, então geralmente, dão coisas um pouco mais simples, mas, enfim, é, todavia, normal que os professores se apercebam da cultura dos candidatos. Muitas vezes, são, talvez, um pouco mais amáveis; a cegueira parece-lhes alguma coisa bastante terrível e têm uma certa tendência para encontrar quem tem muito mérito em chegar a este nível e que, na verdade, se pode ser um pouco mais generoso.

O que não está certo, porque não é absolutamente nada preciso, é dar diplomas secundários aos cegos com certas facilidades, porque se julgam depois muito fortes e nos estudos superiores, podem ser terrivelmente decepcionados.

As cooperativas de consumo queixam-se dos armazenistas que fornecem o bacalhau

Trinta e seis cooperativas de consumo de todo o País dirigiram um telegrama colectivo ao sr. ministro da Economia do teor seguinte:

«Delegados de trinta e seis cooperativas de consumo de todo o País, associadas da UNICOPE — União Cooperativa Abastecedora, representando 30 000 famílias de consumidores, reunidos no dia 27 do corrente, em assembleia geral ordinária do seu armazém abastecedor, deliberaram, por unanimidade, dar conhecimento a V. Ex.ª da sua preocupação pelo grave problema da distribuição do bacalhau, facto que vem dando origem, há mais de dois anos a esta parte, a uma inadmissível imposição de aquisição de outros produtos alimentares por parte de uma maioria de armazenistas fornecedores, conforme consta da pormenorizada exposição entregue nesse Ministério em Setembro de 1964 e acerca da qual se aguarda desejada resposta, problema que presentemente está a tomar aspecto de muitíssima gravidade por estar a ser exigido às cooperativas pagamento de extras além dos preços tabelados para o bacalhau, criando perniciosa clima de mercado negro, pelo que solicitam a V. Ex.ª providências. Respeitosos cumprimentos».

«HABITAÇÕES ECONÓMICAS» FEDERAÇÃO DE CAIXAS DE PREVIDÊNCIA ANÚNCIO

OBRAS NO PRÉDIO SITO EM LISBOA — ALVALADE NA RUA AFONSO LOPES VIEIRA N.º 23

Faz-se publico que no dia 15 de Julho próximo, pelas 11 horas, na «Habitação Económica» — Federação de Caixas de Previdência, Avenida Duque de Ávila, n.º 169-4, se procederá ao concurso para adjudicação da empreitada supra.

Base de licitação 175 000\$00
Depósito provisório 4 375\$00

Nos Serviços Técnicos da Federação estará patente o processo de concurso, todos os dias úteis, excepto aos sábados.

As propostas deverão ser enviadas pelo correio, em carta registada, e de forma a darem entrada na Federação até às 10 horas do citado dia 15 de Julho.

Lisboa, 28 de Junho de 1965.

O Presidente

a) Dr. Pedro de Castro e Almeida

AO SALDANHA

EM CONDIÇÕES ÚNICAS PARA REEDIMENTO

PREÇO 350 CONTOS

ANDARES VENDEM-SE

ORGANIZAÇÃO BRANCA LUCAS

RUA D. ANTÃO DE ALMADA, 5, 2.º, DT.º

(JUNTO A IGREJA DE S. DOMINGOS)

Telefs. 320047 - 320063

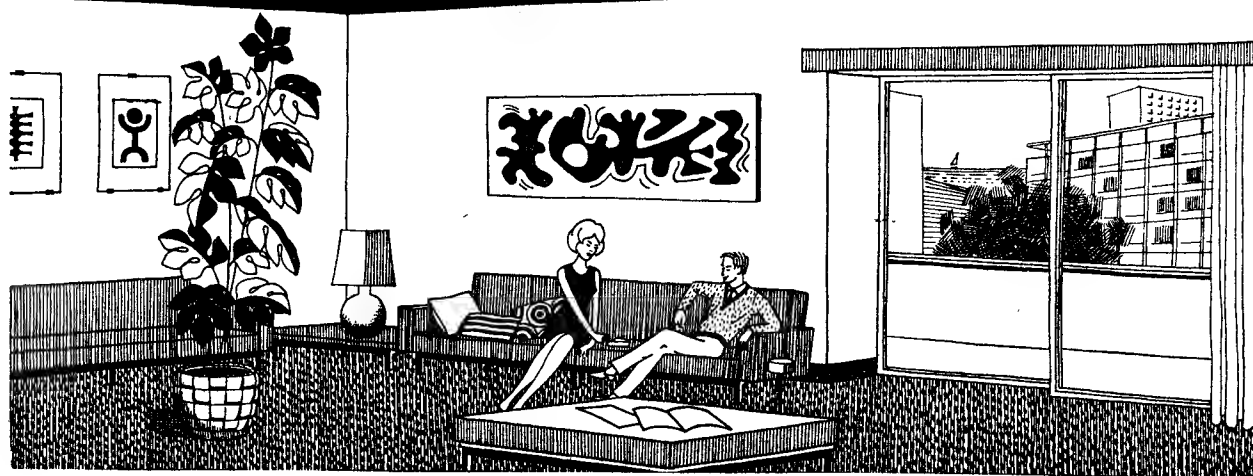
À AV. AL.º REIS

(JUNTO A IGREJA DOS ANJOS)

ANDARES COM CASAS
MARAVILHOSAS

PREÇO 330 CONTOS

VIVA UMA NOVA VIDA, NUMA CIDADE NOVA



Uma casa própria, num ambiente distinto, em lugar excepcional, propício ao desenvolvimento saudável dos seus filhos.
A 5 minutos de Lisboa.
Próximo das praias da Costa do Sol.
Todos os requisitos para que a sua vida nela seja agradável. Ar puro, jardins, divertimentos, zonas comerciais, escolas, piscinas, etc.
Ambiente cosmopolita e atraente.

Apartamentos de 2, 3, 4, 5, 6, 7 e 9 assoalhadas.
Preços de 150.000\$00 a 1.500.000\$00
Prédios de 8 a 24 pisos.
Base inicial — 45%.
O restante é pago pelo próprio rendimento, num período de 8 a 25 anos.
Exposição permanente.

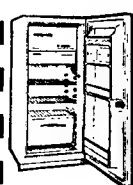


**EMPRESA PREDIAL
NORTENHA**

LISBOA — PRAÇA DA ALEGRIA, 58-2.
Telefs. 36 22 28 - 36 68 12 - 36 67 31
PORTO — PRAÇA D. JOÃO I, 25-1.
Telefs. 26 706 - 30 181 - 31 038
COIMBRA — AV. FERNÃO DE MAGALHÃES, 148-1.
Telefs. 27 855 - 27 404

FRIGORÍFICOS

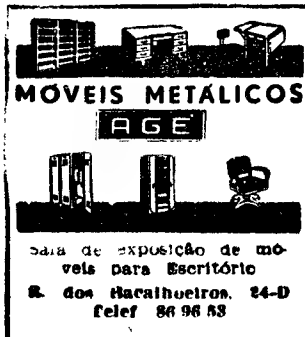
OS MAIS BARATOS!



150 L 2.700\$
170 L 3.590\$
200 L 4.190\$

ÁLVARO TORRÃO

RUA FERNÃO LOPES, 8
(ao Saldanha) - T. 73 67 52



**PIANOS
VERTICAIS E DE CAUDA**
ALUGAM-SE

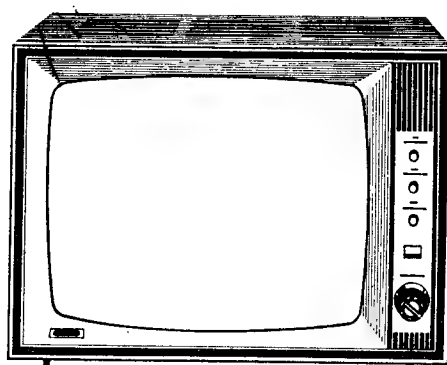
Estabelecimentos
VALENTIM DE CARVALHO
Comércio e Indústria S. A. R. L.
95 Rua Nova do Almada 99
LISBOA

FINALMENTE!

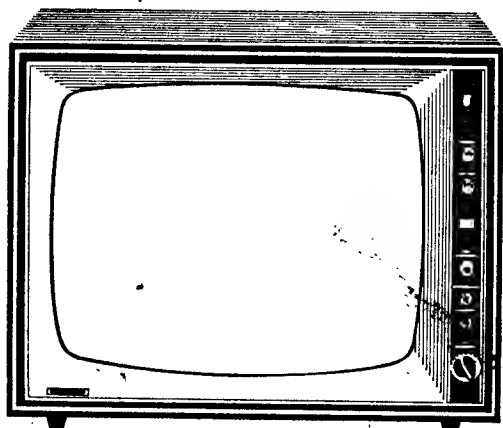


Já pode brindar à
chegada a sua casa
do novo televisor

GRUNDIG Mod. T 500
com ecran de 48 cms



E, TAMBÉM SEMPRE ÀS ORDENS...
o não menos recente Mod. T 5000 com
ecran de 59 cms!

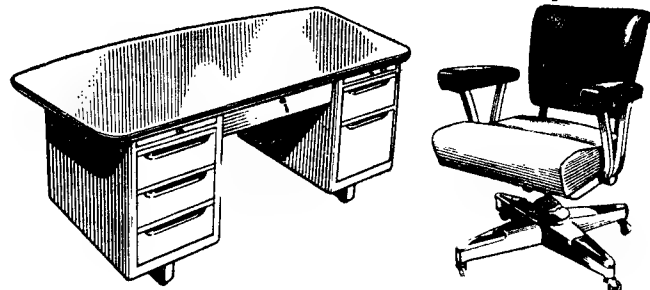


2 MODELOS QUE SÃO A
RESPOSTA COMPLETA
A TODAS AS EXIGÊNCIAS

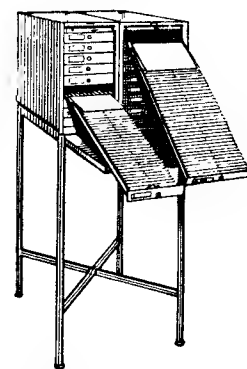
Milhões de Pessoas Vêem e Ouvem com **GRUNDIG**

Mobilaço

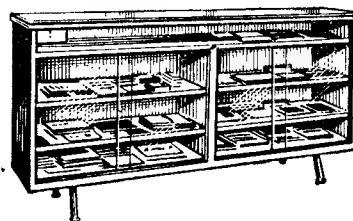
EQUIPAMENTO METÁLICO, LDA.



mobiliário em aço para
escritório



SECRETARIAS
CADEIRAS
ARMÁRIOS
FICHEIROS



MODERNOS
HIGIÉNICOS
FUNCIONAIS

Consultas para:
R. DA EMENDA, 66 R/C.-FRENTE
Stand de Exposição:
AV. ALMIRANTE REIS, 94-C



**DUCRETET
THOMSON**

TELEVISORES — RADIOS — GIRA DISCOS
REPRESENTAÇÃO:
AV. DA LIBERDADE, 141-L — LISBOA — TELEF. 320108

A EVOLUÇÃO DOS PROCESSOS DE PESCA

(Continuação da página central)

atingindo, portanto, maiores tamanhos e, como nessas zonas, só é autorizada a pesca à linha, em pequenas embarcações, para os nacionais do país ribeirinho, conseguem capturar percentagem muito maior de peixes grandes. Ora nos países em que a pesca bacalhoeira constitui uma actividade longínqua, empregam-se arrastões e a percentagem dos tamanhos dos peixes capturados é igual à nossa. Sobre isso não há dúvidas.

● Mais peixe e mais e melhores navios

Solicitámos então ao sr. dr. Duarte Silva que nos desse uma ideia da evolução da indústria da pesca do bacalhau em Portugal, e o nosso amável interlocutor, depois de compulsar alguns estudos que se alinhavam na sua estante, não demorou a responder:

—Façamos uma breve comparação entre 1938 e 1965. Naquele ano, a nossa frota bacalhoeira era constituída por 49 navios de linha, de madeira, muito antiquados, um navio de linha em aço, e um arrastão em aço, que totalizavam 16 mil toneladas de arqueação e pescavam cerca de 17 mil toneladas de bacalhau verde, ou seja o bacalhau no estado em que é descarregado no nosso País, isto é, descabado, escalado e salgado, quando o seu peso corresponde apenas a um terço do peso que tinha à saída da água...

—Actualmente...
—A situação é a de uma frota, na sua totalidade construída depois de 1939, que compreende 40 navios de linha e 31 arrastões, com 74 mil toneladas de arqueação e a pescar 77 mil toneladas de bacalhau verde, o que nos mostra que a produção aumentou mais de quatro vezes, excedendo largamente, o aumento demográfico relativo ao mesmo período de tempo.

E acrescenta:
—Com efeito, as captações de consumo que eram, em 1938, de cerca de 5,5 quilos, por habitante, atingiram em 1964, quase 9 quilos. Quer dizer:—nunca houve tanto bacalhau como no ano passado e se, mesmo assim, houve queixas por carências, esse facto deve-se a que sendo o seu preço muito baixo em comparação com os dos outros alimentos concorrentes, a procura foi enorme, esgotando-se as existências com rapidez anormal.

Repare ainda — disse — que, em 1938, importávamos mais de 75 % das 38 000 toneladas que consumíamos e que hoje, tendo o consumo mais do que duplicado, a posição produção nacional/importação, inverteu-se. Por outras palavras:—produzimos cerca de 75 % e importamos a volta de 25 %. O que isto representa em termos de divisas estrangeiras não necessita de comentários.

O sr. dr. Duarte Silva, falou-nos depois da posição da pesca nacional de bacalhau em comparação com a de outros países produtores, dizendo:

—Ao fazermos qualquer tipo de comparação neste capítulo, teremos de distinguir dois ou mesmo três factores muito importantes:

os países que pescam para abastecimento dos respectivos mercados nacionais e os que pescam com vista essencialmente à exportação; os que pescam o bacalhau como actividade costeira, com pequenas embarcações e curtas viagens, e ainda aqueles em que essa pesca é actividade longínqua, que exige, portanto, grandes unidades e campanhas de uma, duas, o máximo três viagens por ano.

A nossa pesca — continuou — é uma actividade longínqua, e como tal só podemos comparar as nossas produções com as dos países que trabalham em condições idênticas. Por outro lado, os países que pescam o bacalhau nas suas costas, descarregam o produto inteiro, isto é, praticamente com o mesmo peso com que sai da água, enquanto que a escala e a salga (e a permanência do pescado durante alguns meses nos porões dos navios) acarretam uma perda de dois terços do peso.

E prosseguindo:
—Nestas condições, para comparar produções, temos de as reduzir à mesma unidade, aplicando às nossas o factor internacional de conversão: 3. Fazendo esta conversão, ocupamos o primeiro lugar entre os países da Europa que pescam bacalhau como actividade longínqua, na área do Noroeste do Atlântico, onde se situam as maiores concentrações de peixe e onde actuam poderosas frotas de 17 países. Em idênticas condições, somos o terceiro produtor do Mundo.

● O aproveitamento de derivados

Após afirmar que somos o único país grande produtor que pesca bacalhau para consumo exclusivo no seu mercado interno e um dos poucos que o consome quase exclusivamente depois de salgado e seco, o sr. dr. Duarte Silva abordou outro aspecto curioso — o aproveitamento dos derivados do bacalhau — esclarecendo:

—É evidente que a distância a que nos encontramos dos locais da pesca não podemos competir com os países ribeirinhos de zonas em que o peixe é muito abundante, como por exemplo o Peru e alguns países africanos e, assim, preparar navios, aliás caríssimos, para irem capturar peixe destinado à farinação, seria rematado disparate, pois é preciso não esquecer que 1 quilo de farinha vale cerca de 4500 e para o fazer são necessários 5 quilos de peixe.

Outra afirmação:
—Farinamos, sim, os desperdícios e as espécies que não têm interesse comercial no nosso mercado e que vêm nas redes de arrastões misturadas com o bacalhau. Extraímos também óleo dos fígados, mas quer um quer outro produto não fornecem rendimento compensador. Aproveitam-se para não se deitarem pela borda fora, e para poder melhorar os salários das tripulações.

● O problema dos navios de pesca à linha

A nossa pergunta sobre se ainda há razão para continuarmos a pescar bacalhau à linha, o vice-

presidente da Corporação das Pescas disse-nos:

—Ora bem. Um navio de linha, de madeira, representa um investimento menor e pode ser construído em grande parte com materiais nacionais, além de que, para um dado volume de pesca, emprega muito mais homens, o que é vantajoso em situações de excesso de oferta de mão-de-obra. Foi por esta razão que, em certa altura, se construíram bastantes navios bacalhoeiros de madeira, para a pesca à linha, os quais asseguraram também uma percentagem muito mais elevada de peixes grandes.

O sr. dr. Duarte Silva prosseguiu:

—Já calculo que vai perguntar-me por que razão se generalizou o emprego dos arrastões em todo o Mundo...

E completando o seu pensamento — Porque a situação económica e social depois da 2.ª Grande Guerra se modificou substancialmente:

a subida do nível de vida e os maiores salários provocaram aumentos de consumo e rareficação na oferta de mão-de-obra. Assim, havia que produzir maiores quantidades e, simultaneamente, não esquecer o factor produtividade. Os salários na pesca tinham de competir com os salários na indústria em terra e ser suficientemente atractivos para que não faltassem as tripulações. Por este conjunto de razões, ao qual acrescentam os progressos tecnológicos que se fizeram sentir só no arrastão, este tipo de pesca foi tomando uma posição dominante em relação à pesca à linha, tendente esta a ficar limitada às pescas efectuadas próximo das costas.

A situação portuguesa não era — acrescentou — exactamente paralela à dos outros países da Europa Ocidental, visto que tínhamos uma longa tradição do exercício da pesca à linha, mão-de-obra abundante e um mercado assegurado. Por isso nos foi possível manter este tipo de pesca por mais tempo do que outros países.

No entanto — atalhámos — é difícil acreditar que um navio bacalhoeiro de linha, que trabalha apenas seis meses, possa ser rentável, comparado com um arrastão que trabalha todo o ano...

Esquece-se de que o produto de ambos não tem o mesmo valor: um quintal de bacalhau dos navios de linha vale em média 20 % mais do que um quintal de bacalhau proveniente dos arrastões, devido à diferença de tamanhos. Também é factor importante, para determinar o custo da produção, o valor dos navios. Um arrastão custa hoje mais de 40 000 contos e os navios de pesca à linha importaram em valores da ordem dos 7000 a 12 000 contos.

● Não mais navios de linha...

Prosseguindo, o sr. dr. Duarte Silva disse-nos:

—Não se construirão mais navios de pesca à linha e deve notar-se que o número destes navios — que atingiu em 1959 o total de 55 — se encontra hoje reduzido a 40. É de prever que, dentro de um prazo da ordem dos 10 anos, esta frota, se não estiver totalmente

extinta, se encontre muito reduzida. No entanto, enquanto esses navios puderem ser utilizados na pesca, é inconcebível impedir a sua actividade, não só pelo bacalhau que trazem para o abastecimento do País (capturam 76 % do bacalhau crescido que produzimos) como também pelo trabalho que asseguram ainda a mais de 2500 pescadores.

● O problema das águas territoriais

Seguidamente perguntámos quando entrarão em vigor os novos limites de águas territoriais no respeitante ao bacalhau:

—Não se deve confundir o conceito de «águas territoriais», com o de «águas reservadas à pesca». Nas «águas territoriais» o Estado é soberano. Essas águas são parte integrante do território continental. Por «águas reservadas à pesca» entende-se uma zona em que o Estado ribeirinho ou tem direitos exclusivos ao exercício da pesca ou pode, pelo menos, limitar em certas medidas o exercício dessa actividade a terceiros países.

E acrescenta:
—Os limites das «águas territoriais» não foram alterados por nenhum dos países ribeirinhos das zonas em que pescamos bacalhau: foram simplesmente alargadas as zonas de pesca até ao limite de 12 milhas, havendo, porém, um período transitório para a pesca se poder efectuar a partir do limite exterior das «águas territoriais».

Concretizando melhor:

No que diz respeito às costas da Gronelândia a pesca portuguesa poderá efectuar-se entre as 6 e as 12 milhas até 31 de Maio de 1973; os navios de pesca à linha podem actuar entre as 3 e as 6 milhas até 31 de Outubro de 1968. Espera-se que esta última data seja ainda prorrogada. No que se refere às costas do Canadá e Terra Nova, apesar de já se ter aprovado legislação pelo Parlamento canadiano, esta ainda não entrou na fase executória, supõe-se que em virtude do Governo canadiano procurar negociar com os países prejudicados de forma a evitar a execução de medidas unilaterais. De acordo com essa legislação e com as negociações conduzidas com o Governo canadiano, o período transitório de pesca dentro do Golfo de S. Lourenço deverá ser elevado de 5 para 10 anos. Em certas áreas específicas da costa da Terra Nova e durante um período de 10 anos os barcos portugueses deverão poder continuar a pescar até às 3 milhas. Nas restantes zonas o período transitório para a pesca entre as 6 e as 12 milhas será de 10 anos. Portanto...

Com excepção das costas da Gronelândia, em que haverá um regime especial — e mais favorável — para os navios da pesca à linha, os limites das águas reservadas à pesca são os mesmos para o arrastão e para a pesca à linha. O alargamento das águas na Gronelândia afectará principalmente a pesca à linha que capturava na área entre as 3 e as 6 milhas o equivalente a cerca de 45 000 quintais de bacalhau seco.

E na Gronelândia...
—No Gronelândia a pesca de arrastão não será afectada; ao contrário, na Terra Nova o alargamento das águas reservadas à pesca atingirá fundamentalmente a pesca de arrastão que se calcula perderá cerca de 13 % do total das capturas, o que representa 35 000 a 60 000 quintais secos anuais. A diminuição das pescas do arrastão, em virtude do alargamento das águas reservadas à pesca, pode ter muito graves consequências para a indústria, a menos que os «stocks» de peixe aumentem nos bancos. Com efeito, em 1957, 22 arrastões pescaram 616 174 quintais verdes e em 1963, 30 arrastões capturaram 659 962

quintais verdes. O esforço da pesca aumentou imenso.

● O arrasto pela popa — uma interrogação

A uma outra pergunta, obtivemos esta resposta:

—Todos os novos arrastões que estão em construção são de arrasto pela popa. Tal facto não significa, no entanto, que todas as construções futuras sejam desse tipo. Com efeito, ainda não há o recuo de tempo necessário para se poder garantir que a pesca de arrasto pela popa, considerando o seu custo maior do que o da pesca clássica, ofereça melhores condições de rentabilidade do que esta última. Assim, são os armadores que deverão, estudando o problema, optar por navios de pesca pela popa ou pelo lado. Aliás, a própria FAO considera extremamente perigoso pretender impor-se como padrão único um determinado modelo de embarcação ou método de pesca.

E acrescentou:

—Os resultados conseguidos na prática não corresponderam ainda às previsões, podendo citar-se concretamente o caso do único navio francês de arrasto pela popa que, exercendo a sua actividade há mais de três anos, ainda não conseguiu o primeiro lugar naquela frota.

● Um problema económico

acima de tudo

Há que reconhecer — disse-nos — que a situação da pesca portuguesa é completamente diferente da das pescas de todos os países membros da O. C. D. E., desde o Japão e a América do Norte, até aos países membros da E. F. T. A. e do Mercado Comum. Com efeito, de uma forma geral, em todos esses países a pesca é considerada uma actividade que se exerce, sob o aspecto económico, em condições muito semelhantes às da agricultura. Isto é, caracteriza-se por uma rentabilidade muito fraca ou nula e para se poder manter necessita da ajuda directa ou indirecta do Estado.

Assim...
Assim, as obras dos portos, de numerosas instalações em terra, tanto as que se referem ao processamento de peixe como à sua armazenagem, incluindo congelação e frigoríficos e o transporte, são subsidiadas directa ou indirectamente pelo Estado ou pelos municípios ou, em conjunto, por ambos. Toda a estrutura tecnológica e científica, incluindo navios de pesquisas, é suportada pelo Estado e ainda em vários países, como por exemplo na Alemanha e no Japão (e a referência a estes baseia-se em que se trata, com exclusão dos Estados Unidos, dos dois países mais evoluídos industrialmente) são concedidos não só subsídios para a construção e substituição dos navios, mas subsídios directos para manter o preço do peixe. Por outras palavras, pode dizer-se que em toda a parte o problema é manter preços mínimos para o peixe e fornecer à indústria os meios de se renovar, havendo num caso e noutro a ajuda do Estado ou das autarquias locais.

Mas no nosso País...
—No nosso País ainda não se deu a evolução necessária e há muita gente que continua a julgar que a pesca é uma indústria que permite lucros fabulosos e oferece condições excelentes para onerosas tributações. Infelizmente a situação não é essa, mas sim semelhante à dos outros países do Ocidente. Carecemos, assim, de ajuda, tanto como eles. Em alguns casos até, mais, como por exemplo neste da pesca do bacalhau em que os preços tabelados são hoje muito inferiores aos praticados internacionalmente e isto apesar do armamento estrangeiro dispor em numerosos aspectos (e não só em subsídios) de condições muito mais favoráveis do que nós.

...E SURGE UMA CIDADE MARAVILHOSA!

VOCÊ PODE HABITAR NELA
E A SUA CASA PODE SER VERDADEIRAMENTE
SUA!

DESDE 2 À 9 DIVISÕES ASSOALHADAS, COM 1 ATÉ 4 CASAS DE BANHO, ROUPEIROS, DESPENSAS, COZINHAS, ETC., ETC.

ACABAMENTOS FORA DE SÉRIE ● CONSTRUÇÃO EXCEPCIONAL
PANORAMAS MARAVILHOSOS SOBRE O TEJO

PREÇOS DESDE 160.000\$00 a 1.250.000\$00

PAGAMENTOS SUAVES ATÉ 8/ E 25 ANOS

Trate do seu problema habitacional por intermédio
de uma empresa legalmente autorizada

EMPRESA PREDIAL NORTENHA

LISBOA — PRAÇA DA ALEGRIA, 58-2 — TELEFONES 366731-366812
PORTO — PRAÇA D. JOÃO I, 25-1.º — TELEFONES 26706-30181
COIMBRA — AVENIDA FERNAO MAGALHAES, 266-2.º — TELEFONES 27404-27855

ANDAR NOBRE

EM PALÁCIO PARTICULAR, GRANDES SALÕES, VISTA PARA O TEJO, A 5 m. DA BAIXA, PRÓPRIO PARA EMBAIXADAS, LEGAÇÕES E GRANDES COMPANHIAS.

ACEITAM-SE OFERTAS

Chaves: RUA DE SANTA CATARINA, 5

A reconstrução do Teatro D. Maria II

(Continuação da página central)

D. Maria II e suas consequências foi mais um desses casos que nós consideramos não dever passar em claro. O empobrecimento do património nacional, devido a incêndios, não é um caso ímpar na nossa cidade; confirma-o o facto de ter sido agora constituída uma comissão para estudar as medidas a adoptar na salvaguarda do património nacional. O do Teatro Nacional D. Maria II, pelo que esse edifício representa e pelas medidas que imediatamente foram adoptadas e ainda pela sua actualidade, obriga-nos a uma reflexão mais cuidada e justifica esta reunião.

«Foram tomadas disposições para uma reconstrução do edifício anterior»

No próprio dia do incêndio, foram tomadas disposições com vista a uma reconstrução, tanto quanto possível rigorosa, do edifício anterior. O ministro das Obras Públicas distribuiu as necessárias directivas para esse efeito à Direcção-Geral dos Edifícios e dos Monumentos Nacionais, que imediatamente se ocupou do problema da elaboração do projecto e para o qual foi constituída uma equipa de técnicos formada pelo arq. Rebelo Andrade e pelos enqs. Ferry Borges, Manuel Bivar e Saraiva Mximo. A essa Comissão foram ainda dadas directivas que se referem à sua reconstrução segundo a traça primitiva e salvaguarda de tudo o que seja possível para que o teatro volte a ser o que era, modernizado, no entanto, em tudo o que as técnicas do palco aconselham. Estas as directivas emanadas e imediatamente iniciadas na sua concretização.

Em face desta situação e tal como ela se apresenta, sem nos termos, como ponto de discussão, nas medidas que foram adoptadas, creio que se justifica analisar um conjunto de problemas que nos parecem de extrema actualidade e que este acontecimento sugere.

Refiro-me à definição da função de um teatro na sociedade contemporânea e a partir dela à análise das perspectivas a encerrar na reconstrução de um teatro naquele local, isto é, no Rossio. Creio que podemos, como introdução, começar por abordar a evolução do Rossio até os nossos dias.

Relance histórico

SILVA DIAS — O Rossio foi desde há muito o «core» de Lisboa. Foi o teatro dos principais acontecimentos da cidade e foi aí que normalmente se localizaram os edifícios do maior interesse e representatividade de Lisboa.

Anteriormente ao terramoto, o sítio onde hoje se abre o Rossio já constituía um largo, onde se localizavam o Palácio da Inquisição (anteriormente o Paço dos Estaços, edificado para hospedagem de príncipes e embaixadores em 1450), um chafariz, a Igreja de S. Domingos e o Hospital de Todos-os-Santos.

Grandes acontecimentos da vida nacional aí se desenrolaram como a aclamação do Mestre de Avis (autêntico parlamento popular), autos-de-fé, procissões, cavalcadas, touradas, e, nas arcadas do lado nascente, feiras.

O terramoto arrasou o Rossio, que foi reedificado com um espaço sensivelmente semelhante, mas rectangular. O Palácio da Inquisição, também destruído em 1755, foi reedificado e quando da extinção da Inquisição foi aproveitado para diversas instituições públicas.

O Rossio continua a ser o centro da cidade. Grandes acontecimentos aí se sucedem, como por exemplo o casamento de D. João com a Infanta Carlota Joaquina. Nesta altura, em 1807, o Rossio continuava a ser cada vez mais um local de convívio espontâneo, então através da atracção que é constituída pelos botequins e pelos cafés, alguns dos quais tiveram fama, como o Nicola e dos Parras, quando aí se desenhava, durante a Revolução Francesa, uma espécie de resistência intelectual ao invasor.

Tinha ainda um carácter de mercado, que invadia todo o recinto; e é fácil imaginar, possivelmente, o que constituiria de vida, na verdade, o Rossio nesta altura.

Em meados do século XIX o espaço começa a organizar-se de outra maneira. Começam-se a limitar as ruas envolventes, o espaço central é vedado por grades de pedra ligadas por correntes, e em 1845 começa a executar-se o empedrado central. Isto, que pode constituir, digamos, uma introdução de certos elementos que limitam a vida dentro do Rossio, é contrabalançado, porque a Câmara vê-se obrigada a comprar bancos de ferro que coloca à volta do Rossio, o que manifestamente constitui um sintoma da vitalidade que ainda tinha.

Em 1836 um incêndio destrói o Palácio da Inquisição. Simultaneamente chega-se à conclusão de que o Teatro da Rua dos Condes, até então o Teatro Nacional, estava longe de corresponder às necessidades. E Almeida Garrett sugere a construção do teatro no actual local, que veio a ser inaugurado em 1846. O Rossio continuava a ser ainda o espaço comunitário da cidade com maior vida. Os festejos tradicionais na véspera de S. João congregavam populações vindas dos arredores de Lisboa e essa tradição manteve-se durante muito tempo, até ser transferida para a Praça da Figueira. O comércio fixou-se ao longo do rés-do-chão, sobretudo os cafés, um comércio gerador da vida urbana e vida comunitária. Ainda nos fins do século XIX, a estação do Rossio e mais um elemento que vem vitalizar o local. Recentemente, no entanto, o Rossio apresenta sinais de enfraquecimento como espaço urbano. As causas desse enfraquecimento podemos analisá-las mais tarde. Citaremos, no entanto, que a razão desse enfraquecimento terá que ser vista com uma gama muito vasta de implicações que possivelmente se estenderão a todo o conjunto da cidade.

«Um ponto fundamental»

VASSALO ROSA — Este ponto parece-me fundamental e o primeiro a ter em consideração: o da necessidade da revitalização do centro da cidade, agora que se verifica a criação de novos centros noutros pontos da cidade, possivelmente em detrimento do grande «core» referido.

RAFAEL BOTELHO — A falta de vitalização do Rossio resulta da expansão natural da cidade comulativamente com uma certa dificuldade de meios de comunicação que se têm verificado até agora.

Supondo que se a construção da rede do metropolitano, que é recente, tivesse sido concebida de outra maneira e pudesse ser um elemento de ligação de todo o território da cidade, não se limitando a percorrer as grandes vias, poderia contribuir neste momento, e por uma forma que não era difícil, para a convergência da população ao centro. De qualquer maneira, ele já facilita um acesso rápido para as populações que ficam no seu circuito. A vitalização dum centro deste tipo terá necessariamente de fazer-se ainda com uma simultaneidade de existência de organismos de interesse colectivo e presença de população residente. O que acontece normalmente nestes centros urbanos é uma substituição das habitações existentes por instalações, de interesse público, na maioria das vezes com vida apenas diurna, o que dá à noite uma quebra muito grande na presença da população.

«Para se conseguir uma revitalização...»

Para se conseguir uma revitalização do centro não basta facilitá-

de de acessos, é ainda necessária a presença de gente; e a presença de gente que possa utilizá-lo a todas as horas do dia, considerando as horas do próprio lazer e as horas nocturnas. De modo que a presença dum teatro parece-me indispensável para este fim. A presença da população residente contribuiria fortemente para o desenvolvimento dessa vitalização. A renovação que se tem feito na Baixa tem sido essencialmente motivada por razões de acesso; a renovação em Lisboa, que eu saiba, tem sempre como motivo a necessidade de vias de comunicação mais fácil. Não se tem feito uma renovação que tenha por objectivo o saneamento ou a remodelação de uma parte urbana que se encontre desactualizada. Eu suponho que a Baixa irá, numa fase mais favorável à nossa vida económica, ser certamente objecto duma renovação desse tipo, com a reabilitação de tecidos que estão envelhecidos e inadaptados à vida actual. E de supor que isso se venha a verificar, como eu pessoalmente penso, e é de supor que a permanência de órgãos deste tipo tenha uma razão de ser muito grande. Penso também que havia que procurar incidir nessa zona, simultaneamente com a localização do teatro, a de outros órgãos de interesse público.

VASSALO ROSA — Em relação ao conjunto de problemas que focou, desde já se me afigura importante a necessidade de existência desses órgãos vitalizadores e entre eles reconhecemos o papel que para tal deverá e poderá desempenhar um teatro, com as suas exigências e a sua função sócio-cultural na sociedade contemporânea.

A SEGUIR: Exigência de um teatro actual e a sua função sócio-cultural na sociedade contemporânea.

A personalidade e a vida do professor (mestre-escola)

Por mais que nos indignemos por ver a personagem do «mestre-escola» caricaturada no teatro, no cinema e mesmo no romance; por mais que expliquemos tratar-se de um aspecto da revolta contra o pai que se quer destruir, amando-o e respeitá-lo muito, não há nunca fumo sem fogo — e a sátira é demasiado constante. Quantos, mesmo entre nós, se lembram com prazer das suas proezas de alunos zangados ou dos ridículos do pobre Artur, que falhava todas as experiências de física, de Jojo, de quem se contava o número por hora dos seus «Vejam bem!».

Profissão terrível, pela situação em primeiro lugar. De um lado, a secretária, do outro, vinte carteiras, quarenta pares de olhos e de ouvidos inteligentes como o diabo e a quem não passa nada. O menor lapso provoca o riso, a menor falta no quadro faz levantar dez dedos acusadores. Não é maldade, mas desforra contra tanta tinta vermelha e palavras carregadas de censuras. Não é maldade, mas exigência, é preciso ser admirável, porque desejamos admirar e querer-vos mal por não corresponderdes a esta grande expectativa. Desrespeitoso como eu era, quando aluno recuava. Recuei perante o sacrilégio de imaginar o meu professor a lavar-se. É que o professor reveste-se de dignidade. A sua maneira de andar, o seu porte, a sua palavra bem articulada, a sua voz bem timbrada, o ritmo ternário da sua frase, tudo nele respira importância. No princípio, o próprio professor sabe que isso é comédia e depois a sua roupa usada no vestuário para se tornar um homem ao deixar a escola. Depois, com os anos, esquece-se de despir esta túnica de Nessus, consome-se e torna-se no pálio como na cidade, nesta personagem ligeiramente pontificante, agradável, muito respeitável, que todos reconhecem de longe — o professor.

Alguns pensam em defender-se pela integração. É o professor, género chefe escuteiro, camarada para os seus alunos, que fala a sua linguagem e não hesita em se misturar numa partida de futebol. O «É bestialmente catita, o professor», surpreendido na boca de um dos seus rapazes, enche-lhe o coração de alegria. Quem não tem sido tentado por esta popularidade fácil?

Profissão da inteligência

Aos vinte e cinco anos, perante

DIÁRIO escolar

INFORMAÇÕES
COMENTÁRIOS

(Continua na 20.ª página)

da população que se apresenta para esta espécie de exame possa ser mais ou menos a mesma todos os anos (na maioria dos países da Europa entre 15 a 20 por cento), tem havido constante expansão da educação secundária, na maioria dos países da Europa — pelo menos desde o fim da primeira guerra mundial — e esse processo continua aparentemente em evolução. Assim se verifica que, enquanto apenas 5 a 10 por cento de cada grupo etário se apresentaram para os citados exames em 1920, o dobro deste número é registado hoje em dia. Finalmente, tudo que ficou exposto demonstra que a qualidade da educação varia, não somente de professor para professor, e de escola para escola, como é de esperar, mas também em consequência de inúmeros factores sociais que afectam a comunidade inteira. Sabemos, por exemplo, que as vicissitudes da última guerra mundial prejudicaram profundamente os níveis gerais da instrução elementar de todas as crianças das nações em guerra que frequentaram a escola primária durante os anos de beligerância. O grupo que prestou exame em 1950-51 era, provavelmente, inferior nos seus conhecimentos gerais, ao que se graduou em 1938-39 (1). Assim, a conservação dos padrões, embora talvez superficialmente conseguida entre um e os seguintes, nos exames finais dos cursos clássicos, não corresponde à realidade para os períodos longos de tempo ou quando ocorrem mudanças sensíveis no programa educacional, alterando a proporção e a qualidade do grupo acima referido.

Muitos examinadores acreditam sinceramente na existência de um

padrão absoluto, o qual é por eles mantido; na verdade, ajustam os seus padrões ao grupo de provas que corrigem. Esses factores tornam-se, proporcionalmente, mais importantes por suas consequências educacionais e sociais, quando a comunidade multiplica o número de cursos, exames e testes, segundo acontece, desde o fim da guerra, em países como Inglaterra e França nos ramos do ensino técnico. Ocorre, então, que uma proporção muito maior de candidatos entre 15 e 20 anos concorre a maior número de provas, muitas das quais práticas. A equivalência dos padrões é quase impossível de ser mantida e o nível de aprovação ou reprovação depende, simplesmente, do critério de julgamento do examinador, critério esse que, embora competente, não deixa de ser intuitivo.

(1) Conf. Wall, W. D. Education and Mental Health, Harrop & Co, Londres, 1955, pág. 115-7.

A SEGUIR: O conhecimento psicológico e a percepção dos propósitos educacionais.

Provas orais do 2.º ano no Passos Manuel

Começam na próxima segunda-feira as provas orais dos exames do 2.º ano, no Liceu de Passos Manuel.

OS CURSOS

da Telescola

A folha oficial inseriu um diploma que designa por «Curso unificado da telescola», para ser ministrado na telescola e seguido em postos de recepção, o curso formado pelas disciplinas que constituem o ciclo preparatório do ensino técnico profissional, acrescido da de Francês, estabelecido pela Portaria n.º 21 113. Ao mesmo tempo é regulada a concessão do diploma de monitor de posto de recepção do referido curso, sendo revogado o disposto no artigo 3.º da referida portaria.

Caiu da bicicleta e morreu quando se dirigia para o trabalho

LEÍRIA, 29 — O operário vidreiro Hermínio do Amaral, de 27 anos, casado, residente no lugar de Pocariça, freguesia de Maceira, dirigia-se para o trabalho, na fábrica Ivima, da Marinha Grande, montado numa bicicleta, quando, na descida de Vale de Picassinos, próximo daquela vila, devido a uns buracos existentes na estrada, foi cuspidado da máquina e projectado ao pavimento.

O infeliz ficou inanimado, e gravemente ferido, tendo recebido os primeiros socorros na clínica da Marinha Grande, de onde transitou para o hospital desta cidade, onde faleceu algumas horas mais tarde. Deixa um filho menor. A G. N. R., do posto da Marinha Grande, tomou conta da lamentável ocorrência.

Laboratório de Física da Faculdade de Ciências

O sr. dr. José Sarmento de Vasconcelos e Castro, professor catedrático da Faculdade de Ciências de Lisboa, foi nomeado director do Laboratório de Física daquele estabelecimento de ensino superior.

Colégio da Cidadela de Cascais

Tel. 281905

Estrada da Boca do Inferno

EDUCAÇÃO DE RAPAZES

Cursos Infantil, Primário e Liceal

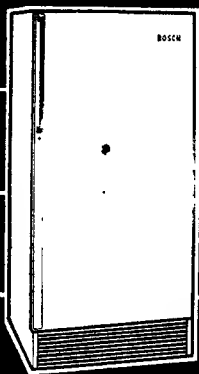
Internato-Semi-Internato-Externato

MARC FLANDRIN

(Cahiers pédagogiques)

Rádio —
Reparadora

Rua da Palma, 179
Frente aos Correios



BOSCH
É BOM

GRANDES
FACILIDADES
de
PAGAMENTO

Boletim do dia

RADIO

EMISSIONA — 1.º programa — 451 m
655 kc/s — As 16 e 30: Noticiário e programa da tarde; 17 e 30: Música ligeira variada; 18: Noticiário; 19 e 20: «Missa de Soberania» e Música de dança; 19: Noticiário regional; 19 e 20: Atenção, Luanda; 19 e 20: Orquestras e coros; 19 e 30: Alegria no Trabalho, programa da F. N. A. T.; 20: Variedades; 20 e 30: Diário sonoro e Boletim Meteorológico; 21: Vamos ouvir Paula Ribas; 21 e 20: 9.º episódio do folhetim «O Senhor de Bembibre»; 21 e 40: Que quer ouvir?; 22 e 30: Noticiário e Boletim meteorológico; 22 e 40: Teatro das comédias: «Tragicomédia Pastoril da Serra da Estrela», de Gil Vicente; 23 e 5: Programa da noite; 0: Noticiário e Programa da noite; 0 e 50: Últimas notícias; 1: Fecho.

2.º programa — 397 m — 755 kc/s
As 16 e 30: Trechos da ópera «Sansão e Dalila», de Saint-Saens; 16 e 58: Resumo do programa; 17: Interrupção; às

18: Música portuguesa: abertura da ópera «Semiramis», de Marcos Portugal; «Sinfonia n.º 1, em mi bemol maior», de Bontempo; prelúdio da cantata «Pátria», de Alfredo Keil, e «Fantasia sobre Temas Populares», de Armando José Fernandes, e «In Memoriam Pedro de Freitas Branco, de Alvaro Cassuto»; 19: O canto e os seus intérpretes, por Maria Helena de Freitas; 20: «Quarteto n.º 1, op. 2», de Zoltan Kodaly; 20 e 40: Folclore do Mundo — Música da Turquia; 21: Noticiário; 21 e 15: Concerto pela Academia de Instrumentistas de Camara: «Amor Industrioso», de Sousa Carvalho, e «Serenata Nocturna, n.º 6», de Mozart; 21 e 45: Intercambio musical: programa da série Obras-Primas da Musica Francesa (em gravações cedidas pela Radiotelevisão francesa); 22 e 15: Música sinfónica: abertura da ópera «La Gazza Ladra», de Rossini, e concerto em dó maior «Köchel», 190, para dois violinos e orquestra, de Mozart; 22 e 58: Resumo do

programa; 23: A Voz do Ocidente; 1 e 15: Fecho.

3.º programa — As 23: Ciclo do baroco italiano: «As Quatro Estações», de Vivaldi; 23 e 30: Musica coral sinfónica, de Brahms, Debussy e Schmith; 0 e 37: Versetos sobre o hino «Ave Maria Stellas» de Titelouze; 0 e 50: Últimas notícias; 1: Fecho.

RADIO CLUBE — As 16 e 30: Portugal a cantar; 17 e 15: Os grandes do Jazz; 17 e 30: Vedetas Yé-Yé; 17 e 45: Noticiário; 17 e 50: Banda de som; 18: Boa tarde; 18 e 15: Folclore; 19: No mundo aconteceu; 19 e 15: Fórmula 1; 19 e 45: Noticiário; 20 e 15: Ritualta; 20 e 30: Jornal dos espetáculos; 20 e 45: Carta de Berlim; 21: Noticiário; 21 e 8: Trompete Mágica; 21 e 15: Festival; 21 e 45: A estrela da noite; 22: O riso é seu; 22 e 10: 45 rotações; 22 e 30: Os grandes da canção; 22 e 45: Trechos de zarzuelas; 23: Ritmo-64; 23 e 45: Noticiário; 0 e 1: Pro-

grama Meia-Noite; 3: Sintonia 63; 6: Boletim meteorológico.

Modulação de frequência — As 16 e 30: Noticiário; 16 e 35: Clube do disco; 17 e 45: Noticiário; 17 e 50: Estrelas em FM; 19 e 14: Em órbita; 19 e 45: Noticiário e Em órbita (continuação); 20 e 2: Boa noite em FM; 21: Noticiário; 21 e 15: Ritmo-64; 22 e 15: Programa a Go-Go; 23 e 11: Estrelas da América; 23 e 30: Conjuntos vocais; 23 e 45: Noticiário; 23 e 53: Um conjunto; 0 e 2: Alta fidelidade; 1: Fecho.

Emissor de Miramar — As 16 e 30: Noticiário; 16 e 35: Vedetas do teclado; 16 e 45: Conjuntos vocais; 17: Clube do disco; 17 e 45: Noticiário; 17 e 50: Solistas; 18: O fado na voz de...; 18 e 15: Orquestras; 18 e 30: Canções românticas; 19: Novos discos; 19 e 15: Canções; 19 e 45: Noticiário; 19 e 53: Conjunto; 20: Rádio placard; 20 e 30: ...dirige o ritmo; 20 e 45: Estrelas da Broadway; 21: Noticiário; 21 e 10: Quem conta um conto...; 21 e 15: No mundo da canção; 21 e 30: Europa musical; 21 e 45: Desfile de estrelas; 22: José Viana em «O riso é seu»; 22 e 15: Ritmos do momento; 22 e 30: Melodias para a sua noite; 22 e 45: Guitarras e fadistas; 23: Clube da Juventude; 23 e 45: Noticiário; 0 e 1: Programa Meia-Noite; 2: Fecho.

RADIO RENASCENÇA — As 18: Páscoa para o lar; 18 e 25: Leitura do boletim religioso; 18 e 30: Terço, bênção e missa, da basílica dos Mártires; 19 e 50: Leitura do programa e Boletim do S. C. R.; 20: Sinfonia da vida; 20 e 15: Música para o seu jantar; 20 e 30: Noticiário; 20 e 55: Meditando; 21: Orquestras; 21 e 15: Gosto, conforto e música; 21 e 30: Na escola de Jesus; 21 e 45: Canções a duas vozes; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Canções modernas; 22 e 45: A esquina do tempo; 23: A 23.ª hora; 2: Encerramento.

Estação do Porto — As 18: Tangos; 18 e 15: Noticiário regional. Boletim de filmes e Boletim religioso; 18 e 30: Terço, bênção e missa, da basílica dos Mártires, em Lisboa; 19 e 50: Resumo do programa, Publicações recebidas e Boletim de filmes; 20: Música para o seu jantar; 20 e 30: Noticiário; 20 e 55: Meditando; 21: Música portuguesa; 21 e 30: Na escola de Jesus; 21 e 45: Trechos de filmes; 22: A música é boa companhia; 22 e 30: Programa de Lisboa; 22 e 45: A esquina do tempo; 23: A 23.ª hora; 2: Encerramento.

RADIO UNIVERSIDADE — As 17 e 1: Abertura; 17 e 5: Coimbra, menina e moça; 17 e 15: Discos pedidos; 17 e 30: Programa de intercambio; 17 e 40: Noticiário; 17 e 50: Último disco; 17 e 55: Fecho.

EMISSIONES ASSOCIADAS — As 16 e 30: Rádio Voz de Lisboa; 17: Rádio Radiofónico de Portugal; 19 e 30: Rádio Peninsular; 22: Rádio Graça.

FARMÁCIAS

TURNO G

(Ver pelos bairros das imediações e telefones entre parêntesis)

AJUDA — Moura, Tr da Memória, 55 (630944) * Biotifar, R. D. João de Castro, 27-B (638824).

ALCANTARA — Bairro, R. Prior do Crato, 25 (661321).

ALMIRANTE REIS — Confinça, Av. Almirante Reis, 46 (42453).

ALVALADE — Zil., Av. da Igreja, 9-D (711780) * Roma, Av. de Roma 85-B (772466) * Celta, R. Moura Girão, 3-B (710621).

AMOREIRAS — Britânica, Tr. da Lágua da Póvoa, 5-B (689250).

ANJOS — Renascença — R. Damasceno Monteiro, 104, A-B (831504).

AREIRO — Garatufa, Av. Padre Manuel da Nóbrega, 5-A-B (727300) * Imperial, Av. Guerra Junqueiro 30-B (726860).

AVENIDAS NOVAS — Alcântara, Av. da República, 74-A (71379) * Vale, Av. Marquês de Tomar, 45-49 (773043) * Dalva, Av. Duque de Ávila, 125 (45225) * S. Sebastião, Largo de S. Sebastião da Pedreira, 1-9 (48642).

BAIRRO DA ENCARNACÃO — Zira, R. J. lote 48 (388172).

BAIXA — Fernandes, R. de S. José, 187 (26476) * Azevedo, Filho, Pr. de D. Pedro IV, 31 (27473).

BENFICA — União, Est. de Benfica, 592-594 (700092) * Alegria, Est. de Benfica, 180-A-B (780511).

CAMÕES — Moz Teixeira, R. Poço dos Negros, 115 (663961).

CAMPO DE OURIQUE — Lobel, R. de Infantaria 16, 98-B (688807) * União, R. Saraiva de Carvalho, 110 (663643).

CAMPOLIDE — Salutar, R. B. n. 75-A-B, Bairro da Liberdade (683894) * Pinto, R. de Campolide, 53-B (682610).

CHARNECA — São Bartolomeu, Quinta dos Balsares de Baixo, Vila Paulo Jorge, 1 (790969).

CONDE REDONDO — Sousa Martins, R. Sousa Martins, 25 (63468).

ESTRELA — Andrade Ribeiro, Av. Infante Santo lote 4, loja B (666971).

ESTEFANIA — Pancada, Lda., Suc. R. Rebelo da Silva, 9 (43340).

GRACA — Ziler, R. de S. Tomé, 54-56 (862835).

LUMIAR — Central do Lumiar, R. do Lumiar, 77 (790480) * Douro, AL das Linhas de Torres, 93-A-B (791131).

MADRAGA — Eduardo A. César, R. das Frinas, 102 (662631).

MOURARIA — J. Ribeiro, Ld., Largo das Orlarias, 33 (864643).

PALHAVA — Canto, Est. das Laranjeiras, 202-B (780841).

PENHA DE FRANÇA — Central da Penha, R. Penha de França, 58-60 (849245) * Vitalis, R. Morais Soares, 66-A (848011).

PICHELEIRA — Luzmar, R. João do Nascimento Costa 16-A (728395-720703).

PRINCIPE REAL — Albano, R. da Escola Politécnica, 59 (26750).

REGO — Baptista, R. Francisco Tomás da Costa, 3-C (717873).

ST. AMARO — Correia de Azevedo, R. Luís de Camões, 48-50 (638625).

DE ST. APOLÓNIA AO BEATO — Freitas, R. Zófimo Pedroso, 11-13 (381136) * Banha, Est. de Chelas, 173-175 (382241) * Frazão, R. da Cruz de St. Apolónia, 90-92 (847019).

CENTRO DE ENFERMAGEM PERMANENTE

Injeções — Tratamentos — Velas — Soros — Oxigénio — Camas articuladas — Ambulância

Telef. PPC 766161

MÉDICO PERMANENTE

CLÍNICA GERAL

CHAMADAS TELEFONICAS 766146

CENTRO AUXILIAR DE SAÚDE

Injeções — Tratamentos — Velas — Soros — Oxigénio — Camas articuladas — Vacinas

Telef. 729456 e 713134

TELEFONES DE SERVIÇOS URGENTES

BOMBEIROS	
Sapadores	322222
Voluntários	538524
AGUA, GAS E ELECTRICIDADE	
Companhia das Águas	361553
Companhias Reunidas	320021
Gazcilda	538821
Gazcilda (dom. e feriados)	382069
POLICIA E G. N. R.	
Segurança Pública	366141
Judiciária	735380
Maritima	326456
Internacional	362721
Viacao e Trânsito	42205
G. N. R. (área rural)	36865

SAÚDE	
Cruz Vermelha	665342
Enfermagem permanente	766161
Hospital de Santa Maria	775171
Hospital de S. José	860131
Sangue, oxigénio e soro	771161
Transfusões, soros e oxigénio	538524

TRANSPORTES	
Aeroporto	721101
Caminhos de ferro (C. P.)	869029
Caminhos de ferro (Estoril)	361121
Estação Fluvial (T. Paço)	325345
Estação Mar. de Alcântara	663195
Estação Marítima da Rocha	672445
Estação Fluvial (Belém)	638531



O CAFÉ QUE SABE A CAFÉ...

VILARINHO & SOBRINHO, L. DA
JANELAS VERDES
LISBOA

DINHEIRO

SI

AUTOMÓVEIS

TELEFONE

4 4 6 0 2

«CONHEÇA A CURIA»

é um bilhete turístico de fim de semana, com todas as despesas incluídas, emitido pela C. P. aos preços de:

200\$00 — 255\$00 — 305\$00

consoante a amplitude dos serviços preferidos.

Peça folheto descritivo e adquira o seu bilhete nas estações de Lisboa (Rossio) ou de Lisboa (Santa Apolónia), nos Despachos Centrais do Caminho de Ferro e nas Agências de Viagens autorizadas.

para os vossos transistores...

DIALUX

a fita de confiança!

TELEVISÃO

Hoje — As 18 e 45, Abertura; 18 e 47, Telejornal; 19, Curso de Adultos; 19 e 25, Educação Física Masculina; 19 e 50, Francês; 20 e 30, Culinária; 21, Telejornal; 21 e 25, Boletim meteorológico; 21 e 35, Agenda da Praça; 21 e 40, TV Motor; 22 e 10, «7.ª Arte»; «Um lugar no Céu», com Ethel Waters e Eddie Anderson; 23 e 45, Telejornal; 23 e 50, Meditação e fecho.

Amanhã — As 18 e 45, Abertura; 18

e 47, Telejornal (edição da tarde); 19, TV Educativa — «Educação Física Feminina»; 19 e 20, TV Educativa — «Arte Portuguesa»; 20, TV Educativa — «Práticas Pedagógicas»; 20 e 30, Um Jovem País de 8000 anos; 20 e 45, «Vamos Jogar no Totobola»; 21, Telejornal (edição da noite); 21 e 25, Boletim Meteorológico; 21 e 35, Agenda da Praça; 21 e 40, Por um Mundo Melhor; 22 e 10, Noite de Teatro — «A Dama Velada» (Intérpretes: Eunice Muñoz e Paulo Renato. Original de Ricardo Alberty); 23 e 5, TV Jazz; 23 e 35, Telejornal (últimas notícias); 23 e 40, Meditação; e 23 e 45, Fecho.

BOLSA DE LISBOA

AS COTAÇÕES DO DIA ANTERIOR

Fundos do Estado	Efec.	Compra	Venda	Comp.ª diversas	Efec.	Compra	Venda
Cons 2 1/2 % 1.10	670\$00	670\$00	674\$00	Cimentos Tejo	—	—	—
Cons 3 % 1.10	738\$00	738\$00	739\$00	Cimentos Leiria	—	—	—
Cons 3 1/2 % T 10	—	845\$00	850\$00	Industrial Alentejo	—	—	—
Centenários 4 % 1940	1.995\$00	1.993\$00	2.000\$00	Portugal e Colónias	—	930\$00	945\$00
Obg. Tes. 1/2 % 1942	—	1.011\$00	—	Nac. de Navegação	—	—	510\$00
Obg. Tes. 2 1/2 % 1943	—	1.011\$00	—	Col. de Navegação	—	4.900\$00	5.000\$00
Obg. Tes. 1/2 % 1944	—	1.011\$00	—	Port. de Celulose	—	980\$00	990\$00
Externo 1.ª série	—	1.240\$00	1.260\$00	Port. de Pesca	237\$00	236\$00	237\$50
Externo 1.ª série car.	—	1.290\$00	—	Port. de Tabacos	—	—	850\$00
Externo 2.ª série	—	1.290\$00	—	Tabacos de Portugal	—	—	1.610\$00
Externo 2.ª série car.	—	1.290\$00	—	Termoelectrica	—	4.020\$00	4.050\$00
Externo 3.ª série	—	1.300\$00	1.315\$00	Aguas Electricidade e Gás	—	—	—
Externo 3.ª série car.	—	1.360\$00	1.370\$00	Aguas Lisboa 1934	—	500\$00	510\$00
Caut. 3.ª série s/1	295\$00	295\$00	300\$00	Aguas Lisboa 1936	—	—	—
				Elect. das Beiras	—	1.770\$00	1.780\$00
Obrigações				Gás e Electricidade	400\$00	400\$00	401\$00
Aguas Lisboa 5 %	—	—	—	H. Alto Alentejo	196\$00	196\$00	197\$00
Norte de Portugal 5 %	—	—	101\$00	H. E. Cávado	—	—	1.255\$00
Gás Elect. 1 1/2 %	—	875\$00	890\$00	H. E. Zêzere	1.350\$00	1.352\$00	1.355\$00
Gás Elect. 1 1/2 %	—	870\$00	880\$00	Nac. de Electricidade	—	—	—
Gás Elect. 4 1/2 %	—	890\$00	900\$00	União Electrica Port.	189\$00	188\$50	189\$00
Gás Elect. 5 %	—	980\$00	—	H. Douro	1.268\$00	1.266\$00	1.269\$00
U. E. P. 3 1/2 %	—	80\$00	—	H. E. S.	—	—	—
U. E. P. 4 % 1945	—	86\$00	—	Sacor	5.800\$00	5.750\$00	6.000\$00
U. E. P. 4 % 1948	—	—	—	F. Invest. Atlântico	—	—	—
U. E. P. 4 1/2 %	—	—	—				
U. E. P. 5 % 1951	—	90\$00	—				
U. E. P. 5 % 1952	—	—	—				
H. do Douro	—	936\$00	940\$00				
H. E. S. Estrela	—	—	—				
C. P. 4 1/2 %	1.019\$00	—	—				
Metropolitano	1.002\$00	1.002\$00	1.003\$00				
Ações							
Bancos							
Alentejo	—	1.400\$00	—				
Angola	—	10.000\$00	10.000\$00				
Espírito Santo	—	—	—				
Lisboa e Açores	—	1.780\$00	1.800\$00				
Portugal	875\$00	873\$00	896\$00				
Ultramarino	57\$50	57\$50	58\$00				
Agricultura	1.000\$00	1.000\$00	1.005\$00				
Credito Predial	—	—	—				
Seguros							
Fidelidade	—	—	335\$00				
Mundial	—	—	—				
Sagres	—	—	—				
Tagus	—	—	—				
Soberana	—	—	—				
C. Ultramarinas							
Ag. Casque	—	665\$00	675\$00				
Ag. das Neves	—	—	—				
Agricultura Colonial	—	81\$00	—				
Açúcar de Angola	840\$00	835\$00	850\$00				
Boror	—	145\$00	147\$00				
Cabinda	—	—	—				
Cáda	2.000\$00	1.950\$00	—				
Col. do Búzi	71\$00	71\$00	72\$00				
Ilha do Príncipe	—	—	—				
Incomati	—	850\$00	—				
Mocambique	62\$00	62\$00	63\$00				
Zambézia	—	41\$00	42\$00				
Diamantes	875\$00	874\$00	876\$00				
Lobito	541\$00	535\$00	542\$00				

BANCO BORGES & IRMÃO



PAISES	COMPRA	VENDA
Africa do Sul	35\$50	37\$50
Alemanha	7\$10	7\$30
América:		
Dólares de 1 e 2	28\$40	28\$70
Dólares de 5 e 1000 ..	28\$60	28\$90
Argentina	\$08	\$14
Austria	1\$10	1\$15
Bélgica	\$57	\$59
Brasil	\$01.3	\$01.8
Canadá	26\$20	26\$70
Dinamarca	4\$05	4\$25
Espanha	\$47.5	\$48.5
Óngoa	\$07	\$09
Francia (N Francos) ..	5\$78	5\$93
Holanda	7\$85	8\$10
Inglat (Libra Isabel)	79\$50	81\$00
Itália	\$04.55	\$04.7
Marrocos	4\$10	4\$90
Noruega	3\$90	4\$10
Suécia	5\$45	5\$75
Suíça	6\$55	6\$70
 <i>Duro:</i>		
Inglaterra (Libra) ..	285\$00	295\$00
Inglaterra	285\$00	295\$00
Portugal barra fino	32\$50	33\$50

CARTAZ DOS CINEMAS



As 3 da tarde (a p. r.) e 9.30 da noite
Uma comédia francesa desenvolvida, mágica, sedutora...

NASCEU PARA SEDUZIR
com Jean Pierre Cassel

Hoje às 18.30 — Terça-feira clássica (M. 17 anos) — **O MILAGRE DE MILÃO e LADROES DE BICICLETAS.**



As 15.15, 18.15 (p. r.) e 21.30 (M. 12 anos)
Novo, emocionante e espectacular

SAFARI NO INFERNO
(Metrocolor)
com Harry Guardino e Shirley Eaton (M. 12 anos)



As 15.30, 18.30 e 21.30 (M. 17 anos)
Um filme importante em Technicolor

LANCELOTE E A SUA DAMA
Uma história temerária, de aventuras e traição
com Cornel Wilde e Dean Wallace



As 15.15 e 21.30 (M. 17 anos)
4.ª SEMANA
Em rigoroso exclusivo da época o filme premiado este ano com 3 "Oscars"

ZORBA, O GREGO



As 15.15, 18.15 e 21.30 (17 anos)

KALY-YUG
A DEUSA DA VINGANÇA
com Paul Yuers e Senta Berger



As 15.15, 18.15 (p. r.) e 21.30
Hercules, o homem mais forte, desafia Moloch, o monstro infernal, num filme pleno de acção...

HERCULES E O MONSTRO
com Gordon Scott e Alessandra Panaro
Euroscope e Eastmancolor
— AR CONDICIONADO —



As 21.15 (M. 12 anos)
UMA ENCANTADORA IDIOTA

OS BARQUEIROS DO VOLGA
AMANHÃ:
O TERROR DOS 7 MARES
FÚRIA NA TERRA PERDIDA



As 21 horas (Adultos)
Telefone 48560
NEGÓCIO A ITALIANA
ESPIÕES EM ACÇÃO



As 15.15 e 21 horas (M. 17 anos)
ASSALTO AO CASINO
OS TÁRTAROS



As 17 e 21.30 horas (M. 17 anos)
EXPRESSO BONGO

com Cliff Richard, Laurence Harvey e Sylvia Syms



TEATROS

VASCO SANTANA — «Ele, ela e os complexos» (17 anos).
VARIEDADES — «O menino da mamã» (17 anos).
VILLARET — «Braço direito, precisa-se» (17 anos).

CINEMAS

PROMOTORA — «Os Tarantos» (17 anos).
OLIMPIA — «Correspondente secreto» (12 anos).
ARCO IRIS — «Resgate sangrento» (12 anos).
JARDIM — «Vamos contar mentiras» (12 anos).
PARIS — «Escandalo na praia» (17 anos).
SALÃO LISBOA — «Heróis sem glória» (12 anos).
CASTANHEIRA — «Fedra» (17 anos).
S. L. BENFICA — «O dinheiro não é tudo» (12 anos).



As 15.15 e 21.30 (M. 12 anos)
6.ª SEMANA
Um filme de aventura, amor e emoção...

Telef. 555134
A CONQUISTA DO OESTE
Carrol Baker, Debbie Reynolds e John Wayne



As 15.30, 18.30 e 21.45 (Adultos)

MISSÃO SUICIDA
Um filme de Sidney Lumet com Henry Fonda



As 15.15, 18.15 (p. r.) e 21.30
Um filme de alto nível de espectáculo apaixonante

AS ARMAS DA VINGANÇA
com John Barrymore e Scilla Gabel
Extraordinárias aventuras de três audaciosos espadachins
Scope (Color) (M. 12 anos)



As 15.15, 18.15 (p. r.) e 21.30
2.ª SEMANA
do admirável filme português

PASSAGEM DE NÍVEL
com Madalena Iglésias, Virgílio Teixeira, Wilma Palmer e outros
Delicioso idílio, com lindas canções (Maiores de 12 anos)



As 15.45 (p. r.) e 21.45 (M. 12 anos)
Novo, emocionante

SAFARI NO INFERNO
com Harry Guardino e Shirley Eaton



As 15.30 e 21.45 (M. 12 anos)

Louis Jourdan, Nicole Courcel, Sylvia Syms e milhares de belas figurantes no espectacular filme colorido

A REBELIÃO DAS ESCRAVAS
A história romancada das antigas virgens de Roma...
— AR CONDICIONADO —

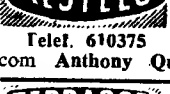


As 15.30 e 21.45 (Adultos)
Emoção e «suspense» na vibrante obra de Helmut Ashley, excepcionalmente interpretada por Magali Noel e Harry Meyen

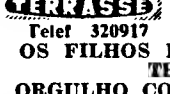
O JOGO DO ASSASSINO
Um filme policial diferente! «AR CONDICIONADO»



As 21.30 (M. 12 anos)
A ESTE DO SUDÃO
com Anthony Quayle e Sylvia Syms



As 15 e 21 horas (M. 12 anos)
OS FILHOS DOS 3 MOSQUETEIROS
ORGULHO CONTRA ORGULHO



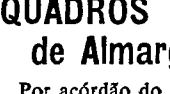
As 21.30 h. (M. 17 anos)
UM NOVO TIPO DE AMOR
O HOMEM QUE ENGANOU A MORTE



QUADROS DE TARIFAS de Almargem do Bispo
Por acórdão do Conselho de Cadastro, foram confirmados os quadros de tarifas da freguesia de Almargem do Bispo, do concelho de Sintra.



LIMPEZA E RESTAURO DE CARPETES
Consulte os serviços técnicos da FABRICA DE TAPEÇARIAS SULTÃO
Pedidos aos escritórios: R. Conde de Redondo, 64, 2.ª, Dir. — Telef. 59288
Orçamentos grátis



AUTOMOTORAS DE FIM-DE-SEMANA PARA O ALGARVE
Comunica-nos a C.P. que no sábado, dia 26, efectuar-se-á novamente a automotora para serviço público, entre Barreiro e Vila Real de Santo António-Guadiana, servindo o ramal de Lagos a partir da estação de Lisboa (Terreiro do Paço) às 13.40 horas, e o regresso no domingo, dia 27, terá lugar às 19.35 horas do apeadeiro de Vila Real de Santo António-Guadiana.

Começa hoje em Luxemburgo a sessão ministerial da União da Europa Ocidental

LUXEMBURGO, 29 — (R.) — A situação confusa na Argélia e a crise do Vietnam devem tornar tensa a atmosfera das conversações a realizar hoje, nesta cidade, pelos altos representantes da União da Europa Ocidental.

A União, que liga a Grã-Bretanha ao Mercado Comum dos «Seis», dedica o primeiro dia da sessão ministerial trimestral a assuntos políticos, e o segundo a assuntos económicos.

O projecto da agenda para hoje inclui, também, as relações entre o Ocidente e o Oriente, a situação em Berlim e provavelmente o actual beco sem saída da República Dominicana.

O delegado francês Michel Habib-Deloncle, secretário do Estado dos Negócios Estrangeiros, discutirá um relatório francês, resumindo os acontecimentos na Argélia relacionados com o golpe de Estado que depôs Ben Bella.

A sessão de hoje, assim como a de amanhã, tem como presidente Pierre Werner, primeiro-ministro e ministro dos Estrangeiros do Luxemburgo.

Os outros ministros dos Estrangeiros que assistem são: Gerhard Schroeder, da Alemanha Ocidental; Amintore Fanfani, da Itália; Paul Henri Spaak, da Bélgica; e Joseph Luns, da Holanda.

O actual cartaz do Monumental

(Continuação da 5.ª página)

tida, considerada como obra de análise social e psicológica do mundo chocante dos prostíbulos. E é, ainda, ao esforço pessoal de Paulo Renato e de Laura Alves que a guma coisa se presente — no choque de sentimentos — para além das palavras gritadas e dos gestos largos.

De citar, ainda, a contensão de Rui de Carvalho, a descontração de Carlos José Teixeira, a correcção de Luís de Campos, em face, por exemplo, do estilo de representação de Alma Flora — no género, aliás, modelar.

Antes de encerrarmos estas breves impressões, uma palavra de aplauso para Pinto de Campos, autor de um cenário tropical que é, sem dúvida, um motivo de agrado e muito sugestivo, do local da acção. Não será original, mas é eficiente.

Em resumo, «O Comprador de Horas» é uma peça com motivos capazes de prender o interesse do publico, mas é, simultaneamente, uma «descolaboração», em que a nota dominante reside no facto de Laura Alves, durante toda a peça, andar a espalhar o seu talento à busca de um encenador que lhe desse a possibilidade de criar uma verdadeira personagem.

M. de A.

Faleceu o famoso trompetista Red Nichols

LAS VEGAS (Nevada), 29 — (R.) — Red Nichols, famoso trompetista da velha guarda e um dos primeiros brancos a conseguir fama como músico de «jazz», faleceu a noite passada vítima de um ataque cardíaco. Tinha 60 anos. Nichols adoeceu no seu hotel nesta cidade, e chegou já morto ao hospital.

Loring («Red») Nichols grangeou fama no mundo do «jazz» entre 1920 e 1939, quando tocou com músicos como Benny Goodman, Tommy Dorsey, Jack Teagarden e Eddie Condon. Após anos de actuações só como trompetista, formou a sua própria orquestra — «Red Nichols and His Five Pennies» — que foi uma das mais famosas da sua época.

A história da vida de Nichols foi filmada em 1959, com o título «The Five Pennies», com Danny Kaye, interpretando o papel do famoso trompetista.

PUBLICAÇÕES

«VIA PORTUGALE»

Está publicado o numero de Junho da «Via Portucale», revista ilustrada das actividades da Companhia Portuguesa Rádio Marconi, de que é director o eng.º Fernando F. Feijó.

Refere-se largamente às comemorações do Dia de S. Gabriel Arcanjo, patrono das Telecomunicações, ao seu concurso, á acção da respectiva Caixa de Previdência, ao festival do Grupo Desportivo, em Vendas Novas, ao funcionamento dos transistores de junção em amplificadores de baixa frequência, e insere «Notas sobre Medicina», do dr. Baeta Neves, «Reflexões sobre Arte», de Baptista Lourenço, etc.

«AO SERVIÇO DA LAVOURA»

Recebemos mais um numero da revista «Ao Serviço da Lavoura», propriedade da Companhia União Fabril, dirigida pelo eng.º agr. Rafael de Medina Monjardino, que inclui colaboração dos engs. agrs. Philippe Mainié, Bernard Villain, e M. Prates Canelas e dos regis. agrs. Eduardo Frago e José Posser de Andrade.

«OLIVA»

Está publicado mais um numero da revista ilustrada de moda e literatura «Oliva», que inclui colaboração de: Alice de Azevedo, Paulo Pombo, Amador Rezende, Sam-

paio, Carlos de Riobom, Clemente Ribeiro, Heitor Campos Monteiro, Jorge Ramos, Amândio Amado Vasconcelos, Marília Loreto Coimbra, Maria Luísa Ryder, Casimiro Mourato, Martha de Mesquita da Câmara, Graciete Salmon, Liliinha Fernandes e Maly Fonseca.

BOLETIM DE CAMARA MUNICIPAL DE SA DA BANDEIRA

Recebemos o numero do boletim da Câmara Municipal de Sá da Bandeira, referente aos primeiros quatro meses deste ano que insere, entre outros, os seguintes trabalhos: «Os cinquentenários de Naulila e da Môngua», por Cristiana Dantas; «Factores de Turismo em Sá da Bandeira», com fotografias do padre Carlos Esterman; e «O chefe da provincia na Huílla».

«AGROS»

A revista «Agros», da Associação dos Estudantes de Agronomia, dedicou um numero especial á «Semana Florestal», que decorreu de 9 a 16 de Junho de 1963. Traz colaboração dos srs.: prof. C. M. Baeta Neves, eng.º silv. Domingos Pereira Machado, prof. J. Vieira Natividade, eng.º silv. J. da Silva Gaio, prof. António M. de Azevedo Gomes, prof. Luís de Seabra, eng.º silv. Feliz Rodrigues, Jorge Brito dos Santos, António Eduardo Carneiro, Firmino da Costa e Manuel P. Ferrelinha.



Chicote RESTAURANTE TURISTICO REGIONAL
P do Areeiro, 3-B — Tel. 720672
COZINHA REGIONAL
JANTAR ESPECIACULO
COM FOLCLORE E FADOS
(Maiores de 12 anos)

Samba RESTAURANTE BAR
Folclore Brasileiro
Todas as noites musica para dançar sempre com atracções
AMANHÃ AO ALMOÇO VERDADEIRA FEIJOADA A BRASILEIRA
R. Duque Palmela, 27-A-Fone 41953 (Maiores de 17 anos)

中國餐廳 RESTAURANTE CHINA
CUISINE CHINOISE
RUA ANDRADE CORVO, 7
TELEF. 49455

CAMÕES... O MAIOR
CAMÕES
RESTAURANTE — SNACK-BAR
... O MELHOR
PRAÇA LUIS DE CAMÕES 45

SUPERMERCADO BÓLIDE
REFEIÇÕES EXPRESSO
A BAIXO PREÇO
AV. DE ROMA, 7-A

RESTAURANTE RESTAURAÇÃO
ALMOÇOS — JANTARES
ALMOÇO E JANTE UMA VEZ E FICARÁ CLIENTE CERIO
VINHO ESPECIAL
Especialidade de Churrasco
RUA 1.ª DE DEZEMBRO 105
Telef. 369495

COZINHA ALENTEJANA
AV DO AEROPORTO, 66
Telef. 727071
SERVICO DE RESTAURANTE NO JARDIM
Servem-se lanches de casamento e banquetes
ENCERRADA AS 2.ª-FEIRAS

«CHEZ FRIMAN»
TRAV DO CORPO SANTO, 27
Telef. 322672
ESPECIALIDADES ALEMAS
ESPECIALIDADES FRANCESAS
ENCERRADO AOS DOMINGOS

TELHEIRO
Restaurante — Churrasqueira
ESPECIALIDADES DA COZINHA REGIONAL PORTUGUESA
Rua Latino Coelho, 10-A-10-B

Café CANAS
RESTAURANTE CERVEJARIA — SNACK BAR
PASTELARIA
R. SARAIVA DE CARVALHO, 145-A — Telef. 67229-666532

OURIVESARIA MOURÃO AGÊNCIA OFICIAL
OMEGA
TISSOT
RUA DA PRATA, 200 — LISBOA
TEL. 32 50 90

No Rotary de Lisboa tomaram hoje posse os novos corpos gerentes

Effectuou-se hoje a reunião semanal do Rotary Club de Lisboa, a qual foi dedicada especialmente à transmissão de poderes aos novos corpos gerentes.

Presidiu o sr. prof. Dias Marques, cujo mandato terminou hoje. A sua direita sentava-se o sr. Rui Climaco, do Rotary Clube de Coimbra, governador cessante do distrito rotário português, e, à esquerda, via-se o sr. José Octávio Vaz, do Clube de Lisboa, novo governador.

A renúncia assistiram, além de muitos rotários visitantes, nacionais e estrangeiros, diversas senhoras. Feita a saudação à bandeira nacional, o sr. dr. Ramos Taborda procedeu à apresentação dos convidados e dos visitantes.

O governador cessante, dr. Rui Climaco, depois de se ter referido à sua acção durante o seu mandato, em que teve a oportunidade de visitar todos os clubes rotários portugueses e alguns de países estrangeiros, designadamente, do Brasil e América do Norte, referiu-se, em termos elogiosos, ao novo governador sr. José Octávio Vaz.

Em seguida, efectuou a aposição do emblema presidencial ao novo governador. O sr. Octávio Vaz usou da palavra para agradecer, e prometeu envidar o melhor do seu esforço em prol da consolidação e expansão dos ideais rotários em Portugal.

No momento próprio, o presidente cessante do Rotary Clube de Lisboa, prof. dr. Dias Marques, fez uma breve alocução, com a qual saudou os governadores cessante e eleito, assegurando a este último a sua convicção de que o Clube de Lisboa lhe dará todo o apoio no exercício das suas funções.

Seguidamente, procedeu à transmissão de poderes à nova direcção, saudando-a na pessoa do respectivo presidente, dr. Carlos Estorninho, a quem impôs o emblema da presidência, cedendo-lhe o lugar que ocupava na mesa de honra. A assistência acolheu o novo presidente dispensando-lhe carinhosa manifestação.

O sr. dr. Carlos Estorninho agradeceu, dirigindo uma saudação a todos os rotários de Lisboa, e des tacando as senhoras que se dignaram comparecer.

A direcção do novo ano rotário é assim constituída: presidente, dr. Carlos Gonçalves Estorninho; vice-presidentes, Charles Simulín, Eduardo Egrejas, dr. Carlos Elias da Costa e prof. dr. Fernando da Cruz Ferreira; secretários, dr. Antero Ramos Taborda e Joaquim Ferreira Queimado; tesoureiros, dr. Dido de Aguiar e Carlos Simões Travassos; directores do protocolo, Wenceslau Alvarez Sarmento, dr. Manuel Alegria e eng.º Manuel Severo Figueiredo Cunha; vogais, dr. Paulo Barbosa Dias da Cruz e Ronald Newstead; e coordenador, eng.º Sérgio Médeiros.

Nova fronteira aberta no Norte

Já aqui havíamos falado sobre os desejos de que fosse aberta a fronteira da Portela do Homem, no distrito de Braga, o único distrito do norte que não possuía fronteira aberta. Agora, devido ao esforço de várias autoridades daquele distrito e da cidade espanhola de Orense, sobretudo, foi resolvido o problema.

Assim a partir de quinta-feira, já por ali se pode transitar como em qualquer outra fronteira. A medida mantém-se até 30 de Setembro, mas espera-se que as autoridades possam vir a resolver o problema de forma a que se mantenha sempre aberta, num futuro próximo. Não será uma medida apenas de interesse para Braga e seu distrito, mas todo o norte beneficiará com esta medida, dada a grande quantidade de espanhóis que visitam agora toda esta região, principalmente das zonas de Vigo, Pontevedra e Coruña, e que irá naturalmente acrescentar-se com os espanhóis da cidade de Orense.

Recepção em honra da Liga dos Combatentes

O cônsul-geral da Inglaterra no Porto oferece amanhã, às 18 horas, na sua residência, na Avenida da Boavista, uma recepção em honra da Liga dos Combatentes da Grande Guerra.

A referida reunião servirá também para festejar a vinda a esta cidade de um grupo de estudantes da Universidade de Santo André, na Escócia, que nos jardins daquela vivenda se exibirão em danças da sua região.

Doença súbita e mortal

No Hospital de Santo António, faleceu esta manhã a sr.ª D. Beatriz de Oliveira Pinto Gonçalves, de 66 anos, viúva, que residia na Travessa de S. Sebastião, 41, a qual fora acometida de doença súbita.

Espectáculos Para esta noite

TEATROS
TEATRO DE BOLSO — As 22: «Jorge Vadín» (17 anos).

GINEMAS
SAO JOAO — As 21 e 45: «As provas do delito» (17 anos).

RIVOLI — As 21 e 30: «Winchester-73» (12 anos).

COLISEU — As 21 e 30: «O mundo nos seus braços» (12 anos).

TRINDADE — As 21 e 30: «Dos fracassos não reza a história» (12 anos).

BATALHA — As 21 e 30: «Dois incorrigíveis teimosos» (12 anos).

AGUIA D'OURO — As 21 e 30: «O cabo de guerra» (17 anos).

CARLOS ALBERTO — As 21 e 15: «Sandokan, o tigre da Malásia» e «Os mistérios de Paris» (12 anos).

OLÍMPIA — As 21 e 30: «Triunfo amargo» e «A grande evasão» (12 anos).

CINEMA DO TERÇO — As 21 e 30: «Três reparigas endiabradas» (17 anos).

VALE FORMOSO — As 21 e 30: «Zorro na corte de Espanha» (12 anos).

Para amanhã à tarde
GINEMAS

RIVOLI — As 15 e 30: «Winchester-73» (12 anos).

S. JOAO — As 15 e 30: «As provas do delito» (17 anos).

TRINDADE — As 15 e 30: «Dos fracassos não reza a história» (17 anos).

BATALHA — As 15 e 30: «Dois incorrigíveis teimosos» (12 anos).

AGUIA D'OURO — As 15 e 30: «O cabo de guerra» (17 anos).

CARLOS ALBERTO — As 15 e 15: «Bravos até ao fim» e «O prisioneiro da cadeia eléctrica» (12 anos).

OLÍMPIA — As 15 e 30: «Sangue do Sul» e «Sangaree» (17 anos).

Faculdade de Engenharia

O sr. dr. António Almeida do Vale foi contratado para o exercício das funções de primeiro-assistente, além do quadro, do 6.º grupo (Eletrotécnica) da Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto.

Três feridos num choque de carros eléctricos

Na Avenida Brasil, na Foz do Douro, deu-se, esta manhã, um choque entre dois carros eléctricos.

No acidente ficaram feridos os srs. Luís da Silva Miranda, de 40 anos, casado, guarda-freio dos S.T. C. P., José Fernando de Jesus Martins, de 20 anos, solteiro, e Carlos do Carmo, de 45 anos, solteiro, ambos serralleiros, que foram socorridos no Hospital de Santo António.

Obras de beneficiação de um bairro

Foram adjudicadas, por 168 300\$, as obras de beneficiação do Bairro de S. João de Deus, em Rebordões, nesta cidade.

Abundância de peixe na lota de Matosinhos

Ontem, na lota de Matosinhos, verificou-se grande abundância de pescada branca e de outras qualidades de peixe.

Hoje, de novo se registou farta abundância. Assim, oito arrastões descarregaram cerca de 40 toneladas de peixe. Abundou a pescada grande e média. A primeira foi vendida entre 30\$00 e 38\$00 e a segunda entre 20\$00 e 28\$00.

Também foi grande a quantidade de chicharro, que foi vendido entre 30 a 40 centavos o quilo.

Outras espécies foram igualmente vendidas a preços acessíveis, como o badejo, a faneca, o goraz e o peixe-espada.

Impedimento de trânsito

Por motivo de obras de instalação de cabos de 66 000 volts, vão ser impedidas ao trânsito de veículos as ruas Direita de Pereiro (entre a Praça Afrânio Peixoto e a Via Marechal Carmona) e da Preciosa (entre a mesma Praça e a Rua de Salazares), pelo espaço de 35 dias, a partir de hoje.

Preso por abuso de confiança

Na Rua da Cerca, foi preso pela P.S.P. Manuel Parrinha, de 23 anos, solteiro, natural de Beja e residente na Rua do Benfornoso, 28, em Lisboa, acusado pela servicial Ana de Jesus Carvalho, de 20 anos, moradora na Rua da Senhora da Luz, 15, de se recusar a entregar-lhe uma importância em dinheiro e diversos objectos de ouro que aquela confiara à sua guarda. O detido confessou o delito, pelo que foi entregue a P.J.

Salvo a tempo

Ontem, ao fim da tarde, o sr. Abel José Marques da Silva, casado, metalúrgico, da Rua da Lomba, 47, e os soldados srs. Alexandre Matos Lamego e José de Sousa Vieira, ambos de 22 anos e do Regimento de Artilharia Pesada n.º 2, surpreenderam, já bastante debriçado para o lado exterior do tabuleiro superior da ponte D. Luís, o sr. Mário Raul da Fonseca, de 38 anos, casado, operário, morador na Rua de D. Nuno Álvares Pereira, em Matosinhos. Conduziram-no para a primeira esquadra, onde aquele declarou andar desgostoso por sua esposa o ter abandonado há cerca de 15 dias, indo para casa dos pais, em Vimioso, Figueira de Castelo Rodrigo, levando consigo 15 mil escudos. Chamado ali um irmão do desesperado, foi com ele para casa.

Ourivesaria Portugal

Compra jóias e pratas cobrindo todos os preços ROSSIO, 121-122

LOTARIAS E JÓIAS CAMPILHO

PRODUTOS NÃO TABELADOS

Variação dos preços praticados, conforme a qualidade e encargo de transporte, segundo dados fornecidos pela Inspecção-Geral das Actividades Económicas HOJE NO PORTO

Produtos	Min.	Máx.
K - quilo - D - dúzia		
Criação		
Coelho morto limpo (K)	28\$00	32\$00
Frango morto limpo (K)	30\$00	33\$00
Galinha morta limpa (K)	30\$00	32\$00
Ovos (D)	10\$50	12\$00
Peixes		
Badejo (K)	26\$00	30\$00
Faneca (K)	8\$50	15\$00
Goraz (K)	8\$50	14\$50
Lulas (K)	10\$00	20\$00
Palmas (K)	9\$00	12\$00
Pescada branca (K)	30\$00	45\$00
Polvo (K)	7\$00	9\$60
Sardinha (K)	6\$50	8\$00
Frutas		
Ameixas (K)	5\$00	10\$00
Azeitona preta (K)	6\$00	7\$00
Bananas (K)	7\$00	11\$00
Cerejas (K)	4\$50	6\$50
Damascos (K)	5\$20	10\$00
Laranjas (K)	5\$00	9\$10
Limões (K)	4\$50	6\$00
Nêspers (K)	5\$00	8\$00
Pera (K)	5\$00	9\$00
Produtos hortícolas		
Alhos (K)	7\$00	10\$00
Batata (K)	1\$30	1\$80
Cebola (K)	1\$20	1\$50
cenouras (K)	3\$50	4\$50
Fenão-verde (K)	3\$50	4\$50
Tomate (K)	2\$00	3\$00

«Caravanas» de jornalistas percorrem a Argélia

(Continuação da 1.ª página)

botte, a quem acusou de descrever «um quadro fantásticamente medonho da actual situação na Argélia», fora preso, antes da sua expulsão ontem.

Julga-se que as autoridades planeiam acção semelhante contra M. Pradines, correspondente permanente de «L'Humanité» em Argel — acrescentou a agência.

PROTESTO DOS JORNALISTAS FRANCESES

Por sua vez, os jornalistas franceses enviados especiais na Argélia, publicaram ontem o seguinte comunicado:

«Ao tomar conhecimento da expulsão do nosso camarada Robert Lambotte, de «L'Humanité», os jornalistas franceses, enviados especiais na Argélia, protestam enérgicamente contra esta medida e contra as que foram tomadas durante os acontecimentos recentes, visando limitar a liberdade de informação e o direito de comunicação entre Argel e o estrangeiro».

«CARAVANAS» DE JORNALISTAS

Entretanto, o Serviço de Imprensa Argelino anunciou que «os responsáveis do ministério da Informação organiza «caravanas» de jornalistas em viagens pelo interior do país». A primeira caravana par-

O 25.º aniversário da Junta Nacional da Marinha Mercante

O sr. comodoro Jerónimo Jorge, presidente da Junta Nacional da Marinha Mercante, esteve hoje, ao fim da manhã, no Ministério da Marinha, a oferecer ao titular da pasta, sr. almirante Fernando de Quintanilha, um exemplar da medalha de bronze mandada cunhar em comemoração do 25.º aniversário da criação daquele organismo.

Durante a cerimónia, a que estiveram presentes outros dirigentes da Junta e numerosos oficiais da Armada, foram também entregues ao ministro da Marinha mais dois exemplares da mesma medalha, destinados aos srs. Presidentes da República e do Conselho.

DESLUSTRAGEM A SECO

Garantia absoluta, igualmente em limpeza a seco com acabamentos por alfaite. Basta ligar a 323422, R. da Prata, 156, s/l (único no género).

tiu hoje de Argel às 9 horas, com destino ao leste do país, e permitirá aos jornalistas estrangeiros, visitar, nomeadamente, as cidades de Setif, Constantina, Annaba e Skikda. Regressará a Argel no próximo dia 1 de Julho.

«BEN BELLA ESTÁ PRESO, MAS ESTÁ BEM»

ROMA, 29 — (F. P.). — «Mesmo que desagrade a alguns, a Argélia não está a ferro e fogo. A situação está tranquila», declarou o embaixador da Argélia em Roma, Tieb Bularuf, ao chegar, ontem à noite, ao aeroporto de Fiumicino, vindo de Argel, via Paris.

Interrogado acerca da sorte de Ben Bella, Bularuf declarou: «Ben Bella está preso, mas está bem: não vejo porque se deva pensar o contrário».

«CONCERTO DE CAÇAROLAS» EM ARGEL

ARGEL, 29 — (F. P.). — Houve, ontem à noite, um «concerto de caçarolas», o primeiro depois da independência, no bairro argelino de «Fort l'Empereur». Nas varandas, cerca de mil pessoas bateram caçarolas e palmas, gritando «slogans» ben bellistas.

Contudo, muitos dos vizinhos, também das varandas, convidavam-nos a calarem-se. A Polícia estava presente, mas não interveio.

Reina a tranquilidade no centro de Argel, como nas noites precedentes.

A questão ortográfica luso-brasileira

(Continuação da 1.ª página)

para que os brasileiros tenham ortografia própria.

Austregésilo de Athayde, recordando que foram baldados os esforços para um acordo ortográfico com Portugal, acentuou:

«Quando estive recentemente em Lisboa, verifiquei que lá é geral a opinião de que o mais aconselhável é cada país adoptar a ortografia conforme a sua tradição, os seus usos e costumes, as suas maneiras de falar ou os seus modos. Mas nos léxicos ou nos dicionários deveria constar a ortografia que cada país usasse, nos vocabulários que escrevessem de maneira diferente. Também foi lembrada a hipótese de incluir o significado diferente. O acordo só se fará, no entanto, em torno de termos tradicionais, cuja ortografia não suscite estranheza alguma».

A PROCLAMAÇÃO DOS PRÉMIOS ÀS MARCHAS POPULARES

No Parque Municipal de Campismo e oferecido pelo sr. general França Borges, houve hoje um almoço dedicado aos colaboradores na organização das marchas populares de 1965 e no qual também tomaram parte alguns vereadores e os componentes da Comissão Municipal do Turismo.

Terminado o almoço, o sr. general França Borges, procedeu à proclamação da classificação das marchas, para o que o júri encarregado da atribuição dos prémios esteve durante a manhã reunido no edifício dos Paços do Concelho.

A CRIANÇA RAPTADA AINDA NÃO APARECEU

A Polícia Judiciária prossegue com as investigações para descobrir o paradeiro da criança raptada no domingo da praia da Cruz Quebrada.

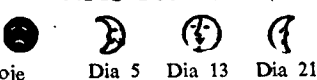
Os pais, Walter Santos e Maria da Conceição, foram interrogados e, esta manhã, a avó do pequeno Helder, foi chamada à sede da corporação para um interrogatório.

O TEMPO QUE FAZ

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ AS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Elvas, 38°; mínima: Figueira de Castelo Rodrigo, 12° 6'.

TEMPERATURAS OBSERVADAS AS 9 HORAS NA COSTA DO SOL — Na atmosfera, 19° 3'; na água do mar, 16° 5'.

SOL  **AMANHÃ:** Nascer às 6 e 15 Ocaso às 21 e 06

FASES DA LUA
 Hoje Dia 5 Dia 13 Dia 21

MARES 

PREIA-MAR — Dia 29 — As 4 e 13 (3,9 m); 16 e 31 (4,2 m). Dia 30 — As 4 e 57 (4 m); 17 e 15 (4,2 m). Dia 1 — As 5 e 46 (3,9 m); 18 e 05 (4,2 m).

BAIXA-MAR — Dia 29 — As 9 e 59 (0,8 m); 22 e 22 (0,7 m). Dia 30 — As 10 e 31 (0,8 m); 23 e 03 (0,7 m). Dia 1 — As 11 e 20 (0,9 m); 23 e 52 (0,8 m).

Juvenil

DOS JOVENS PARA OS JOVENS

O DIA-A-DIA

por José Pedro

Vê-los passar de manhã. Inquietos, com um nervosismo pequeno. E no mesmo ponto vê-los passar ao fim da tarde. No regresso. Não se sabe bem de onde, mas regressam. Parados, mudos, seguros, absorvida a dose de morte que cada dia têm de tomar para se aguentarem. Uma vida que é já morte. Por vezes a dose é exagerada e já não voltam de manhã inquietos, á tarde parados. Conheço-lhes as caras e conheço-lhes os espíritos: são todos iguais. É o que fazem as secretárias, os guichets, os balcões. Precisam de tomar o veneno todos os dias. Mas devagar. Sorvelo deliciosos, já que se tem de beber. «Um bocadinho que não mata ainda...». Um dia estoura-se. Descobre-se que é mesmo veneno. E que a dose, qualquer dose, é mortal e que já não estão vivos. Estupefactos, revela-se-lhes o desconexo dos seus movimentos, o arquejar dos seus dias, o absurdo dos seus instantes. Como não sabiam? Faltava a caveira com as tábias. O homem habituado á etiqueta perdeu o gosto e o que absorve sabe-lhe as palavras, aos sinais, ao convencional. Sabe-lhe a rotina: «é a vida!». É aí que a etiqueta o engana. Descobre de forma brusca. E não resiste ao impacto da novidade. «Por se ter debruçado de mais da ponte de D. Luís...». «Colhido quando atravessava»

(Continua na última página deste suplemento)

OU NEM EU

Eu poderia ter tido o desejo
Não pude
Sonhar aquilo já idealizado
Não sonhei
Prometimentos de futuro torto
Falsificações
Teria julgado bom o não-bom
Nem julguei
Amparado a derrocada de ilusões
Nem o cuidei
Ou chove no estio e não há Primavera
Ou nem há estio nem há chuva
Ou nem há EU
Ou EU é curvas do lápis
Um E
Um U

RUI NUNES PEDROSO

A CIDADE DOS LIBERTADOS

Encontrá-mos defronte da estação e o assobiar do comboio faz-me lembrar a minha fuga. (Maria do Céu não sabia; talvez um dia lho dissesse. Mas também não interessava e eu não pensava nisso). Pará-mos. Olhámos para trás, e de-

(Continua na última página deste suplemento)

Poema

por MARIA DE JESUS VICENTE PEREIRA (15 anos)

Poder atirar longe o soluço duma interrogação
e ser
a rapariguinha de branco a gritar ansiedade
eis toda a verdade de um dia
e o hoje cheio de sol florindo dentro do meu peito

qualquer coisa como o deitar fora
um braço de flores velhas
e um porquê
a vibrar cá por dentro
sonhos esquecidos atirados para um canto

os braços ao alto muito erguidos
e os olhos dilatados
a dizerem coisas

eu
sozinha no meio da praça das árvores esguias
com um pouco de sonho nas mãos
e outro porquê a bailar comigo

ou um céu de caminho desimpedido
fugindo dos meus olhos

Hoje para mim
um pouco de sol
e o brilho
duns olhos famintos
muito puros

CANSAÇO DE HOJE À TARDE

por FERNANDA MANUEL

Amordaça-me. Como se fosse uma gaióva que encontrasse subitamente o mar. Como se de dentro de mim surgissem correntes, e lagos, e sombras velhas que eram mais pequenas que os meus passos, ofendendo a noite

despida de estrelas com os sons surdos que os sapatos produziam no alcatrão derretido.

(...E continuo a detestar este trejeito branco de silêncio, este não ser um barco de longas velas a agarrarem o céu que sou,

este desejo de vozes e de gestos...)

Eles falam de muita coisa — de poemas que nunca lhes fizeram, de lutas ansiosas e desfeitas. Eles falam de chávenas de café quase amargo, de Primaveras sem nenhum sentido, de corpos que já existiam mas que descobriram pela primeira vez. Rio-me, e falo com eles, num riso amordaçado que se esmaga nos azulejos esverdeados das paredes ao tentar perturbar a gravata dum dos meus companheiros de mesa.

Apetecia-me ir lá para fora. Apetecia-me deixá-los, roubar-lhes a vida que me estendem triunfantes. Porque lá fora há essa vida que me negam. Há a verdade dum chapéu sebento e amarrado num velho bêbado que apanha beatas e vende pentes a dois-quinze-tostões. Há o

(Continua na última página deste suplemento)

EVASÃO TRIUNFANTE

por José Antunes Ribeiro

Acordei hoje com uma ideia feliz: «Não vou ao escritório». Isto significa que hoje não estarei preso a numeros e a apitos burocráticos.

E muito sinceramente apetece-me andar, viver. Sai cedo para a rua. Necessitava de ar puro. Este ar puro da manhã lembra-me sempre a esperança.

— «Deseja alguma coisa?!»

— «Um copo de leite.»

— «Olhe, desculpe... vem para estudar? Não se pode estudar aqui. São ordens do patrão...»

— «Não quero o copo de leite. O raio que os parta... Bem, o senhor não é deles...»

E sai, irritado. Andei velozmente. Cruzei-me com muitas caras desconhecidas. E também com muitos mendigos. Não sou feliz porque há mendigos. Eu também mendigo a esperança... Ando de porta em porta á procura da alegria.

Hei-de continuar...

Uma vez dei esmola a um cego. Mas quando a moeda retiniu dentro da caixa fiquei triste e pensativo... Deve ser muito tris-

te ouvir cair a moeda dentro da caixa! Ah, não me digam que não é triste. Eu vejo tristeza na cara de todos os mendigos...

A vida podia ser bela. Poderíamos ser felizes. Mas não posso. Ando de esquina em esquina com todos os mendigos da esmola e da esperança.

Apesar de tudo queria erguer um hino á vida e á felicidade.

(Continua na página seguinte)

Paisagem

Neste país
De oliveiras e laranjeiras,
Sobreiros e casas rasteiras,
De quando em quando
A silhueta colonial de uma palmeira...
Com seu murmúrio deslocado
E os olhos amarelos das tâmaras
Mirando de lado,
Um velho palacete arruinado.

Maria Flor

TERÇA-FEIRA QUATRO PÁGINAS INDEPENDENTES PARA DESTACAR DESTA EDIÇÃO



A M O R

— Que fica aí fora a fazer?
— Posso sentar-me?
— Por que não?... Olhe, essa mola: o assento está podre.
— Isto tudo é seu?
— Só o ambiente me pertence.
— Também gosto disto assim...
— Gosto da chuva...
— Eu, não. Mas pertence-me!
— Vou passar para o assento de trás. Aqui o tejadilho pinga.
— Os espelhos são úteis.
— Que estava a dizer?
— Que devo aproveitar tudo o que há de bom neste carro inútil.
— Não compreendo...
— Quero dizer que foi bom você ter ido aí para trás. Assim posso utilizar o retrovisor. Não necessitarei voltar a cabeça para a ver.
— Você ficou triste...
— Apenas penso que seria criminoso desprezar-se o retrovisor.
— Ainda bem... Simpatizo consigo!
— Você hoje está bela!...
— Porque diz «hoje»? É a primeira vez que me vê!
— Não sei... Parece-me que já a conheço há muito...
— E, todavia...
— ...Sim, é a primeira vez que a vejo. Mas quando nos cansamos a pensar... bem, você compreende, familiarizamo-nos...
— Está bem. Entre no fogo.
— Obrigado.
— Que queres que eu faça?
— Nada. Continuar nessa posição. Gosto desses teus olhos verdes encaixados no retângulo do espelho. Porque os arregalas tanto? Assustaste-te?
— Tu, assustares-me? Quero apenas ouvir-te falar.
— Ficavas mais bela com sardas...
— Porque agora as sardas?
— Não vês como o espelho é velho e está pontilhado de ferrugem?
— E agora assim?, que te parece?
— Ora! não te vejo.
— Não gosto de sardas. Nem tão-pouco falsas.
— Vamos, volta ao espelho.
— Pronto! Achas que a chuva vai parar?
— Sim... Deve parar. Se isso não acontecesse não poderia começar outra. E há sempre outras chuvas... Insisto que ficavas melhor com sardas!
— Como me pensavas tu? Gostava de saber...
— Nunca viste os raios do Sol passando por entre a folhagem, de manhã, e quando há uma neblina azulada? Quando parece não existir o solo, e as árvores e o verde estão envoltos num halo irreal? Eu via-te surgindo lá ao longe, como que dissolvida na névoa... aproximavas-te pouco a pouco, suavemente... quando te tornavas precisa eu tentava tocar-te... mas nunca o con-

segui... nessa altura já havia luz a mais, já existia a relva sem orvalho, tudo era já real... Devia ser assim que eu te pensava, não? E eras tão bela!
— E agora?
— Estás melhor. Mas faltam-te as sardas...
— Ora! Estás a exagerar.
— Não exagero, não. Palavra!
— Compreendo...
— Que compreendes tu?...
— Que exageres...
— ...Mas não! Juro-te que não...
— Antes eu parecia-te menos bela porque o ambiente que criavas também era belo. Agora, não... saliento-me. Dentro desta carcassa ferrugenta... numa planície abandonada a um cemitério de automóveis... rodeada de coisas feias e duras...
— Para! Isso não... por favor! Isto não é ferro-velho... não blasfemes... Ajuda-me! Vê... repara... não há fealdade... Não vês em tudo isto uma escultura moderna em ferro? e grandiosa, não é?... Nem há dureza... não crês que eu teria sido capaz de moldar estas formas? Vá... responde-me!
— Não sei... Talvez...
— Talvez? Não tens a certeza?
— Espera! Deixa-me pensar... Não sabia que eras escultor... por favor, acalmate!
— Não tens a certeza... Sim, devo ter-me enganado... enganei-me, certamente... é pena, não é?
— Mas não... Tu tens razão. Compreendes... eu... eu ainda não tinha reparado bem... Tens de me dar tempo para eu aprender a amar a tua escultura!
— Quando tu chegaste... tinha acabado de conseguir isso... estava a contemplá-la... É pena...
— Ouve-me!...
— Não chores... Acabaria por saber, mais cedo ou mais tarde...
— Não... não... Enganei-me!
— Queres que eu acredite?
— Quero! Muito...
— Só se não chorares mais... Sim?
— Acreditas?!
— Mas limpa as lágrimas, vá! Isso! Claro que tens razão. Não pode ser outra coisa. Sou estúpido e tolo, não sou?
— Você é bom!...
— As vezes...
— Vou-me embora...
— Para onde vai?
— Vou vê-lo de longe... e fugir.
— Aproveitarei o tempo que me resta... Já não chove. Daqui a pouco o guarda sairá da barraca de madeira. Virá dar uma volta por aqui e escurará-me-d... Entretanto, fico a olhar...
— ...Para a escultura, não é?
— Sim... Para a escultura.
— Obrigada...
ARAÚJO CALÇADA



CABEÇA — de Henrique Neves

Poema

Zangaste-te comigo.
Não faz mal, amigo, não faz mal!
Seguirei sozinho como sempre,
não faz mal.
Que não te faça pensar
o meu correr por ruas de miséria e sujidade,
o meu resvalar em cascas de laranja que já ninguém quer.

Não faz mal, amigo.
Já não me magoa.
Que por um leve sopro da minha lembrança
não percas os teus sonhos azuis
repletos de deusas que te criam desejos nos dedos.
Zangaste-te comigo.
Não faz mal, amigo.
Já passou.
Não tem importância.
Eu também sonharei com copos de whisky
à mistura com risos e beijos furtivos.
E saberei também que ao acordar
o telefone branco continuará terrivelmente calado.
Mas não faz mal, amigo.
Já não tem importância.
Zangaste-te comigo.

SABRINA

DIVAGAÇÃO

Por Maria Helena M.

É uma manhã encoberta, de um cinzento pálido, bafiento e irrespirável. Lá fora a vida decorre.
Sentada, no meu quarto, na minha mesa de estudo, a duas horas de um exame, deixo o pensamento correr... Acabei de rever a matéria. Há meia dúzia de coisas que não sei e que necessitam uma revisão, mas estou saturada de estudo, deste estudo de dia de exame, seguido e de arranque. Por mais que tente não me consigo concentrar nestes últimos minutos que tenho para aprender meia dúzia de coisas. E os minutos voam, e o exame aproxima-se. É preciso manter a nota, «— Não se pode baixar a nota, meninas». Voz que me graniza das cavernas do silêncio. A nota, a nota, só a nota. Basta, já me criaram o complexo da nota. «— A menina tem que ser a melhor, tem que tirar a nota mais alta». Psicose que antecede o exame, enervamento prévio e infrutífero.
Dentro da medida do real e do importante que papel desempenha a nota? Misera gota de espuma escarrapachada numa pauta que uma esponja absorverá!...
A nota, o meu complexo, o enervamento, a saturação, o desperdício do último momento... É a mais!...
Vou-me embora. Bato com a porta. Saio para a rua... em direcção ao cinzento-pálido.

MARIA HELENA M.

EVASÃO TRIUNFANTE

(Continuação da página anterior)

Aqui mesmo em frente, o sol espelha-se no lago. Há cisnes e barcos. Há árvores verdejantes. Há flores. Há mulheres que trazem o mistério da vida dentro de si. Há amizades sinceras. Há fraternidade nalguns corações. Há crianças gaiatas com cantos de esperança nos olhos. Há vida á nossa volta...
Este é o meu hino da madrugada e da alegria. Queria gritá-lo em todas as manhãs. Queria levá-lo comigo e atirá-lo aos desconhecidos que passam ao largo. Aleluia! A vida tem aleluias!
★
«Todavia, meu amigo, não podes cantar a esperança e a alegria. Vai ao espelho e contempla-te... Tens tempestades de sangue nos olhos...»
★
«Concordo, irmão. Eu sou aquele que tem tempestades de sangue nos olhos... Mas ao menos o sorriso gaiato das crianças, o símbolo do futuro radioso, ergue-se para a madrugada e para a esperança...»

JOSÉ ANTUNES RIBEIRO

A C A R T A D A S E M A N A

Há muito que pensei enviar os meus versos ao Juvenil. Julguei encontrar assim um pouco de eco à minha voz... O tempo passou sem que me resolvesse. Hoje, achei que não perderia se o fizesse. E aqui estou com os meus poemas pedindo a vossa crítica sincera. Acho que devo dizer-vos francamente o que penso sobre crítica. Só assim serei verdade, aquela que procuro em tudo e em todos, na vida que vivemos dia a dia.
Gosto dos meus versos, já que ao surgirem, eles são o

palpável da minha existência. Tudo o que disserem não abalará em nada a evasão que tentarei sempre, através deles. Criar para mim é necessidade, é viver, e já que existo, criarei o que me é dado concretizar na pobreza que sou e jamais deixarei de ser. Sei que sou pobre mas amo a pobreza que me descobri; sei que nada sou, mas quero ser aquilo que sou, só porque ao sê-lo, sou só cada vez mais... Confio no que me disserem e quero que afirmem conscientes da verdade que vivem. Mas se

acharem que devo calar um desejo pobre vivido, eu gritarei mais alto que permanecerei no caminho escolhido!
Desculpem-se se me afirmo de uma forma que poderá chocar. Não sei a quem falo e ao falar, procuro sempre traduzir por palavras, realidades sentidas.
A poesia aconteceu há pouco mais de ano e meio. Surgiu, sem que a chamasse — nunca pensei que viria! — mas ao surgir, não quis deixá-la partir sozinho. Amei-a!
Tenho 20 anos. No próximo ano lectivo terminarei a minha

licenciatura em Ciências Matemáticas embora pudesse conquistá-la já este ano. Porque a dor virou na minha vida e, só por ser humana, não conseguirei vencer-me, de tal forma a permanecer no ritmo que acompanhava até então. Sou pouco culta e conheço a falha que me advém desse pormenor. Procurarei apagá-la com o tempo pois considero-o insuperável.
Estou a escrever sem ainda ter escolhido entre todos, os poemas que enviarei. Serão uns cem e torna-se-me difícil seleccionar os que valerão a

pena dar a ler. A objectividade foge na vibração do meu corpo!... Procurarei libertar-me e prometo ser leal na escolha. Conto convosco.
Será que só pretendo compreender e consolação ao aproximar-me de vós? Seria exigido calar em mim o desejo de ter alguém a meu lado como incentivo? Não sei. Na incerteza optei pela procura e aqui estou. Obrigada pelo carinho que me dispensarão.
A certeza do reconhecimento da sempre
MARIA MARGARIDA



PÁGINA 2

29 JUNHO — 1965

QUATRO PÁGINAS INDEPENDENTES

Juvenil

RECEPÇÃO

CRÍTICA A TRABALHOS RECEBIDOS

por MÁRIO CASTRIM

- Não é preciso dactilografar os trabalhos.
- Fiquem sempre com uma cópia da colaboração enviada.
- Não desenvolvemos originais.
- Não atiramos um único original para o cesto dos papéis.
- TODOS os trabalhos serão apreciados.

SABRINA — Acho que sim, acho que pode continuar a escrever-me. Gostei muito de conhecê-la. Palavra. Quanto aos seus versos, depósito esperança neles. Mas atenção: não se diz em verso como se diz em prosa. A prosa explica, a poesia explode. Repare no final do poema «Canção: deixando transparecer nesses loucos instantes/todo o ritmo e o anseio do seu corpo jovem». Isto não é linguagem poética. «Amor» será publicado.

MARIA FLOR MARTINS ALVES (Santarém) — Estou na presença dum poeta. Viva! Poder de observação, capacidade para captar o pormenor significativo (e é isto, afinal, a Arte...) e alguma ciência já no levantamento do poema. Publicaremos «Paisagem» e «Invocação». Promete que vai escrever-nos mais vezes, não é?

JOSE PACHECO PEREIRA (Porto) — Estou muito céptico quanto à validade do seu poema «Poemeta concretista: As prístimas e vastas cavélias/de tons epilépticos meretrizes confeitos/baratai verdúculos papéris zeos retentais consúcios».

Estas «habilidades» não servirão antes para esconder, ou para empobrecer uma real capacidade? Falar-se-á em música. Ora, ora, meu caro! Em poesia a música está dentro das palavras.

Publicaremos «Mito». Volte a escrever-me. De qualquer modo, não se deixe influenciar pelas minhas observações. Se as suas experiências o entusiasmassem, continue com elas.

JOAQUIM MARIA PALMINHA SILVA (Évora) — Sim, realmente o «Juvenil» não revelou um único dramaturgo. Mas não perdemos as esperanças, claro. A peça que nos mandou é demasiado longa para o espaço de que dispomos. O máximo a que podemos ir é qualquer coisa como três mil palavras.

RICARDO VERÍSSIMO — A sua poesia está a ficar retórica. Quer dizer: está a ficar inócua. O melhor poema é o «Sexto» — exactamente porque nele não quis dizer nada de «importante».

L. OLIVEIRA SEBASTIAO (Paço de Arcos) — Continua a explicar muito. A sua poesia continua a não ter uma razão de ser. São mais exercícios que outra coisa.

J. C. (Grândola) — Os poemas que enviou revelam, na verdade, algumas debilidades. Mas aqui e ali a poesia bateu a porta. E tem o sentido do ritmo. Onde há música, a poesia não vem longe. Precisa de ler, de conviver com os poetas. Pois é, o «Curso de Formação Agrícola» que você frequentava, não tem português. Absurdo! Assim se despreza uma tão grande riqueza nossa, fundamental riqueza.

PAULO DA CUNHA LEAO (Porto) — Notável o seu sentido do humor. Como deve calcular, e para não ferir susceptibilidades, não podemos publicar os seus versos. Se reincidir, mande os poemas.

M. P. F. L. — É deveras notável a sua facilidade de redigir. Mas olhe que às vezes a facilidade é irmã gêmea da futilidade. Não se concebe um gracilano

Ramos fácil, por exemplo. Fôlegos curtos dão para nos mantermos à superfície, mas não para mergulhos ao fundo do mar. Cuidado, minha amiga, fuja à tentação do fácil, do bonito, do «literário». Um exercício: procure, de vez em quando, escrever sem utilizar adjetivos. Faz bem aos músculos.

MARIA RAQUEL — «Gosto de toda a gente/E porquê?/Porque sou nova/e compreendo agora a vida...» Ótimo. Está portanto em óptimas condições para nos dar poesia. Com a condição de fugir ao convencionalismo, ao que já está dito, ao que não é autêntico. Monte a sua própria indústria. Como? Utilizando os seus materiais, escolhendo os mais significativos.

J. M. F. (Algés) — Seus poemas de amor não encontraram as palavras e os silêncios adequados. Lembra-me aqueles pássaros domesticados. Não duvido da força dos seus sentimentos, mas os versos não exprimem essa força.

M. J. GONÇALVES FERNANDES — Que voz artificial, esta sua que oigo agora! Versos cheios de tiques, de amaneiramentos... A água corrente rodeia as pedras e segue para diante (a imagem é de Bernardim, mas serve-me). A poesia não. Estaca e não há quem a convença... «Noite-promessa»... «Céu-mar»... «De-dos-fluir»... «Lábios-brasos»... «Tardes-ecos»... «Esquinas-dor»... Isto fatiga, meu caro, não lhe parece? Mal vai quando as palavras, para dar vida, não correm. Porque só então haverá poesia.

A. GOMES TAVARES (Sacavém) — Mentira. Não pede nada a morte. Nem depressa, nem de vagar. Confesse... Quando o menino mente, a mamã castiga. A mamã isto é, a poesia.

MARIA GABRIELA PEDRO (Almada) — Voz com muita originalidade é a sua. É com uma comovente humanidade. Algumas debilidades? Sim, especialmente no fim. Não pode sustentar o ritmo. Falta de experiência, deixe. Vamos publicar «Poema».

T. MARQUES — A fase que atravessa é propícia à poesia se souber — e quiser — libertar-se dela. Repare que nos poemas e na narrativa bate sempre a mesma tecla: «Não me compreendem, dizem que sou criança...» E não diga «Ódio a vida»... «Ódio a todos»... UM POETA NUNCA DIZ ISSO! Volte a escrever-me. Um poeta — não esqueça — só pode ser amado pelas pessoas se ele próprio amar as pessoas e souber exprimir esse amor. Como vê, não há segredo nenhum!

EURICO FERNANDES — Sua narrativa «Sol e toiros» não tem interesse. Não revela nada. Sou muito amigo dos toiros, mas... negócios à parte.

MARGARIDA P. ALVES — Vamos procurar satisfazer o seu pedido. Entretanto, envie-nos outros poemas.

LEOP (Coimbra) — O conto é tão frágil, na sua parte final! Com que então aquilo tudo foi por causa da morte da mãezinha? Po-

bre rapaz! Literariamente, não é desprovido de qualidades. Mas assim... com matéria tão inconsistente...

L. P. P. B. (Sintra) — Deixe-se de invenções. A arte é uma necessidade, não uma brincadeira gratuita. Nada do que escreveu corresponde a uma experiência. É tudo falso. O seu caminho tem de ser refeito a partir do princípio.

A. CARVALHO (Coimbra) — O conto «Olhar de vento fresco num dia de Sol quente», não pode ser publicado, exactamente por isso, por ser muito «fresco...»! Literariamente, há uma ostentação desnecessária, e uma certa confusão. No início, especialmente. Escreva.

CLAUDIO DOS ANJOS (Coimbra) — Os poemas são muito retóricos, muito «literários», fabricados. Salva-se um pouco o que principia «chamavas-te Maesa...». Oitava de o ver mais descontraído, mais natural. Poderá ser?

MARIA ADELAIDE — Que longa ausência! Bem-vinda! Claro que sim, leio o livro, oxalá mereça publicação. Escreva. Sabe que muitos leitores perguntaram por você? E eu ia dizendo: «A Adelaide voltará...».

F. C. S. (Portimão) — Por enquanto ainda não aconteceu poesia, muito embora seja nítida a sua facilidade em versejar. Tem de ler muito. Isso é importante.

A. CARVALHO (Coimbra) — O Sinto-o aí mais à vontade. Lute, no entanto, por se libertar do peso das palavras e por uma mais convincente apreensão do real.

NADY (Coimbra) — O seu pior inimigo é a facilidade e um certo pendor para o discursivo, para enlevar-se nas próprias palavras — que por vezes a atraíam. Cuidado! Não há pior silêncio que o silêncio das muitas palavras.

HERNANI DE MATOS (Estremoz) — Falta unidade aos seus poemas. Dentro do mesmo poema acontecem coisas boas e coisas desastrosas. Volte a escrever-me. E leia, leia muito. E viva bem a vida que o rodeia. Talvez seja isso que falta aos seus versos: serem da Terra, serem daí.

MARIA DE FATIMA OLIVEIRA CABRAL — Estes poemas não representam melhoria em relação aos primeiros. Parecem-me, até, em alguns pontos, mais desleixados, mais confusos. «Auto sugestão de Paz» começa tão bem e acaba tão frouxo... Alguns dos seus poemas dão-me a impressão de que não está praticando desporto de competição, de que está fazendo ginástica. De qualquer modo, continue a escrever e a mandar-me os seus poemas.

JOSÉ PEDRO — Frases curtas, ágeis, nervosas. Inegável ciência. Pendor para a ficção? Para o ensaio? O futuro o dirá. Vamos publicar a narrativa «O Dia-a-dia».

ARAÚJO CALÇADA (Coimbra) — Mais poema do que história, «Amor» revela qualidades literárias que eu gostaria de ver aproveitadas com mais rigor. Será publicado. E o teatro? Porque não tenta?

Com dois sopros, o mendigo ateou a fogueira que lhe iluminou de vermelho incandescente o rosto barbado, donde os olhos emergiam faiscantes como se uma luz vivíssima se tivesse acendido nos miolos. A lenha seca deu vários estalidos, a chama hesitou, lambou os gravetos e começou a devorá-los sófregamente. O mendigo pousou algumas cavacas sobre as labaredas e limpou as calças remendadas as mãos sujas de poeira.

O vento uivava ali perto na ramagem das árvores escuras, cujas folhas pareciam andar num vaivém espasmódico, e revolteava a fogueira em todos os sentidos.

Sondando o fundo dos bolsos até encontrar uma ponta de cigarro já muito usada, o velho extraiu um tico do meio do fogo e aproximou-o rapidamente dos lábios a fim de evitar que o bigode se chamuscasse demasiado.

A sacola jazia na restolho, inutil, vazia, esburacada. Ele

~~~~~



não importa o esforço mental

**Fosforo Ferrero**

ALIMENTO ESPECÍFICO DO CÉREBRO E DOS NERVOS

conserva o pensamento ágil, desperta e evita o cansaço cerebral, mantendo o organismo na plenitude das suas faculdades físicas e intelectuais

A VENDA NAS FARMACIAS

olhou-a de relance. Suspirou. Uma baforada violenta de fumo saiu-lhe da boca e a ponta de cigarro foi cuspidada para cima das brasas onde rechinou devido à humidade. Uma praga de enfado. Colocou os cotovelos sobre os joelhos nus, apoiando a cara na palma das mãos, na atitude esfingica de uma fera que aguarda paciente a chegada da presa. Uma presa inexistente, invisível, que apenas movimentava o cérebro e o dirigia para lugares intoleráveis. Ou talvez fosse o sono. Respiro fundo, o mendigo. E mergulhou nos pensamentos de sempre... Era tão bom equivocar-se aos outros, viver, enfim, arrancar à existência os nadinhas que formam o bolo apetitoso da indiferença conformada! Se ao menos houvesse alguém na terra que o aceitasse na sua totalidade repugnante, a sua máezinha por exemplo... Decerto nem precisaria de mais nada para sentir na decrepitude a reposição da infância que tantos inconscientemente procuram à custa das maiores artimanhas e esforços em vão. Mas afinal, examinando bem as coisas, lá no amago, o mundo é um labirinto excessivamente complexo para que as pessoas insaciáveis nele obtenham tudo quanto ambicionam.

O mendigo praguejou novamente. Um estalido atirou-lhe uma fagulha ao pé do calço.

Era isso mesmo, pois claro: ninguém anda contente cá em baixo por mais facetas prodígas que a sorte apresente. Vendo com olhos de gente crescida, todos eram pedintes esfomeados, vagueando num mar de correntes diversas sem nunca atingir a meta infinita a que tendem apesar da ignorância. E no entanto, havia muitos possuidores de carros luxuosos debulhados a ouro e prata, muitos eram nobres, banqueiros, magnates de petróleo, muitos guardavam extensas propriedades nos continentes longínquos, passavam meses seguidos ao sol nas idílicas praias do Mediterrâneo. O mendigo não...

Residia nisto a única diferença possível que, aliás o não distanciava substancialmente deles, pois no fim de contas se debatiam todos na mesma ânsia de satisfação. Todos se arrastam de igual forma, hoje decaídos pelas bofetadas intrínsecas das intempéries, amanhã eufóricos, movidos por assomos irregulares de bonomia e quietude. Todos brilham como sóis nesta bola rugosa do mundo em que cada um personifica uma determinada pedra preciosa que rutila de acordo com a bitola dos seus anseios, formando um conjunto tão lindo e tão colorido, tão lindo... e colorido... tão lindo... que... Sim... pequenos sóis a cintilar, a piscar os olhos... assim...

As pálpebras cerravam-se definitivamente e o mendigo começou a risonhar, possuindo tudo o que imaginava, enquanto um moscardo agourento lhe traçava espirais sobre a cabeça desgredada.

~~~~~

Em ALCOBAÇA é nosso agente distribuidor a firma JOSÉ NARCISO DA COSTA, SUC., Praça Dr. Oliveira Salazar, 54.

Juvenil QUATRO PÁGINAS INDEPENDENTES

PÁGINA 3

29 JUNHO - 1965



A CIDADE DOS LIBERTADOS

(Continuação da 1.ª página
deste suplemento)

pois continuámos a andar. Lá Viam-se algumas casas e a cha-
ao fundo era Vila do Conde. miné alta de uma fábrica. Dei-

António Degóis Pereira

Poema

parada
para além do mundo dos outros,
lateja-me no peito
esta vontade
esta vontade
que raiva...
esta vontade

(a felicidade
é uma grande comporta
de betão armado
e pernas a tremer,
e os outros
unicamente
os vidros
da janela
do laboratório
das minhas experiências
negativas)

no Largo da Renovação
a renovação desta verdade:
o meu casaco
é impotente
esta vontade
é maior
que todos os casacos
do «Mundo dos Outros»
os que não compreendem
o frenesi da minha mão
o aço das núvens
do meu céu...

(ah, esta vontade
esta qualquer coisa
que não me cabe no peito)

e os meninos que brincam
os meninos sujos
que brincam no chão
que bebem no charco
e que só são meninos
porque lhes vejo o sexo nu,
são os companheiros
os trágicos companheiros
de olhos

azuis
verdes
amarelos
de rosas desfolhadas
das rosas desfolhadas
que sinto
na boca.

que raiva
sentir
felicidade
que raiva
sentir
grades
no meu vestido
bonito
de há pouco...

só quero
no «Meu Mundo»
meninos da rua
meninos
que brinquem
num charco,
num charco
sem grades
meninos com asas
que saibam
voar
até ao aço
das núvens
do meu céu...

Marla Gabriela Pedro

xámos o amontoado de casas
e seguimos a estrada. Pergun-
taste-me se eu tinha pais. Es-
tranhei nunca to ter dito e tu
adivinhasse e só disseste:

— É natural, Tó. Eu também
nunca lho perguntei. São coi-
sas que não se costumam dizer
sem se perguntar. Você nunca
me perguntou pelos meus pais,
por isso não sabe nada — Mas
eu sabia — Também não inte-
ressa saber; são coisas sem
importância — acrescentaste.
E não eram.

— Conte — disse eu — As
vezes interessa saber.

— Você tem mãe, não tem?

— perguntaste novamente.

— Sim tenho.

— E pai também!

— Também — respondi, com
indiferença.

— Eu também tenho. Mas
não tenho, porque não os co-
nheço. Um dia apresentaram-
me alguém; era como se dis-
sessem: aqui tens os teus pais.
E mostraram-mos. Mas eu não
me interessei. Eu não sabia se
eram ou não meus pais. Mes-
mo que fossem, não tinham
significado para mim, porque
eu nunca os tinha visto, e po-
dia não acreditar.

— Céu — disse eu — acho
que você ainda há-de mudar
muito. Tem que mudar. Tem
que mudar. Céu!

— Não tenho, não — E de-
pois: — Espere, você tem ra-
zão; eu tenho que mudar. Mas
não por enquanto, acredite.

— Porquê?

Fique esperando a resposta
e ela's veio. Ó quando eu já não
a esperava:

— Porque me parece que es-
tou bem assim, Tó.

Vila do Conde não tinha que
ver nesse dia. Demos uma vol-
ta pela praça, passámos a pon-
te e depois retrocedemos. Vol-
támos á estrada. E depois:

— Você gosta de mim — in-
quiriste. Viste o absurdo da
pergunta e emendaste:

— Não é gostar de mim como
quando se gosta a sério. Mas
gostar um pouquinho, não sei...

Eu sabia o que querias dizer
E achei interessante que o ti-
vesses dito Sem te olhar res-
pondi:

— Sou seu amigo.

— E' isso. E' isso. Tó. E' isso.
mas eu não sabia dizer.

— Porquê? Custa tão pouco!

— Mas eu não sabia. Não é
bem não saber, porque eu sei
que devia saber — mas não me
lembrava, sei lá.

E não era isso que tentavas
explicar. Querias dizer amiza-
de, mas tinhas receio que eu
pensasse que te referias ao amor.

A chuva parara totalmente;
não se via ninguém na estrada
e só os automóveis corriam,
chapinhando. O céu encoberto
era uma mancha cinzenta.

— Mas eu gosto de você e
isso é que é interessante.

— A Céu faz-me rir. Porque
me conta isso? Nem tem tempo
para arranjar amizade.

— Que importa? Conte por
contar. Parece-me que posso
contar.

— Pode, sim.
Palavras e nada mais.

OS MEUS PROBLEMAS

PROBLEMA

Vivo com os meus pais e
damos-nos muito bem. Acon-
tece que acabo este ano o meu
curso e em Outubro posso co-
meçar a ganhar a minha vida,
o que é muito bom. Pensar que
posso ajudar os meus pais e
recompensá-los um pouco dos
sacrifícios que têm feito por
mim, dá-me uma grande ale-
gria.

Ora eu sou nova, tenho vin-
te anos, mas os meus pais têm
confiança em mim e podem
tê-la, por isso me deixam sair
de casa e ir sozinho para a
terra onde for colocada. Mas
também já me disseram que se
eu quisesse a minha mãe iria
comigo e, com toda a franque-
za, isso agradava-me imenso.
Mas, pergunto eu, Tião: tenho
o direito de aceitar mais esse
sacrifício?

RESPOSTA

Não, não tens. Embora sejas
ainda muito nova, já és uma
senhora, e, ao mesmo tempo, o
teu lugar de professora obri-
ga-te a uma atitude compene-
trada e dá-te um prestígio que
te permite instalares-te, sozi-
nha, em casa de uma família
respeitável, ou ir para casa
própria acompanhada de uma

empregada de confiança. Isto
hoje já é corrente, mesmo nas
nossas aldeias, e não suscita
comentários desagradáveis co-
mo receias, desde que a jovem
professora «saiba pôr-se no seu
lugar», como é o teu caso. Não
me parece justo que teu pai
fique só para que tua mãe te
acompanhe, visto que já não
és um bebé e gozas de excelen-
te saúde. É claro que esta se-
paração e a consequente inde-
pendência a que te obriga, in-
dependência que te será útil e
a que tens direito pela idade e
pela posição que vais ter, não
significa que te «desligues» de
teus pais. Não. Deves continuar
a ser para eles a filha aten-
ciosa, dedicada, e «sempre pre-
sente», que os ajudará em tudo
o que esteja ao seu alcance, e
que os porá ao corrente de to-
dos os factos importantes da
sua vida, para os quais lhes
pedirá conselho mesmo que se
sinta segura, porque sabe que
a sua experiência da vida é
quase nula e que o parecer dos
pais lhe será necessário. Além
de que, essa ligação afectiva é
a melhor recompensa que a fi-
lha poderá oferecer aos pais,
aquela que eles apreciarão ain-
da mais do que as ajudas ma-
teriais.

Felicidades.

TIAO

MITO

Chamei-a e a sombra nada disse
Olhei-a vi-a perto bela
Coroada de rosas na capela
Mas ela desaparece a esvaír-se
E eu no horizonte entrevia Euridice
José Pacheco Pereira

CANSAÇO DE HOJE À TARDE

(Continuação da 1.ª página
deste suplemento)

perfume de flores quase fecha-
das a confundirem-se com esta
noite de mãos ávidas, mas de ar
feliz e submisso. Há este querer
ausente e estas luzes mornas,
quebradas entre os «abat-jours»
de feitiço esquisito e aquele bigo-
de absurdamente retorcido que
aparece logo a seguir ao tratado
de Anatomia.

Deve ser por tudo isto que as
imagens se atropelam, se sobre-
põem, misturando a angustia pe-

sada que me envolve com o
apelo distante dos olhos que não
me fixam, num estranho aceitar
de gritos e de solidões inacabá-
das. É por isto que quero esque-
cer-me, arrancar este cansaço,
oferecê-lo aos deuses que mo de-
ram como prémio de liberdade,
atirá-lo para eles como lhes atiro
a caricatura vaga dum abraço
desajeitado.

(O cansaço acumulara-se en-
tretanto com a cinza nos cinzei-
ros, e os deuses não tinham dado
por isso...)

FERNANDA MANUEL

O DIA-A-DIA

(Continuação da 1.ª página
deste suplemento)

sava a linha férrea...». Burlou-
se na vida. Agora são os outros
que o burlam depois, para não
se sentirem perturbados no seu
silêncio e na sua lenta absorção.
Não viam como é tudo tão cla-
ramente simples. Mas não se en-
contra o burlão. Falta a presen-
ça do outro que, em oportunida-
de única, oferece um bilhete pre-
miado. E, a burla? Quando a du-
vida surge, o homem debruça-se

com mais atenção e logo a inge-
nuidade da etiqueta a afasta.
Aquele sabor esquisito, levemen-
te ácido a angustia que perpas-
sa, é atribuído a uma falsifica-
ção. «Ah! os mixordeiros estão
em toda a parte...». A dose de
amanhã já o não terá. E se tiver
é porque o produto é assim mes-
mo, e para mais, é o único que
há... Vive na burla e não a vê.
A morte quando lha quer mos-
trar, acena-lhe de longe e apro-
xima-se, devagar, bem de frente,
aponta-lhe o passado e diz-lhe
que não mais tem futuro. Aca-
baram-se as possibilidades e o
homem tem de voltar-se para
aquilo que é e para aquilo que
foi. Como numa prisão sem por-
tas e com grades. Entra-se, não
se sabe por onde, e só se está lá
dentro. Não se sai porque não há
portas. Paredes e janelas. Como
os outros, para se verem todos.
E gritarem alto, muito alto, já
que ninguém ou ouvirá: «Burlá-
mo-nos. Queremos justiça!».

JOSÉ PEDRO

Diário de Lisboa

Juvenil
DOS JOVENS PARA OS JOVENS

PÁGINA 4

29 JUNHO - 1965

QUATRO PÁGINAS INDEPENDENTES PARA DESTACAR DESTA EDIÇÃO